INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Os suspeitos do costume: casa em rampa

Gonçalo Filipe Ferreira Dias

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientador:
Mestre Filipe André Touças Magalhães, Professor Auxiliar Convidado
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2022

TECNOLOGIAS
E ARQUITETURA

Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Os suspeitos do costume: casa em rampa

Gonçalo Filipe Ferreira Dias

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientador:
Mestre Filipe André Touças Magalhães, Professor Auxiliar Convidado
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2022

gonçalo filipe ferreira dias
mestrado integrado em arquitectura
iscte – instituto universitário de lisboa

orientador
filipe andré touças magalhães
iscte – instituto universitário de lisboa

Gostava de agradecer:

Aos meus pais e à minha família, por me terem suportado e apoiado nesta viagem.

Ao professor Leopoldo Drummond Ludovice, pois durante todo o meu secundário, se esforçou para que eu seguisse por uma área ligada as artes,
e por ter mantido o contacto e esta amizade, durante todos estes anos.

Aos professores que me marcaram no meu caminho universitário, á professora Paula André, ao professor Bernardo Miranda, ao professor Vasco Rato, e ao professor Filipe Magalhães, por terem sido mais próximos, e por terem feito melhor e a mais.

Aos amigos e aos colegas da universidade,
com especial agradecimento ao João Vieira, ao Miguel Matos, ao Rafael Faustino e ao Isaac Pequicho, por terem sido um núcleo mais restrito dentro deste grupo de amigos, e por se terem mantido autênticos durante estes 5 anos.

Aos amigos e conhecidos, com especial agradecimento aos amigos mais próximos, de Arruda dos Vinhos.

Obrigado a todos.

e quero agradecer a mim mesmo, por não ter desistido.

O propósito desta investigação é sobre o tema da casa.

Numa primeira abordagem, dezasseis alunos investigaram casas de arquitetos portugueses feitas em Portugal, compreendidas no período entre 1960 e 2000, desenhadas por nomes menos conhecidos, e pelos suspeitos do costume que já estamos habituados, que foram procuradas e descobertas na internet, em livros e revistas das bibliotecas, em cadernos dos arquivos da câmara, ou indo diretamente ao encontro dos ateliers, ou da própria porta da casa. Este estudo, resultou num extenso arquivo de 180 casas, que seria a base para o desenvolvimento individual de um tema de curadoria. Considerei interessante estudar as características particulares e especificas das formas de entrar em casa, das casas do nosso arquivo, que depois foram catalogadas num respetivo tipo de entrada.

Numa segunda abordagem é posta em prática através de um extenso processo, o desenho de uma casa. Esse processo começou num primeiro terreno atribuído, que foi trocado regularmente e de forma aleatória para todos os alunos, para que rapidamente reagissem a novas condições e a novos problemas, até à chegada a uma abordagem final, onde é pedida a criação da casa no terreno final.

palavras-chave
arquitetura, arquivo, curadoria, casa, chegada a casa, saída de casa, carro

The purpose of this investigation is on the theme of the house.

In a first approach, sixteen students investigated houses made by Portuguese architects in Portugal, between 1960 and 2000, designed by lesser-known names, and by the usual suspects that we are already used to, that were searched and discovered on the internet, in books and magazines from libraries, in notebooks from the town hall's archives, or by going directly to the ateliers, or from the very door of the house. This study resulted in an extensive archive of 180 houses, which would be the basis for the individual development of a curatorial theme. I found it interesting to study the particular and specific characteristics of the ways of entering home, of the houses in our archive, which were then catalogued in a respective type of entrance.

The second approach is put into practice through an extensive process, the design of a house. This process started with a first assigned plot of land, which was changed regularly and randomly for all students, so that they quickly reacted to new conditions and new problems, until arriving at the final approach, where the creation of the house on the final plot was requested.

keywords
architecture, archive, curation, house, coming-home, leaving-home, car

resumo/abstract 05

184 casas 08

12 casas 22
casa m.araujo e j.montenegro
casa alves dos santos
casa albino matos
casa fatima cruz
casa rua dr.egas moniz
casa josé avelar
casa em alcanena
casa santos viana
complexo residencial gavião
moradia na rua julio dantas
moradia carla afonso
casa em troia

curadoria 36
entrada tradicional
entrada incongruente
entrada infamiliar
entrada ambígua
entrada caótica
entrada rara
o acto de ver a entrada
a entrada alegórica e a fragmentada
entrada espiritual
entrada como preparação para a atmosfera da casa
formas de entrar em casa

processo 50
carro como escultura movel na paisagem
casa na rua dos paus
casa dos volumes na rua dos paus
casa na travessa do soutelo
casa com vista para o patio

ponto intermédio 62
casa com vista para o patio

casa 77
casa em rampa

considerações finais 97

referências bibliográficas 101

créditos de imagens 102

“uma casa é uma obra de arte.”
- kazuo shinohara, 1962

Como ponto de partida para uma investigação, compreendeu-se uma amostra, ampla mas ao mesmo tempo cuidadosamente limitada. O objecto era a casa, unifamiliar, reconhecível; o período histórico uma baliza imprecisa entre o fim do moderno e o início do novo século; os autores seriam portugueses e as obras localizadas em território nacional.

Os critérios foram os listados como podiam ter sido quaisquer outros: a definição de uma colecção, de um arquivo, foi apenas uma desculpa que serviu de base para tudo o que seguiu. Semanalmente, os exemplos foram dissecados e apresentados em turma; posteriormente, foram reorganizados e curados, possibilitando novas leituras resultantes das sobreposições e enquadramentos propostos..


















1960
manuel tainha
casa do freixal

1965
raul chorao ramalho
moradia coronel homem da costa

1966
agostinho ricca
casa m. araujo e j. montenegro

1966
pedro ramalho
casa emílio peres

1966
victor palla e bento d'almeida
casa vale de centeanes

1968
victor palla e bento d'almeida
moradia na praia grande

1969
álvaro siza
casa luis rocha ribeiro

1970
álvaro siza
casa alves dos santos

1970
álvaro siza
casa manuel magalhães

1970
conceição silva
casa rogério martins

1970
fernando távora
casa eng. guilherme álvares ribeiro

1970
manuel tainha
casa gallo

1970
pádua ramos
rua azevedo coutinho

1970
tomás taveira
balaia bungalows

1971
agostinho ricca
casa ferreira alves

1971
álvaro siza
casa alves costa


















1971
domingos tavares
casa albino matos

1973
álvaro siza
casa alcino cardoso

1973
raul hestnes ferreira
casa de queijas

1974
antónio teixeira guerra
casa no guincho

1974
antónio teixeira guerra
casa triangular

1974
sérgio fernandez
vill'alcina

1975
alexandre alves costa
casa marques guedes

1975
bartolomeu costa cabral
casa rua verónica

1975
manuel tainha
casa martins dos santos

1975
manuel vicente
casa weinstein

1976
álvaro siza
casa beires

1976
fernando távora
casa na covilhã

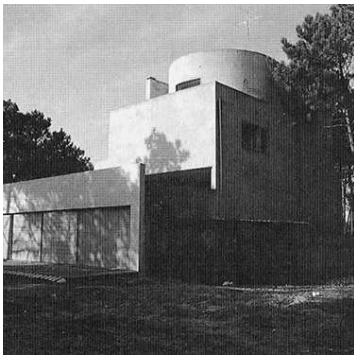
1976
joao nasi pereira
casa sidarus

1978
álvaro siza
casa antónio carlos siza

1978
manuel correia fernandes
quatro casas na aguda

1978
pedro ramalho
casa na rua veludo















1978
simões de carvalho
casa no restelo

1979
pádua ramos
casa na estrada exterior da circunvalacão

1982
carlos prata
casa casimiro vaz

1982
joão carreira
casa josé lino ramalho

1982
manuel correia fernandes
casa mortágua

1982
pancho guedes
casal dos olhos

1982
simões de carvalho
casa em queijas

1982
souto de moura
ruína no gerês

1982
troufa real
casa fátima cruz

1983
josé santa-rita
casa dos bicos

1984
agostinho ricca
casa agostinho ricca

1984
alcino soutinho
casa pinto sousa

1984
álvaro siza
casa avelino duarte

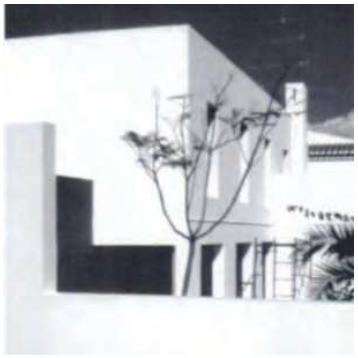
1984
pancho guedes
casa vale vazio

1984
rui b. duarte e ana p. pinheiro
casas na aldeiados navegantes

1985
pedro ramalho
casa carlos de sousa















1985
souto de moura
casa I em nevogilde

1985
troufa real
casa mario cabrita gil

1986
joão alvaro rocha
casa dr. mário lourenço

1986
joão nasi pereira
casa própria

1986
manuel botelho
casa ricardo noronha lima teles

1987
alcino soutinho
casa filipe grade

1987
alcino soutinho
casa no barreiro

1987
álvaro siza
casa maria margarida machado

1987
fernando távora
casa da rua nova

1987
joão nasi pereira
casa mosca

1987
manuel botelho
casa barroso pires

1987
manuel botelho, isabel s. e j. d. carreira
casa joão machado

1987
teresa fonseca
casa antónio filipe

1988
adalberto dias
casa j. neto

1988
alexandre manuel da cruz silva
casa na rua professor melo adriao 128
130

1988
carrilho da graça
casa da fonte fria


















1988
gonçalo byrne
casa sá da costa

1988
joão álvaro rocha
casa de mesão frio

1988
manuel correia fernandes
casa em moledo

1988
souto de moura
casa II em nevogilde

1989
francisco guedes de carvalho
casa horst tjgerman

1989
gonçalo byrne
casa césar ferreira

1989
souto de moura
casa na quinta do lago

1990
carlos prata
casa francisco mourão

1990
fernando távora
casa em briteiros

1990
joão nasi pereira
a casa amarela

1990
mário fróis do amaral
casa unifamiliar

1990
souto de moura
duas casas na rua beato inácio de azevedo

1990
teresa nunes da ponte
casas toca da areia

1991
alexandre alves costa
casa ricardo pais

1991
carlos prata
casa dr. pedro barata feyo

1991
carlos prata
casa luís príncipe


















1991
josé pulido valente
casa na rua padre xavier coutinho 87 91

1991
pádua ramos
casa rua dr. egas moniz

1991
souto de moura
casa I em miramar

1992
alexandre manuel cruz silva
casa na rua padre xavier coutinho 95 99 101

1992
frederico valsassina
casa do alto

1992
josé carlos magalhães carneiro
casa tomás gervell

1992
josé charters monteiro
casa sob a duna

1992
luís patrício costa
casa josé avillar

1992
manuel correia fernandes
casa atelier carlos barreira

1992
manuel correia fernandes
casa da galé

1992
souto de moura
casa em alcanena

1993
egas josé vieira
casa em tróia

1993
joão alvaro rocha
casa no lugar da várzea I

1993
joão alvaro rocha
casa no lugar da várzea II

1993
joão pedro falcão de campos
casa carlos bettencourt

1993
joão pedro falcão de campos
casa comandante almeida cavaco


















1993
manuel e francisco aires mateus
casa em nafarros

1993
mário fróis amaral
casa na travessa do campo do paiva

1993
nuno e josé mateus
casa pátio melides

1994
adalberto dias
casa de penha longa

1994
álvaro siza
casa luís figueiredo

1994
candido chuva gomes
casa dra. celeste gonçalves

1994
carlos prata
casa engenheiro raimundo delgado

1994
graça dias e egas vieira
casa no penedo

1994
manuel botelho
casa engenheiro nunes sousa

1994
rui b. duarte e ana p. pinheiro
casa vítor caine

1994
souto de moura
casa I no bom jesus

1994
souto de moura
casa em cascais

1994
souto de moura
casa na avenida da boavista

1995
alexandre marques pereira
casa das tílias

1995
carvalho araújo
casa jlf

1995
josé bernardo távora
casa em fafe


















1995
josé simões neves
casa rui jordão

1995
mário fróis do amaral
rua almirante reis

1996
álvaro siza
casa césar rodrigues

1996
josé fernado gonçalves
casa j

1995
manuel botelho
casa eng. matos almeida e eng. augusto pina

1995
paula santos e rui ramos
casa antónio feijó

1996
mário fróis do amaral
casa no lugar de ponte de várzea

1996
josé gigante
reconversão de moinho

1995
manuel graça dias e egas josé vieira
casa do guarda

1995
ricardo bak gordon e carlos vilela
casa no cabo da roca

1996
joão carreira e paulo valente
casa dr. francisco valente

1996
manuel correia fernandes
casa teixeira dos santos

1995
mário fróis do amaral
moradia bi familiar

1995
souto de moura
casa em tavira

1996
joão pedro falcão de campos
casa cavaco rodrigues

1997
alexandre manuel cruz silva
casa na rua viana lima 54


















1997
carlos castanheira
quinta do buraco - casa I

1997
domingos tavares
casa na rua do breiner

1997
mário fróis do amaral
casa na rua cálvario

1997
joão alvaro rocha
casa no lugar do paço

1997
manuel e francisco aires mateus
casa na quinta da moura

1997
manuel correia fernandes
casa malafaya

1997
rui b. duarte e ana p. pinheiro
casa lajas pereira

1998
carlos castanheira
casa senhora da guia

1998
carlos prata
casa dr. castro rocha

1998
carlos prata
casa dr. pinheiro pinto

1998
joão pedro falcão de campos
casa tomé matos lopes

1998
miguel salgado braz e josé nuno beirão
casa santos viana

1998
pedro maurício borges
casa fonseca e macedo

1998
souto de moura
casa em moledo

1999
alcino soutinho
casa pina vaz

1999
alexandre marques pereira
casa saraiva


















1999
álvaro siza
casa david vieira de castro

2000
manuel e francisco aires mateus
casa no litoral alentejano

2000
gonçalo leitão e pedro viana carreiro
casa na aroeira

2000
manuel botelho
casa dr. paulo pires

1999
inês lobo e pedro domingos
duas casas em sesimbra

2000
alcino soutinho
moradia na rua júlio dantas

2000
joão mendes ribeiro
reconversão de um palheiro

2000
nuno brandão costa
casa da boavista

1999
josé gigante e nuno valentim lopes
complexo residencial gavião

2000
carrilho da graça
casa sousa ramos

2000
joão ribeiro de carvalho
moradia nas azenhas do mar

2001
carlos castanheira
quinta do buraco - casa III

1999
souto de moura
casas pátio em matosinhos

2000
souto de moura
casa d6

2000
luís ferreira rodrigues
casa ze+si

2001
joão álvaro rocha
casa no lugar da várzea III


















2001
joão pedro falcão de campos
casa saraiva lima II

2001
pedro maurício borges
casa pacheco de melo

2002
antónio belém lima
casa mts

2002
paulo gouveia
casa em sintra

2001
josé pulido valente
moradia carla afonso

2001
souto de moura
casa ferreira de castro

2002
nuno e josé mateus - arx
casa na malveira

2002
ricardo bak gordon
casa em boliqueime

2001
manuel botelho
casa maia ribeiro

2002
manuel e francisco aires mateus
casa em alenquer

2002
carlos castanheira
casa tivinha

2002
ricardo bak gordon
casa em pousos

2001
nuno brandão
casa em afife

2002
álvaro siza
casa armanda passos

2002
paulo gouveia
casa em são joão

2002
souto de moura
casa na serra da arrábida










2002
souto de moura
duas casas em ponte de lima

2003
alcino soutinho
casa em afife

2003
jorge mealha
casa em tróia

2003
josé gigante
casa gabriela pinheiro

2003
nuno lacerda lopes
casa botte

2003
nuno e josé mateus - arx
casa no romeirão

2003
pedro mendes
casa em pavia

2004
joão álvaro rocha
casa no lugar do baixinho

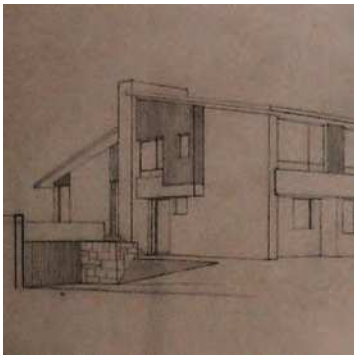
12 semanas, 12 casas. Para cada objecto procuraram-se as fontes, de revistas a entrevistas, digitalizaram-se imagens, redesenharam-se plantas, cortes e alçados. Para alguns afortunados, visitaram-se, in situ, os espaços. A colecção foi minuciosamente organizada num servidor comum acessível a todos.

Semana a semana, cada aluno apresentou uma casa, permitindo um alargamento constante do arquivo. Os padrões que viriam a ser curadoria formaram-se lentamente.

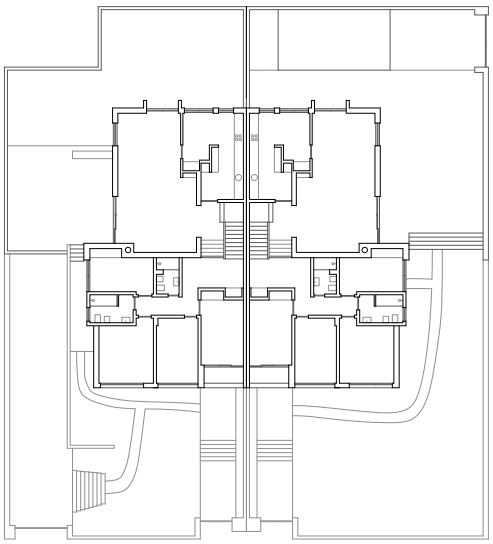


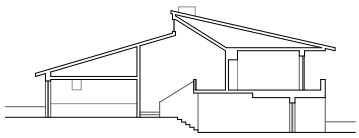


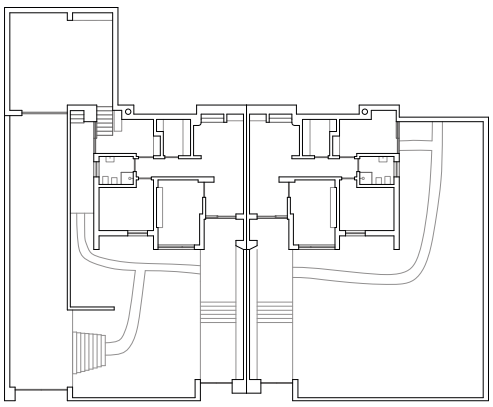












1966
agostinho ricca

casa m.araujo e j.montenegro
1/500

A Casa M.Araujo e J.Montenegro, localizada na Av. da Boavista, no porto, é uma obra com os traços do regionalismo critico, com os típicos detalhes e palete de materialidade associada na sua vasta obra.

Com base no desenho podemos perceber que se trataria de um projeto de duas casas totalmente espelhadas, caso não existissem as condicionantes associadas á forma do terreno e das ruas existentes. Desta forma apesar de serem duas casas idênticas na sua forma, apresentam percursos pedonais de chegada diferentes, com padrões de entrada habitual distintos e com sítios do carro diferentes, tornando toda a experiência do modo de entrar diferente, mantendo a experiencia do viver interior idêntica.

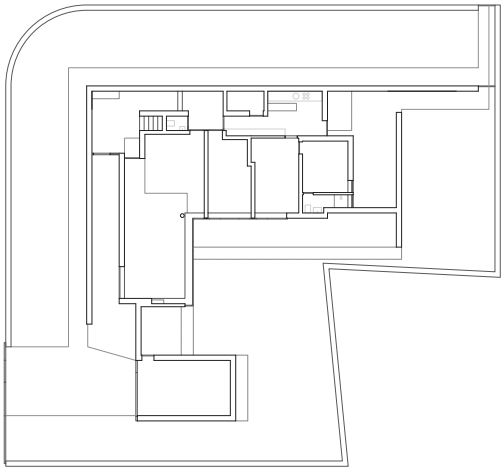


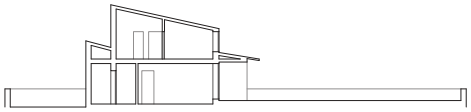


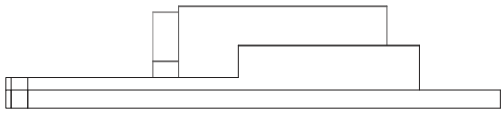












1970
alvaro siza

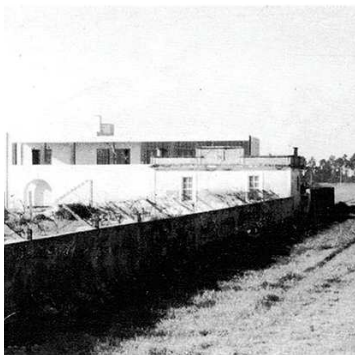
casa alves dos santos
1/500

A Casa Alves dos Santos, localizada no concelho de Póvoa de Varzim, no porto, num gaveto em formato de L, apresentando-se como uma casa introvertida, com alçados totalmente cegos e afastado dos limites do terreno junto a rua, que contrastam completamente com a abertura total de todas as divisões para o espaço exterior existente.

A chegada a casa é feita entre muros que escondem o contexto onde se insere, e a distribuição é feita por sucessivas e mudanças de cota, que em conjunto, resultam no aumento das experiências para com a vista para a natureza dentro de cada divisão.

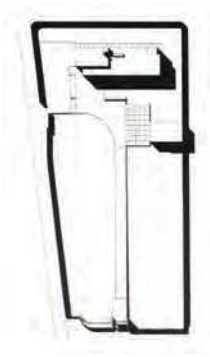
Nesta obra vemos casadas características do regionalismo como o telhado inclinado e o uso de materiais artesanais com as características do internacionalismo com o extenso uso de fachadas brancas e cegas com ausência de escala, no que foi uma das últimas obras desta fase de Siza, antes do Siza Vieira que conhecemos hoje.

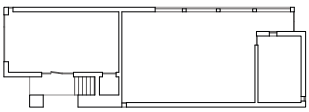


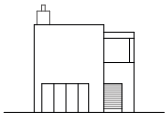


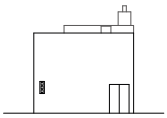


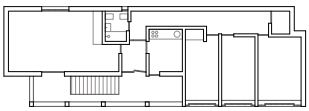


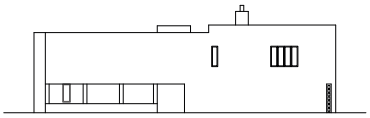












1971
domingos tavares

casa albino matos
1/500

25 / 103

A Casa Albinos matos, localizada na rua dos Moliceiros, em Ovar, foi um projeto feito através da troca de correspondência entre domingos tavares e o cliente, na altura emigrado no Canadá.

O projeto foi uma resposta critica ao que eram as casas típicas do emigrante. O emigrante trazia o orgulho, o progresso e os quereres, mas não o traçado, que tipicamente, era feito por construtores-vendedores de produtos de catálogo, que interesse algum não tinham sobre o cliente e apenas queriam vender a novidade e o que já sabiam fazer.

Este projeto encara o desafio dos quereres de um típico emigrante, a casa estilo colonial com uma longa entrada, escadas para o primeiro andar, com a varanda para ver e receber a procissão, associados ao traço controlado e moderno do verdadeiro arquiteto.

O vermelho nas suas carpintarias reforça a leitura da faixa horizontal, e identifica a zona residencial, como espaço privilegiado para disfrutar da paisagem.

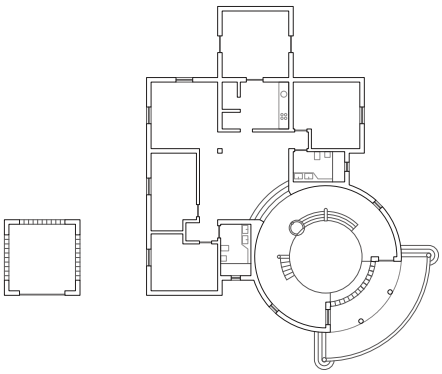


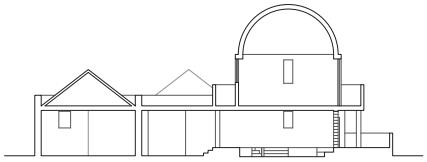


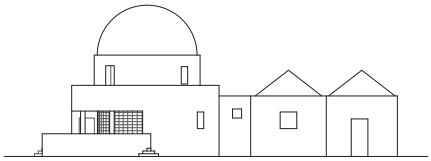












1982
troufa real

casa fatima cruz
1/500

A Casa Fátima Cruz, localizada na Rua dos Corte Real, nos Açores, é uma casa desenhada pelo arquiteto pintor Troufa Real.

O desenho surge de um modulo de quadrados dispostos numa grelha de 3 x 3 com a dimensão de 5m de lado. Dessa grelha, o quadrado mais junto a rua principal passa a ser um círculo e uma torre arredondada, onde se encontra a entrada e a zona comum. O quadrado no interior da grelha funciona como hall que distribui para os restantes quadrados, sendo cada um deles a sala de jantar, cozinha, quartos e as instalações sanitárias. No exterior surge com mesma regra e linguagem a garagem e uma zona de apoio.

É possível notar o aspeto final neutro da construção, relativamente á cor presente nos seus desenhos, que é igualmente notável no seu edifício Bandeira habitada, no parque das nações. Podemos especular que a sua ideia criativa por vezes não pode sair do papel na sua totalidade, por romper completamente com o seu contexto, ou por não ser permitido devido aos regulamentos.

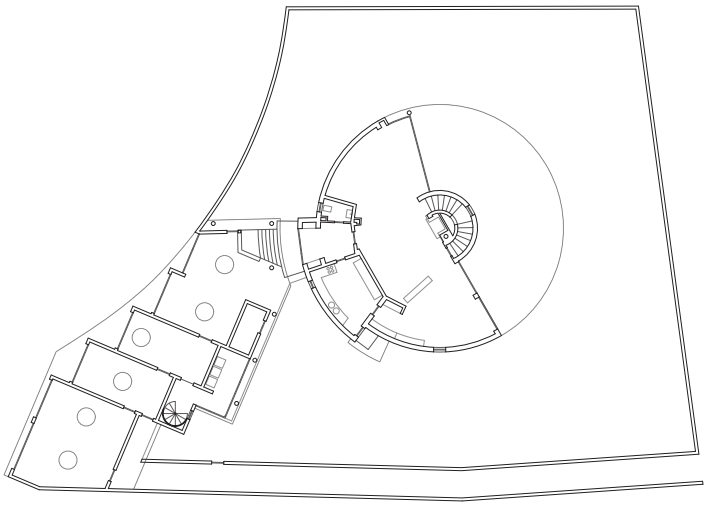


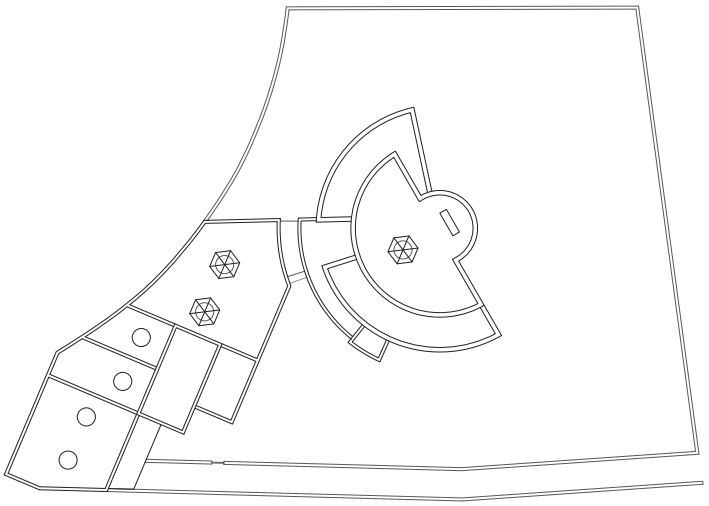












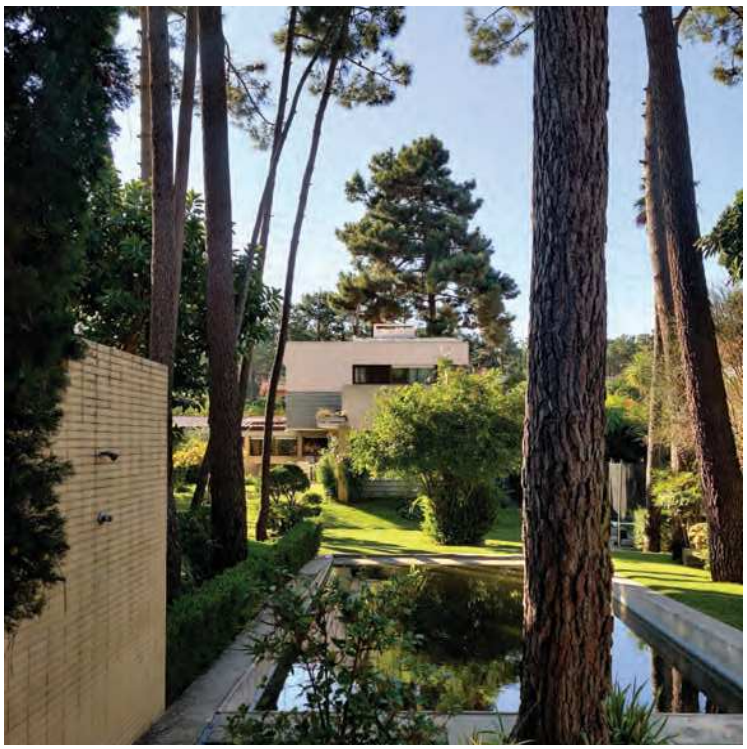
1991
padua ramos

casa rua dr.egas moniz
1/500

A Casa Rua Dr. Egas Moniz é localizada nas traseiras, junto a casa na rua exterior da circunvalação também da sua autoria. Foi um projeto que desenhou e que reflete por completo a essência do arquiteto escultor, projetado numa casa escultura de art Déco, simples e complexa ao mesmo tempo.

Foi uma obra projetada para a filha, como um Éden protegido do mundo exterior, completamente virado para dentro de uma grande estufa em forma de cúpula de estrutura complexa de ferro e vidro, que não chegou a ser construída devido aos custos, mas que manteve a ideia das aberturas para a natureza presente no espaço exterior.

Toda a construção é escultura, vista do lado de fora e sentida do lado interior, onde é notável a quantidade de detalhes e aberturas que deixam entrar a luz, e a escada esculpida em torno da lareira central.

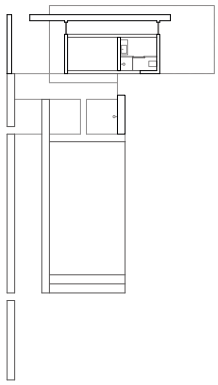


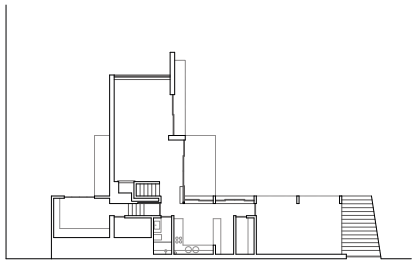


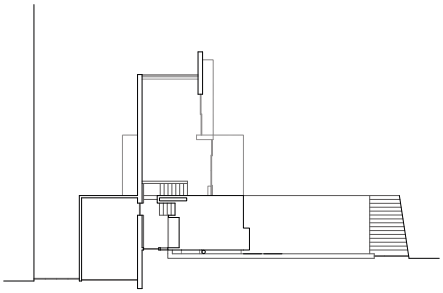


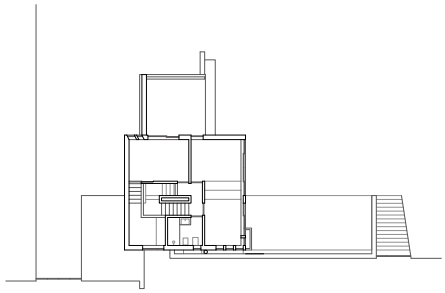












1992
luis patricio costa

casa josé avelar
1/500

A Casa José Avelar, localiza-se na Av. Pinhal da Aroeira, na Verdizela.

Devido ao plano de implantação e ao talude de 3m do terreno em relação a rua, a casa funciona num programa de meios pisos. No volume superior, existe um pequeno escritório e a zonas dos quartos, à cota da rua a entrada e o sítio do carro, e no volume inferior toda a zona social. O projeto é todo ele aberto entre estes espaços e centrado à volta do pilar de betão envolvido pelas escadas, que é o coração quente da casa, pois é a chaminé da lareira que vai aquecendo toda a casa, e é também pilar estrutural que segura a laje da cobertura.

A casa é dotada de detalhes feitos pelo arquiteto, que vão desde as maçanetas das portas, aos candeeiros sobre elas e sobre as janelas, na materialidade presente no exterior que penetra o interior, bem como nos diversos jogos de entradas de luz. Originalmente apresentava no alçado da rua, diversos tipos de flores e vegetações, e era motivo de muitas paragens por quem passava. No exterior, foram mantidos os pinheiros originais do pinhal, e mais tarde foi construída uma piscina e uma zona de apoio, com a mesma linguagem da casa.

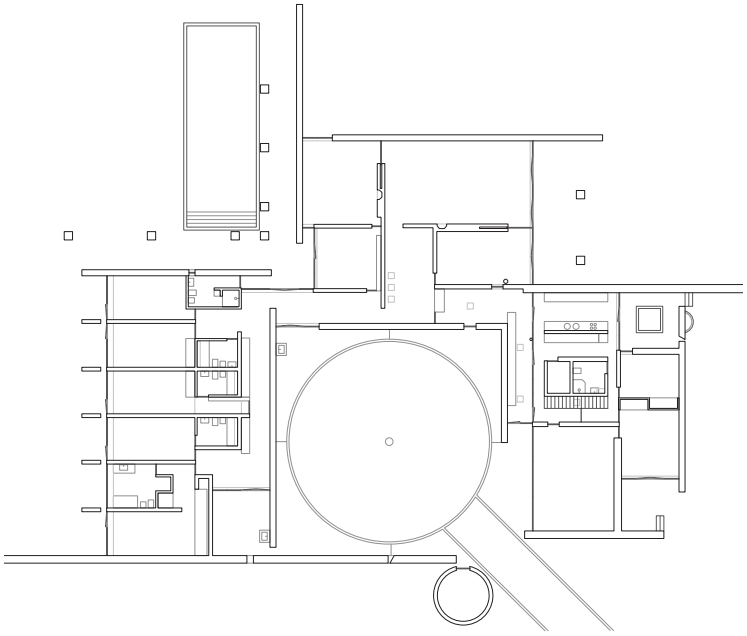


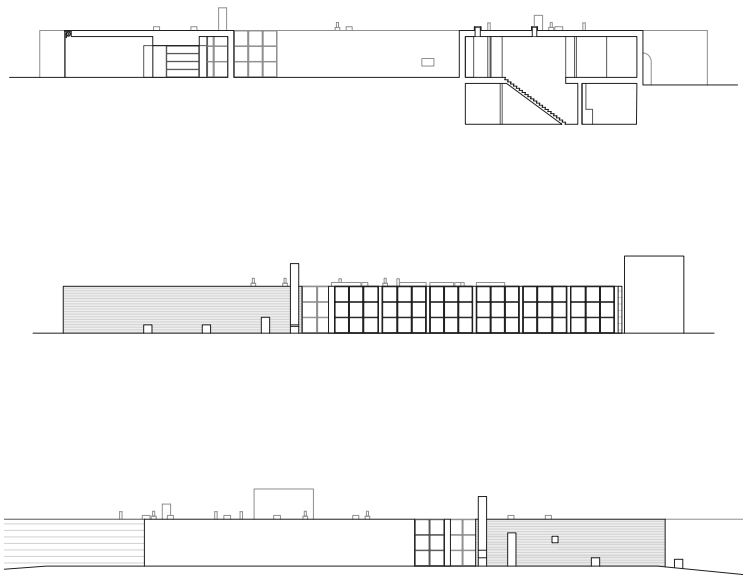












1992
souto de moura

casa em alcanena
1/500

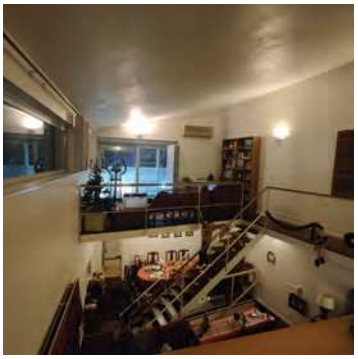
Originalmente concebida como a ideia de uma vila Romana nos primeiros desenhos, dessa ideia apenas sobreviveram os muros que são orientados perpendicularmente a direção das vinhas que se vêm ao longo do percurso de chegada, e que escondem a laje da casa na sua totalidade, muito influenciada pela Brick House de Mies Van der Rohe.

A chegada é feita numa praça central que esconde a paisagem com os seus muros cegos, e toda a organização das áreas é feita a sua volta. Cada zona tem a sua vista seletiva e recortada, a zona privada com a vista a sudoeste, a piscina com a vista a sul, a zona comum com a vista a noroeste e a zona de serviços a vista mais a norte.

É levantado o tema da ruína, recorrente nos seus trabalhos anteriores, que aqui surge não como o remanescente de uma antiga construção, mas como algo propositadamente construído e deixado em espaços a volta da casa, e o tema do pilar azul que não é pilar, é uma chaminé, servindo como elemento de exceção, que foge completamente da palete dos tons terra do projeto.

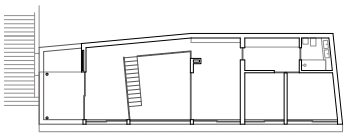


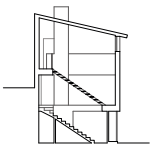


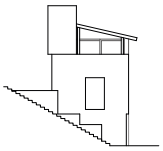


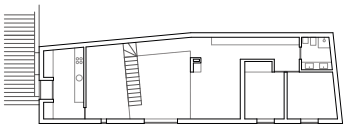


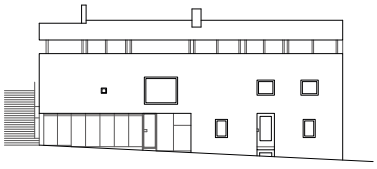


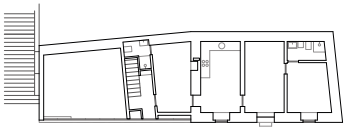












1998
miguel salgado braz
josé nuno beirão

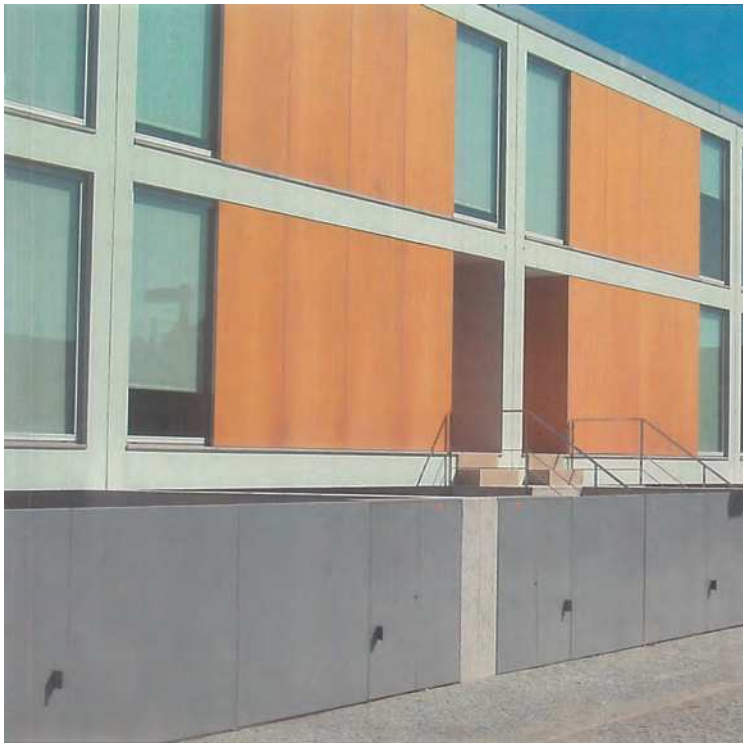
casa santos viana
1/500

A Casa Santos Viana, localiza-se na Rua dos Guerras, no centro de Alenquer, e trata-se de projeto construído sobre uma pequena casa existente.

No rés-do-chão, existe um anexo para um carro, a zona de entrada e um pequeno escritório na face de planos metálicos da fachada. Junto encontra-se a antiga casa, onde mora a sogra do cliente. Os dois pisos superiores são semelhantes, mantendo-se o plano dos quartos, a sala de duplo pé direito inclinado com duas mezzanine, seguindo-se a cozinha e a varanda no topo. No centro da casa encontramos a lareira que é constante em todos os pisos.

Na sala, a faixa de janelas no topo serve primeiramente como entradas de luz, e para ver as fachadas distantes em frente nas mezzanines, enquanto a grande abertura principal no piso inferior enquadra as ruas principais, o parque e o rio.

Na materialidade interior encontramos as paredes brancas, madeiras desenhadas e as típicas mármores recortadas muito ao estilo que Siza nos habituou.

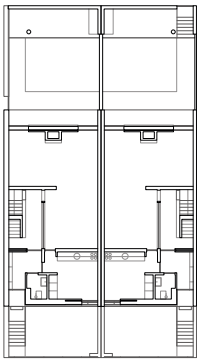


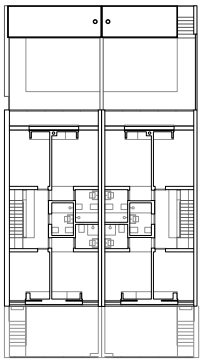


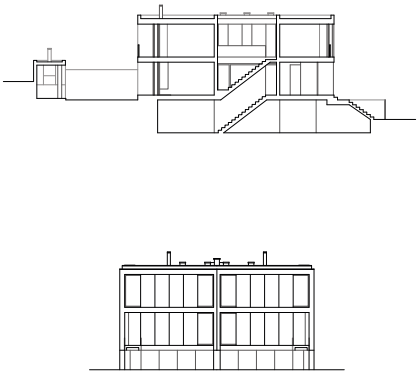












1999
josé gigante
nuno valentim lopes

complexo residencial gavião
1/500

O Complexo Residencial Gavião, localiza-se na Travessa dos Jardins da ponte, no Gavião, e trata-se de projeto que cria estabilidade na zona, cozendo uma envolvente fragmentada, através de um conjunto residencial de vivendas em banda com volumetria e dimensão e materialidade demarcada, espalhadas e multiplicadas entre si como módulos, com uma identidade própria na zona.

No piso de entrada encontra-se a zona comum da casa, sendo a cozinha a sala e o espaço exterior nas traseiras, no piso inferior a garagem e arrumos, e no piso superior a zona privada.

A materialidade é a própria que encontramos em diversos projetos de José Gigante, bem como a sua tradicional parede de vidro que separa a zona social do espaço de chegada ou do corredor, e que permite uma conexão visual entre espaços, sem a perturbação do som.

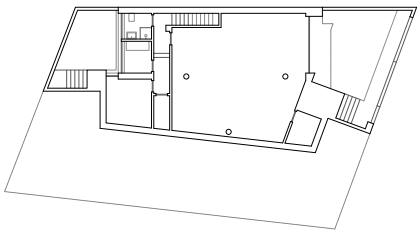


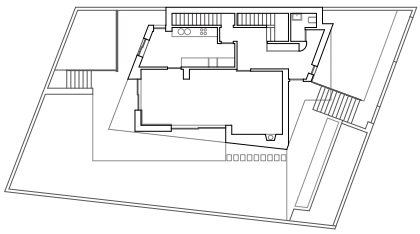


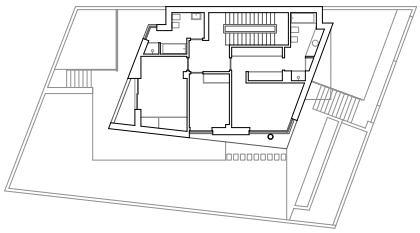


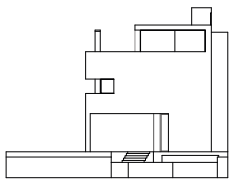


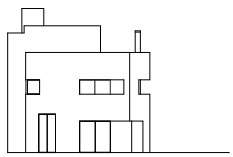












2000
alcino soutinho

moradia na rua julio dantas
1/500

32 / 103

A Moradia na Rua Júlio Dantas, localiza-se em Paços, no Porto, e insere-se num lote com algumas condicionantes, como o terreno ter uma forma distorcida, e ser necessário que a implantação seja espelhada e junto ao edifício adjacente.

A casa é um volume maciço, que é recortado num jogo com os limites do terreno ao longo dos pisos que fazem as aberturas, ganhando a sua direção, ou sendo recortado paralelo ou perpendicular em relação ao lado que está adjacente.

O programa distribui-se com o espaço social no piso de entrada, o piso da cave com a garagem, arrumos e serviços, o primeiro piso com o espaço privado, e o último piso como um grande espaço pensado para um escritório e para uma biblioteca, e que tem a melhores vistas desafogada para a cidade.

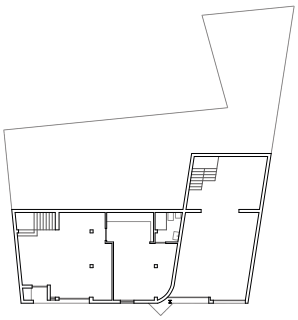


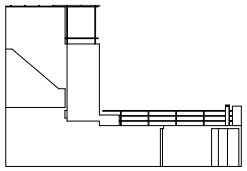


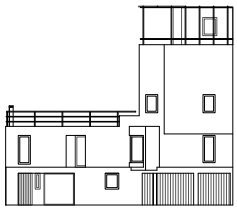


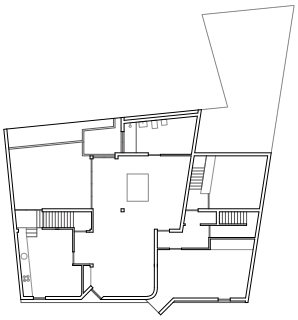


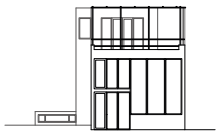














2001
josé pulido valente

moradia carla afonso
1/500

A Moradia Carla Afonso, localiza-se na rua Padre Xavier Coutinho, no Porto, conhecida rua por ter muitos projetos do arquiteto Pulido Valente.

Foi uma casa que foi crescendo ao longo do tempo, e que tenta da melhor maneira e com o máximo de aberturas possível, virar-se para sul.

A entrada no piso térreo pode ser feita de duas formas, pela porta principal que abre para uma sala secundaria e que dá acesso á escada para o espaço social principal, ou pela garagem que dá acesso as escadas para a área dos quartos. Na área dos quartos é possível aceder a volume com uma mezzanine, que serve de escritório e de espaço expositivo, e daqui é possível aceder ao último piso onde se encontra o solário da casa.

É ainda notável as duas janelas da fachada que se distorcem, uma na área social e outra no quarto principal, que são desenhadas com o propósito de olharem a zona da rua que terá mais movimento.

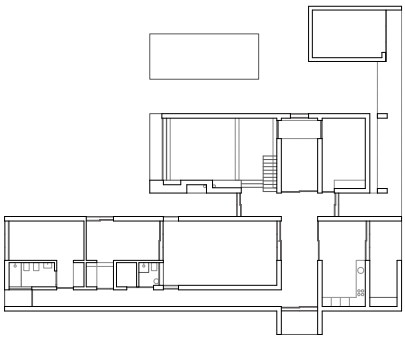


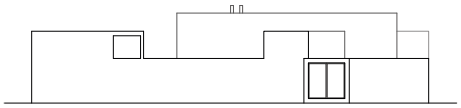


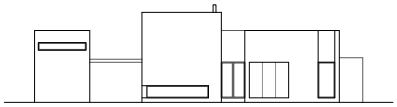


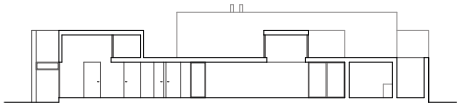












2003
jorge mealha

casa em troia
1/500

34 / 103

A Casa em Troia, localiza-se na rua da Calçada do Lago, em Sol Troia, e é um projeto que tem por base um conjunto de 3 volumes quase cegos que pretendem perder a escala em relação ao exterior, e através das aberturas, e criar a ilusão de estar completamente isolada naquela área, abrindo os vãos para o céu, para a vegetação lateral e para os pinheiros.

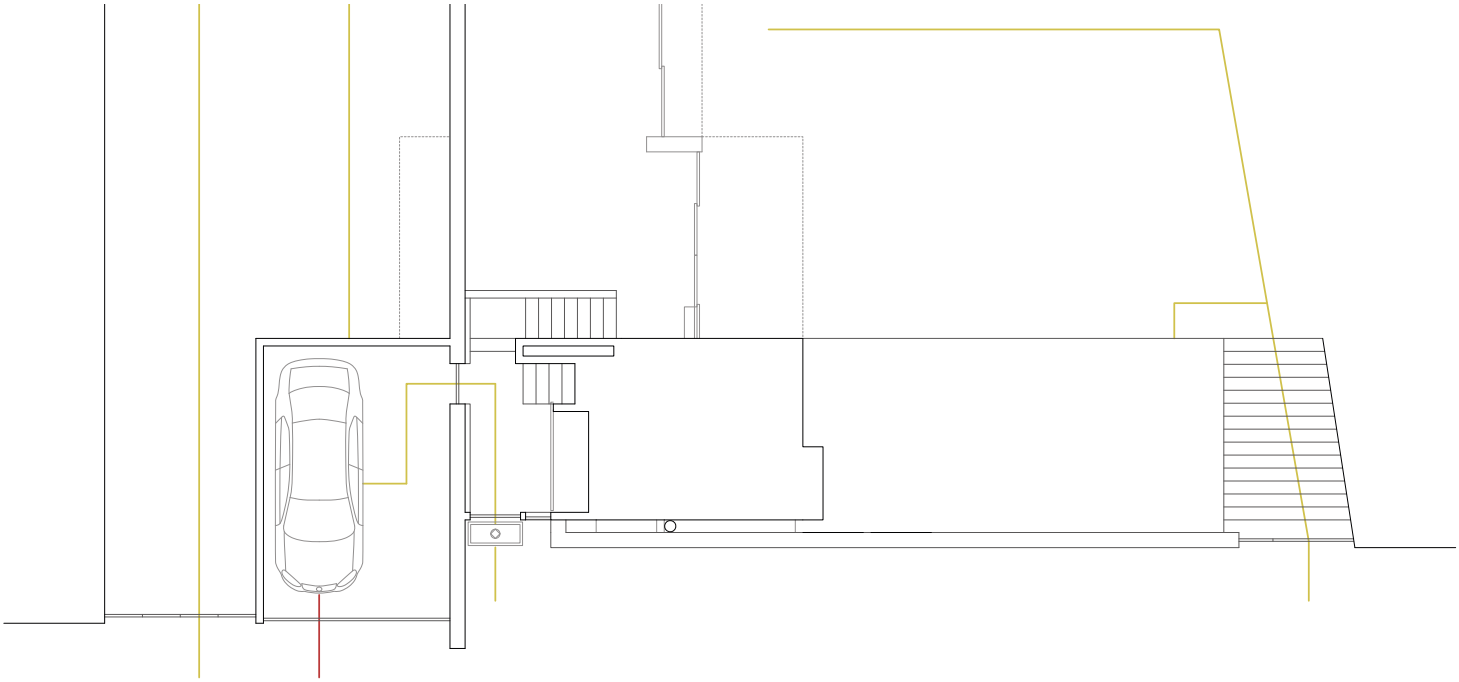
Projetada para ser a casa de ferias para uma família numerosa de diversos escalões etários, partes nos volumes foram vazadas, de modo a criar pátios para as crianças, pátios para os adolescentes e pátios para os adultos.

Todo ele é um jogo ambíguo de volumes, de escala, de recortes e de entradas de luz direta e difusa, que vai variando ao longo do dia, e onde é possível deambular por todos os espaços, não existindo uma clara noção de entrada principal.

Organizar uma exposição, tese ou manifesto tendo apenas como matéria prima o arquivo criado nas 12 semanas de discussão. Propor uma leitura pessoal de um tema, sem pré-definições ou limitações, fosse ele baseado num autor, obra, elemento ou obsessão pessoal. Da cor à chaminé, da organização à percepção, cada aluno enfrentou a colecção de ângulos distintos e com objectivos diferentes. Os resultados nunca poderiam estar certos ou errados.







1992
luis patricio costa
casa josé avelar

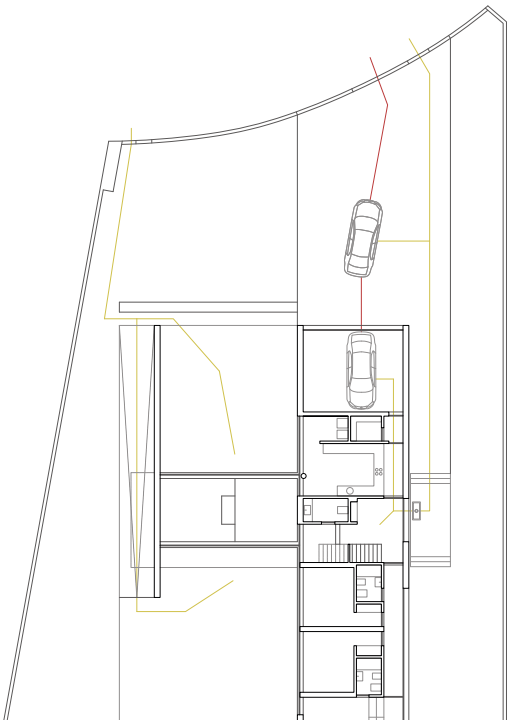
entrada tradicional

Formas de Entrar em Casa.

O estudo sobre as várias formas de entrar em casa, das casas presentes no nosso arquivo, mostrando as particularidades e as características especificas que nelas existem, que não dependem do tempo, não dependem de onde foram construídas, e que não dependem de quem a desenhou.

Começando pela entrada tradicional, que é a entrada mais comum no nosso arquivo e usando como exemplo a casa José Avelar, o acto de entrar, seja pela garagem porque estacionei o carro, seja a pé pela porta principal, é sempre feito para o tradicional hall de entrada ou corredor de distribuição, que é o também o sítio de deixar a carteira, as chaves, o casaco e o chapéu, de trocar os sapatos pelos chinelos, e dada a época, de deixar a máscara. É o sítio de arrumar o nosso eu exterior, e deixar o eu interior entrar em casa.

E toda esta experiência muito natural faz parte do normal acto de entrar em casa.

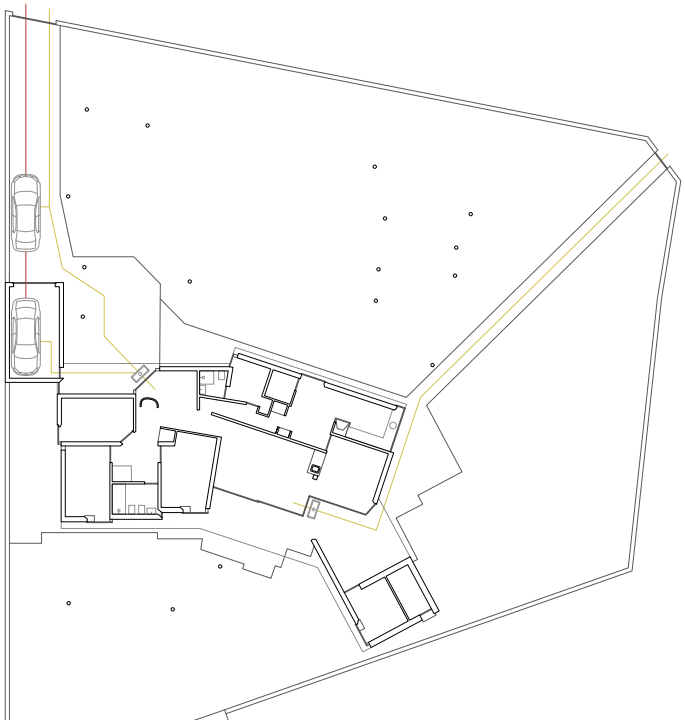




















2003
nuno lacerda lopes
casa padre otte

entrada incongruente

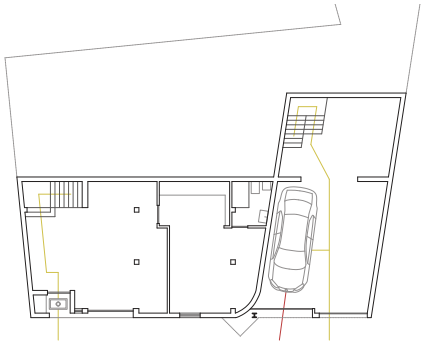
E quando este acto não condiz com a normalidade a que estamos habituados, e nos leva por condições diferentes? A entrada Incongruente não se afasta da típica entrada tradicional, mas tem a sua particularidade.

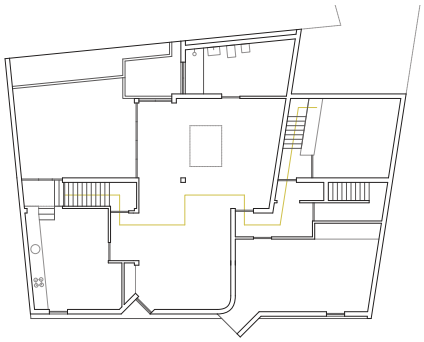
1969
alvaro siza
casa luis rocha ribeiro

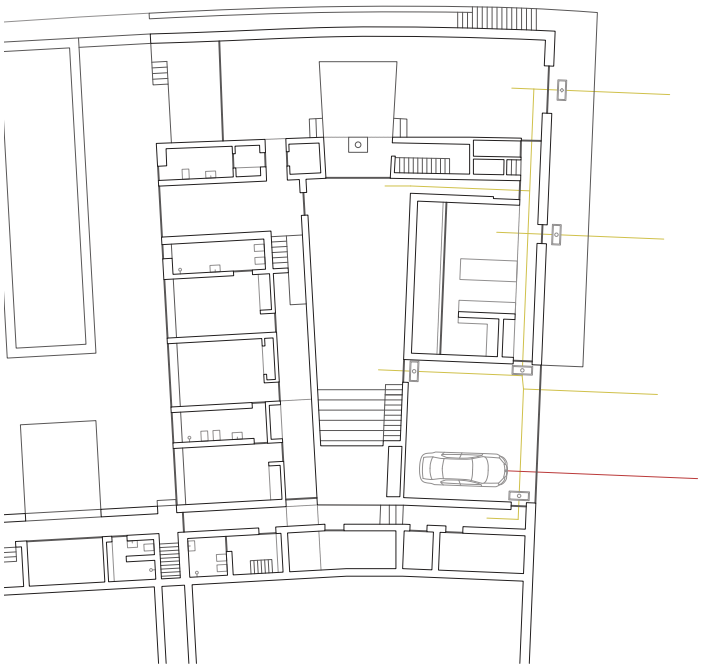
Tipicamente teríamos um caminho direto com todas as ações relacionadas com o acto de entrar, entre o portão de entrada principal e a porta principal que antecede o hall de entrada, mas isto não acontece.

Na casa Luís Rocha Ribeiro, o portão principal dá para um coberto exterior junto a uma porta que abre diretamente para a zona social da casa, enquanto que a porta da entrada principal é virada para o portão do carro. Aqui já podemos diferenciar dois tipos de caminho, o caminho habitual, e o caminho do convidado.

Na casa Padre Botte, o portão principal dá para entrada principal, mas é no portão secundário que encontramos a caixa do correio, um meio cada vez menos utilizado, mas que a actividade pertence ao acto de entrar. Por este percurso, não somos direcionados para a porta principal, mas para o pátio traseiro na zona social da casa.

















2001
jose pulido valente
moradia carla afonso

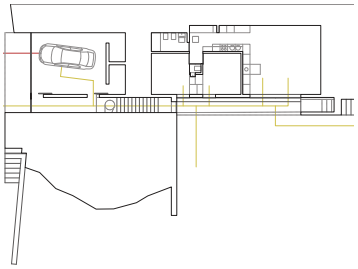
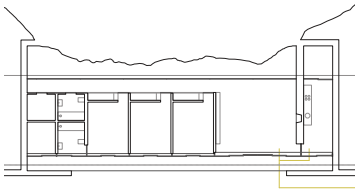
2000
manuel botelho
casa dr. paulo pires

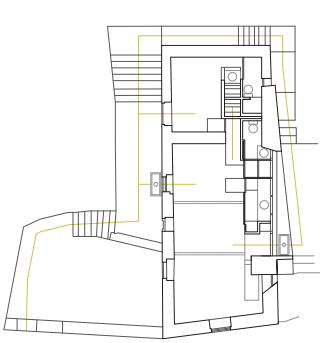
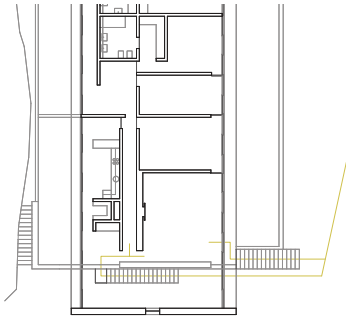
Com entrada infamiliar, são casas onde a entrada não dá diretamente para um espaço familiar, quando comparadas com as tradicionais.

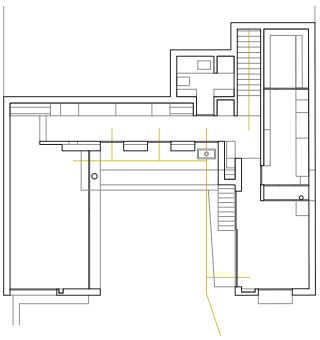
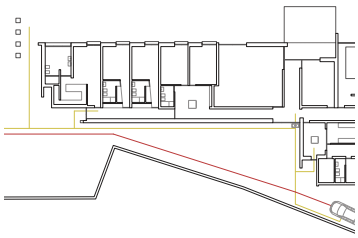
No caso da Moradia Carla Afonso, a infamiliaridade existe pelo facto das duas entradas abrirem para dois espaços distintos, uma sala secundaria, e para o corredor do espaço privado, e só após a passagem por estes espaços, é que finalmente chegamos ao espaço social. Não deixando de ser palpaveis, estas entradas fogem da normalidade.

Na Casa Dr. Paulo Pires, a sua infamiliaridade não só vem de existirem maneiras distinta de entrar para espaços distintos, seja através de portas que abrem para corredores, pátios ou outras divisões, mas também pela possibilidade de a entrada poder ser feita por janelas.

Com esta possibilidade de a entrada ser feita por portas que são portas ou por portas que são janelas, mas não por janelas que são janelas, deixa no ar a ideia de existência uma ambiguidade na entrada para a casa.


entrada ambígua 40 / 103

1990
carlos prata
casa francisco mourão

1991
carlos prata
casa dr. pedro barata feyo

1994
carlos prata
casa engenheiro raimundo delgado

1998
souto de moura
casa em moledo

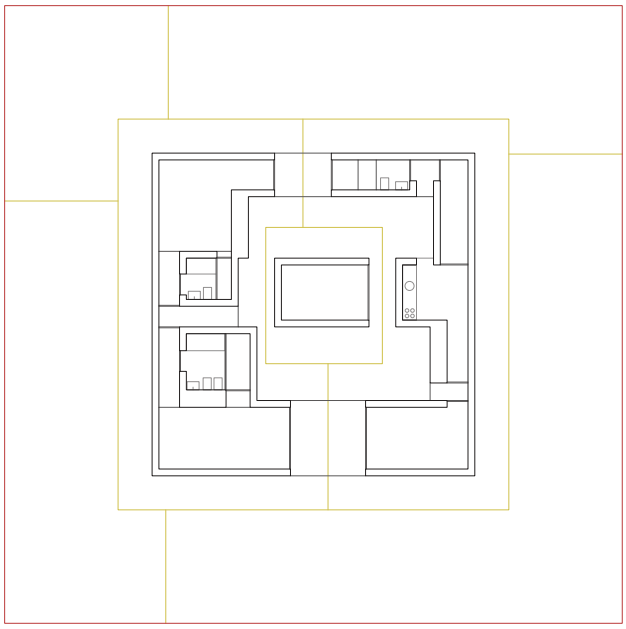
1994
souto de moura
casa 1 em bom jesus

1988
souto de moura
casa 2 em nevogilde

Esta ambiguidade na entrada é explorada e pode ser comparada entre dois arquitetos dentro do nosso arquivo, Carlos Prata e Souto de Moura.

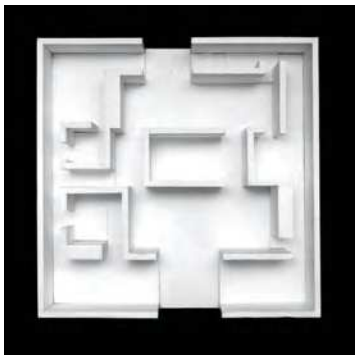
No primeiro exemplo, existe ambiguidade do alçado, onde não existe uma clara definição de janela de entrar principal. No segundo, a ambiguidade no caminho, onde pelo percurso, existem maneiras mais próximas de entrar antes da chegada a própria porta de entrada principal. No terceiro, há ambiguidade devido ao grande número de possíveis entradas na mesma zona.

Carlos Prata consegue ser visto como o mais ambíguo dos dois. As suas entradas não são claramente demarcadas, e praticamente só sabemos onde é a entrada principal, por ter um tapete onde podemos sacudir os pés antes de entrar, enquanto Souto de Moura consegue ser mais controlado e manter alguma familiaridade nos seus projetos, seja por posicionar a porta principal mais perto da zona esperada de chegada, ou por diferenciar nos seus projetos entre janelas que são janelas, e janelas que são portas, através de traços distintos no design de ambos.



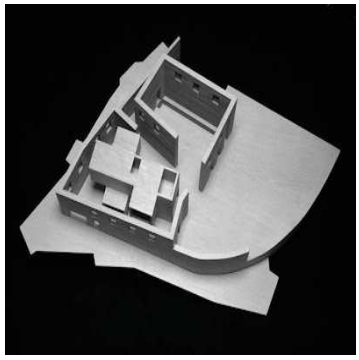






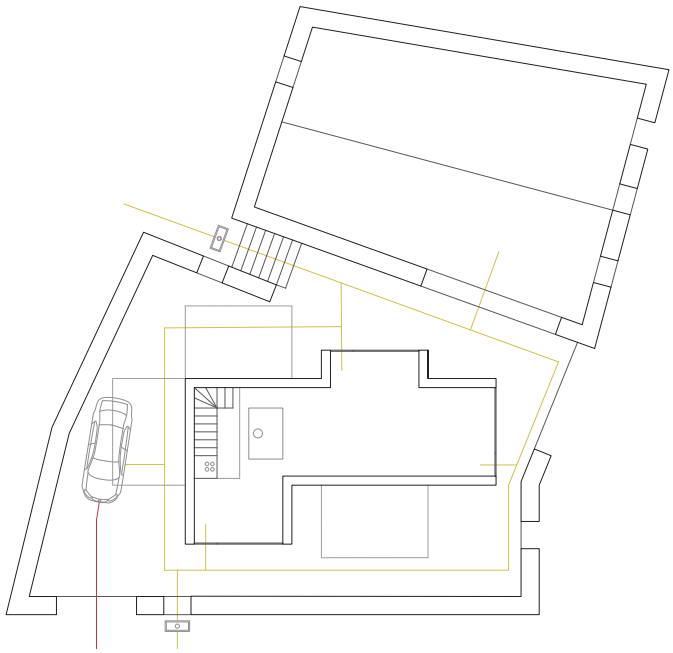












2000
aires mateus
casa no litoral alentejano

2002
aires mateus
casa em alenquer

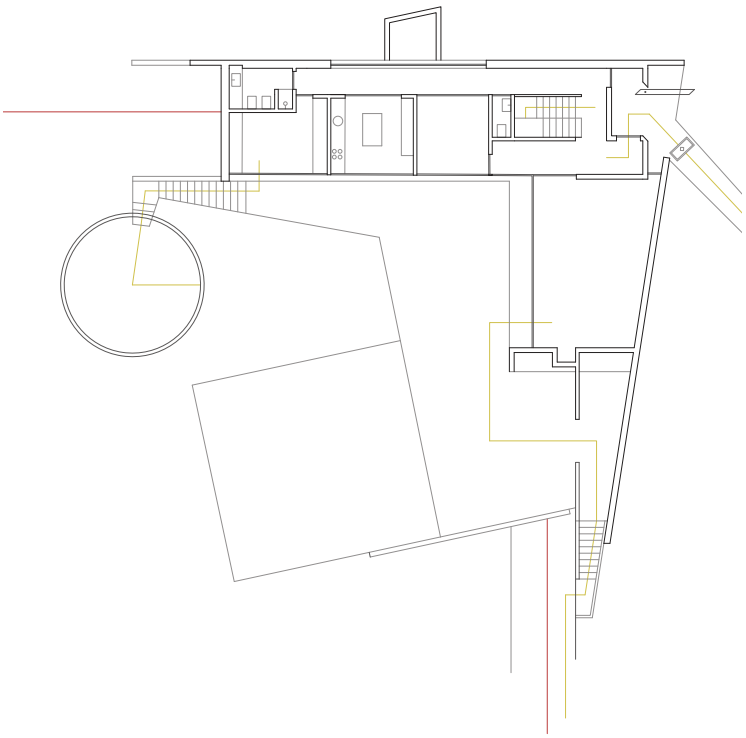
entrada caótica

E quando o arquiteto não se consegue controlar e faz o impensável, reduzindo ao mínimo o conceito da casa, e retirando-lhe o conceito de entrada, criando uma entrada caótica? Esta experiência é muito recente tendo em conta as o período do arquivo, e é nos demonstrada pelos arquitetos Aires Mateus.

A Casa no Litoral Alentejano é uma casa experimental, onde o conceito de casa foi reduzido ao mínimo, levando consigo o conceito de divisões de entrada, de corredores, de portas e de janelas. Toda ela é espaço exterior e interior por onde se deambula de divisão para divisão, existindo aberturas sem hierarquia que servem de conexão entre espaços.

Já na Casa em Alenquer é nos apresentado outro conceito, a casa ruína de entrada convencionais, que envolve uma casa com entradas caóticas. Na primeira sabemos onde é a entrada, e depois andamos as voltas á procura da porta na segunda.

Em ambas é desconstruído o conceito de corredor e de hall de entrada, e o conceito de entrada principal, habitual ou da entrada de honra.

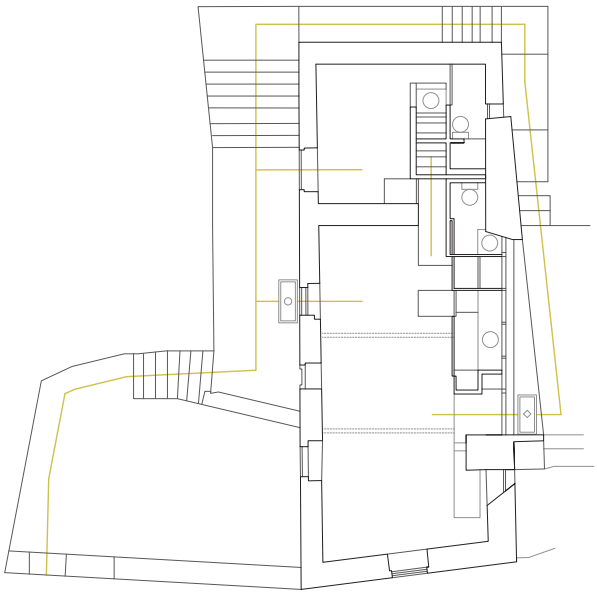


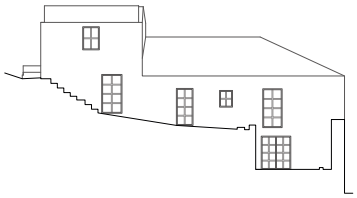


















1991
carlos prata
casa dr. pedro barata feyo

entrada rara

A entrada de honra é a entrada do convidado. Todas as casas têm uma entrada de honra, mas nem todas as casas têm uma entrada exclusivamente de honra, tornando-se este tipo de entradas, numa entrada rara.

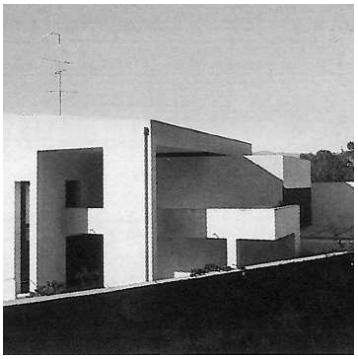
1994
candido chuva gomes
casa dra. celeste goncalves

A Casa do arquiteto Cândido Chuva Gomes apresenta-se como uma casa com caminho de honra, porta de honra e alçado de honra. Assim é porque estes elementos não são vistos ou usados pelos normais utilizadores da casa, e exclusivamente são utilizados e vistos pelos convidados que entram para casa. A porta nem é feita de porta, é feita de parede, e só é aberta para esta utilização.

Na Casa do arquiteto Carlos Prata, a entrada rara, vem da raridade em que quer a porta principal é utilizada, que o alçado dessa porta é visto. O ser humano por defeito é preguiçoso, e todo aquele caminho torna-se desnecessário quando existem possibilidades de entrar por outra passagem, mais perto do portão de entrada principal, tornando-se esta porta rara na sua utilização devido a entrada ser raramente feita por aqui. Apenas será usada pelo convidado que deseja ter a experiência original pensada pelo arquiteto.















1992
alexandre manuel cruz silva
casa na rua padre xavier coutinho

1986
manuel botelho
casa ricardo noronha lima teles

1988
adalberto dias
casa j.neto

1994
alvaro siza
casa luis figueiredo

1971
domingos tavares
casa albino matos

1987
manuel botelho
casa barroso pires

1994
souto de moura
casa 1 em bom jesus

1996
alvaro siza
casa cesar rodrigues

1999
josé gigante e nuno lopes
complexo residencial gaviao

2003
josé gigante
casa gabriela pinheiro

1984
alvaro siza
casa avelino duarte

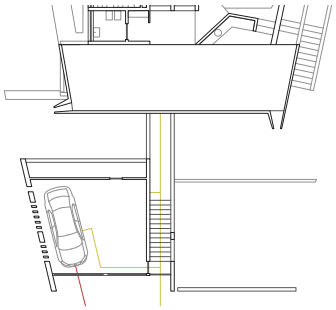
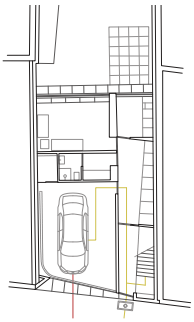
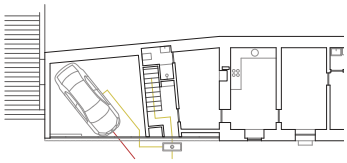
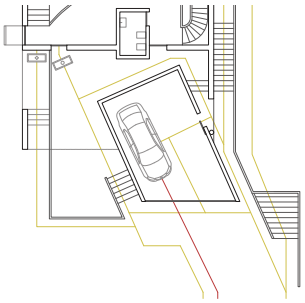
E quando um incógnito não é convidado de honra, mas quer ser convidado a entrar, e toca a campainha para se apresentar? O acto de ver quem é, corresponde a uma forma de ver quem quer entrar em casa. Nem sempre é possível estar perto da porta de entrada, ou se quer uma proximidade com um estranho, mas existe a curiosidade de espreitar quem deseja ser recebido.

Nos projetos na primeira fila, podemos ver recortes na fachada que formam janelas e varandas aparentemente para este propósito. Já nos projetos na segunda fila, este propósito não é possível por existirem barreiras que quebram este campo de visão, ou devido á distancia ser muito longa. Estas varandas servem então para o acto de receber quem chega ou que é convidado a entrar.

José gigantes explora esta ideia do lado interior. Ver e ser visto do lado de dentro enquanto se entra. O espaço de entrada e o espaço social olham-se sem se perturbarem, por uma barreira sonora que permite a visualização entre os espaços. Álvaro Siza explora o ver quem entra sem ser visto do lado interior, com vários planos que enquadram diversas zonas do caminho exterior até a porta habitual.

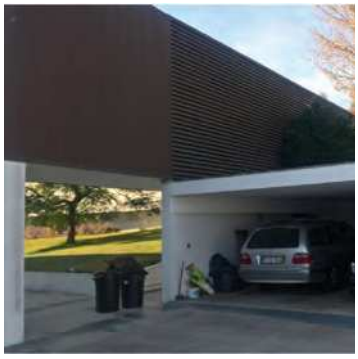











1982
simões de carvalho
casa em queijas

2001
souto de moura
casa ferreira de castro

1998
miguel salgado brazejos e nuno beirao
casa santos viana

1987
manuel botelho
casa barroso pires

2001
manuel botelho
casa maia ribeiro

2001
nuno brandão
casa em afife

1994
alvaro siza
casa luis figueiredo

1993
aires mateus
casa em nafarros

O tema da garagem ou do sítio do carro também é uma forma de chegada para entrar em casa. No nosso arquivo, existem casas onde este assunto não é um tema por não existir, ou existindo é desprezado, não fazendo parte da harmonia, ou da linguagem do projeto. Noutros casos esta integração é total ou parcial.

No caso dos projetos na primeira fila a integração da garagem e da entrada é feita como um só, com a mesma linguagem visualmente. Olhando mais de perto, nos dois primeiros projetos, a integração é total, quer eu entre a partir do carro ou pela porta principal, sigo sempre o mesmo caminho, enquanto na Casa Santos Viana e na Casa Barros Pires, é sempre necessário sair e voltar á porta principal.

Noutros casos a entrada pode ser fragmentada, existindo mesmo uma separação física entre o lugar do carro e a casa. É possível mantê-los conectados na sua linguagem, seja através do uso da mesma materialidade, como podemos ver na Casa Maria Ribeiro e na Casa em Afife, seja como na casa Luís Figueiredo e na Casa em Nafarros, onde são usados detalhes evidentes que reforçam a sua diferença e ao mesmo tempo a sua conexão e integração.

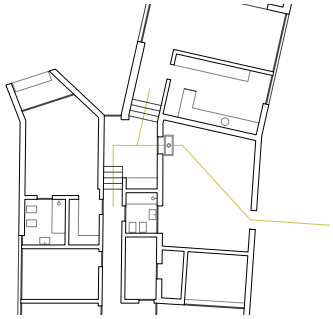
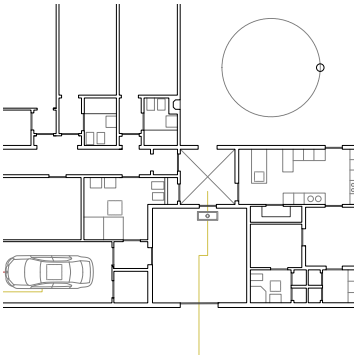
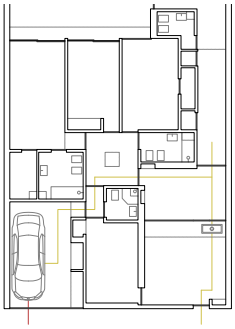
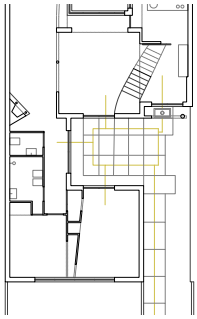















1984
alcino soutinho
casa pinto sousa

1993
aires mateus
casa em nafarros

1984
alvaro siza
casa avelino duarte

1992
alexandre manuel
cruz silva
casa na rua padre
xavier coutinho

2003
nuno mateus e jose
mateus
casa no romeirão

1989
souto de moura
casa quinta do lago

1999
souto de moura
casas patio em
matosinhos

1987
alvaro siza
casa maria
margarida machado

Outras entradas são dignas, não para serem entradas para uma casa, mas para um espaço sagrado onde se pratica uma religião. A entrada religiosa está associada aos arcos que indicam o sítio da entrada para um espaço religioso, e que nestes projetos podem ser vistos como que a indicarem o sítio da entrada para um espaço sagrado da religião dos arquitetos.

Mas nem todos as entradas espirituais necessitam de ser compostas por arcos ou pilares para o serem. A entrada enclaustrada, é a criação de um espaço que apenas servirá para embelezar o caminho até a porta de entrada, como sendo um espaço de sossego, espera e contemplação. Esse claustro pode ser criado pela subtração de uma parte, ou pelo abraçar do próprio volume ao espaço.

Esta área pode ser vista como um espaço inútil, que melhor serviria para outra função, pois só serve para aumentar a distância de entrada até a porta, mas funciona como espaço filtro, que prepara durante o caminho, o utilizador para a nova atmosfera da casa.















1970
alvaro siza
casa alves dos
santos

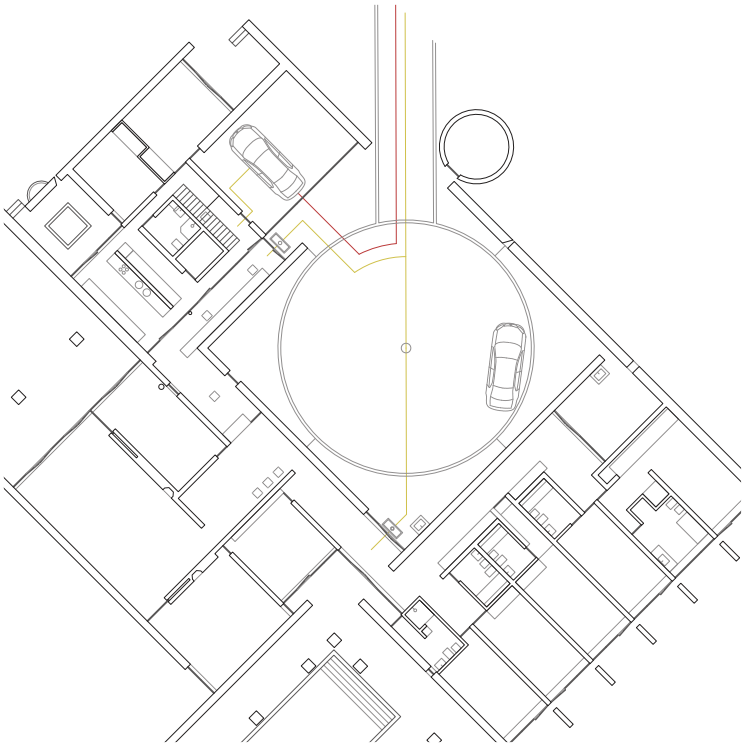
entrada como preparação
para a atmosfera da casa

Este aspeto do percurso funcionar como uma preparação para a atmosfera da casa é fascinante. O filtro, que separa o contexto exterior, e que catalisa a experiência interior-exterior. Nestes projetos podemos ver toda a narrativa que Siza Vieira desenha para a o percurso da entrada.

1971
alvaro siza
casa alves costa

Na Casa Alves dos Santos, todo o contexto exterior é esquecido nos muros que escondem e que obrigam ao movimento indireto até á porta, para depois ser possível no interior experienciar a natureza e a tranquilidade do espaço exterior com maior força.

Na Casa Alves Costa, o projeto funciona como barreira para o que está para lá, e no caminho para a porta de entrada, somos praticamente obrigados a rodar dando as costas a casa, e a olhar mais uma vez para a rua de onde viemos. Todas estas movimentações intensificam a experiência da atmosfera na casa.
Entramos para uma casa, e parece que entramos para outro mundo á parte de onde não queremos sair.



























1992
souto de moura
casa em alcanena

entrada como preparação
para a atmosfera da casa

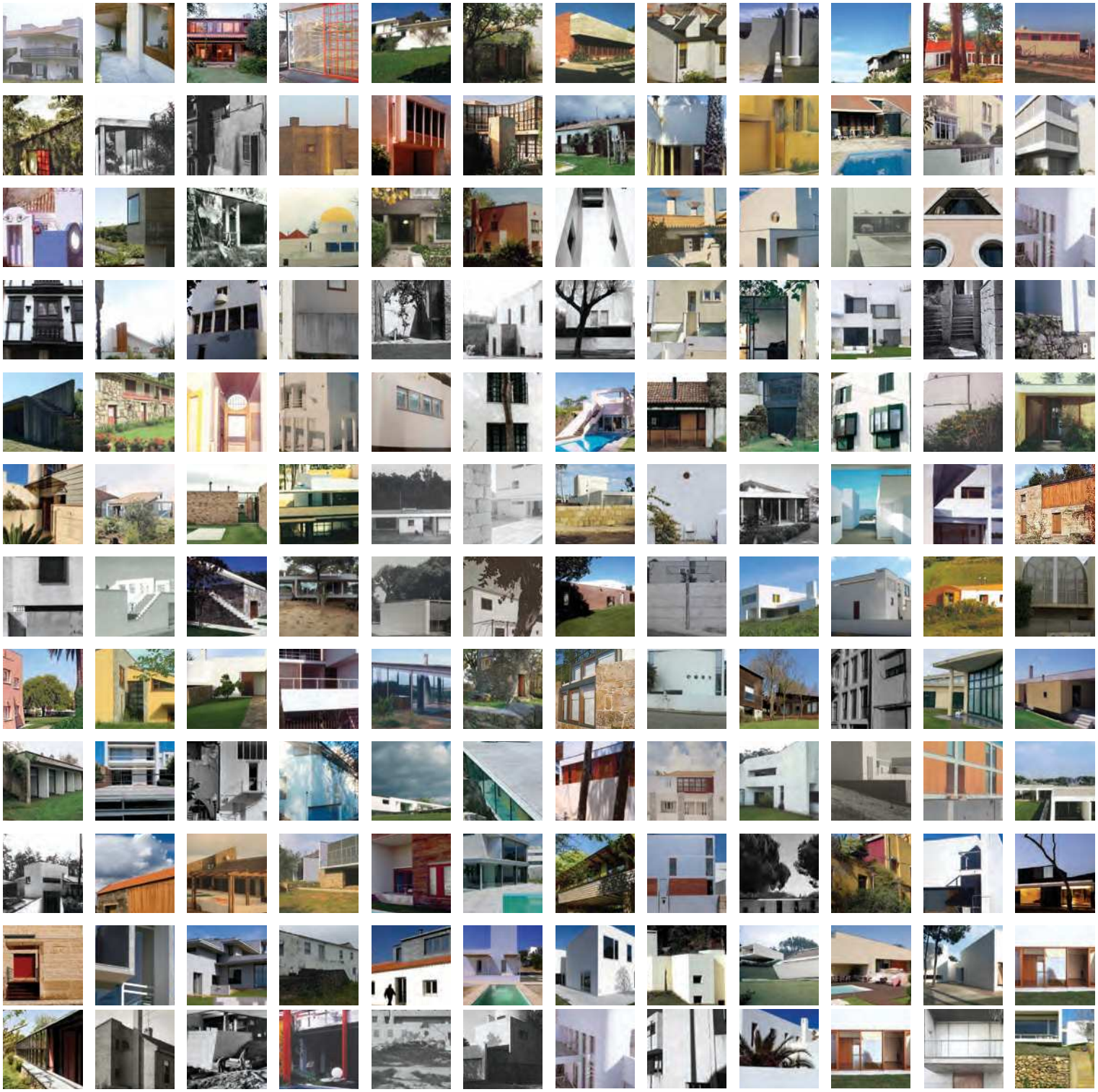
Mas nem sempre é necessário que o filtro seja criado para separar o projeto do contexto. Por vezes é necessário para mostrar o que o contexto tem de melhor para oferecer.

Nestes projetos, Souto de Moura usa a entrada como um filtro que retira o contexto, para depois a casa funcionar como uma lente que poe em foco determinadas zonas da vista, o que de melhor o contexto tem para oferecer.

Na Casa em Alcanena durante o percurso de entrada, o contexto vai sendo reduzido á medida que chegamos perto, até ser eliminado dentro dos muros da praça central, onde depois é focado e elevado em vistas seletivas para cada zona da casa.

2002
souto de moura
casa na serra da arrabida

Na Casa na Serra da Arrábida, o filtro é o pátio de chegada antes da porta de entrada, que é desenhado como um espaço desértico e seco, que quebra por completo com o contexto verde e húmido onde se insere o projeto. Tudo isto para que depois esse contexto seja revivido num expoente maior em cada vista que a casa mostra.



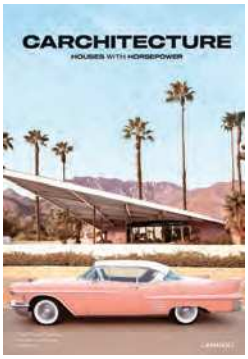
Através desta análise das formas de entrar em casa, podemos concluir que o acto de entrar em casa, é um acto rico por natureza e muito diverso, mesmo dentro desta nossa pequena amostra, que são as 180 casas presentes no nosso arquivo.

Quanto mais rico em detalhes e em estranheza for este acto, maior será o nosso interesse em conhecer o que estará por de trás da porta de entrada.

As ferramentas de produção de um projecto são lentes para a sua leitura e vice versa. Num pós investigação, propôs-se o difícil de exercício da passagem do crítico a criticado: desenhar uma casa.

Não foi imposta qualquer obrigação de relação com o arquivo que tinha sido desculpa para um momento anterior, ficando ao critério de cada um a relação ou falta dela com o que tinha sido estudado. Nada é mais contextual do que a eventual rejeição de um contexto.

Foram atribuídos terrenos sem qualquer valor particular de forma aleatória a todos os alunos. Regularmente, os mesmos foram trocados entre si, forçando cada actor desta dança colectiva a reagir rapidamente a novas condições e problemas. Não era objectivo uma apropriação do lugar, sendo cada um deles uma condição temporária.
















Carro como escultura movel na paisagem

O segundo semestre teve como objetivo, criar uma habitação unifamiliar. Foram fornecidos vários lotes pelo professor Filipe Magalhães, de projetos construídos e não construídos dos FALA Atelier, onde iriamos projetar a casa, que foram sendo trocados sucessivamente ao longo do semestre, até acabarmos num terreno final.

Antes do início do semestre, fiz um exercício mental de construir a casa, num terreno e contexto imaginários. Uma das necessidades que senti, foi sempre ter algo presente na vista da casa. A minha obsessão foi de ver o carro, como que uma escultura movel, que pode variar na posição, e desta forma alterar a vista.

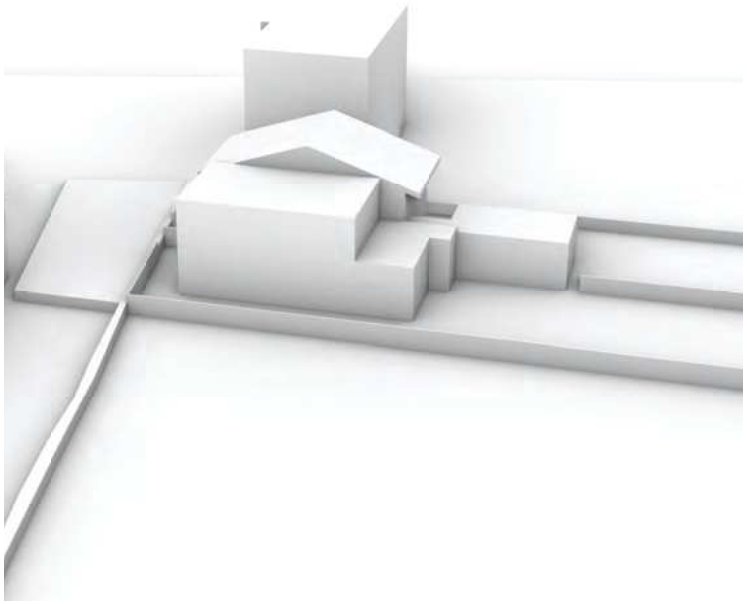
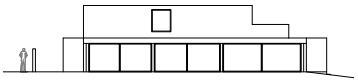
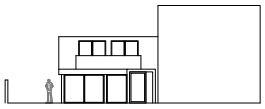
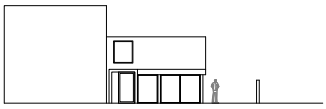
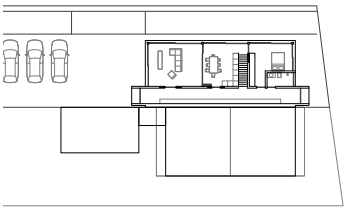
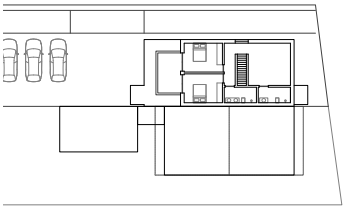
Vejo esta minha obsessão, como a de quem decide plantar uma árvore para a enquadrada com vista de uma janela em vez de uma escultura movel, e é usada como uma intenção nos projetos que desenhei.









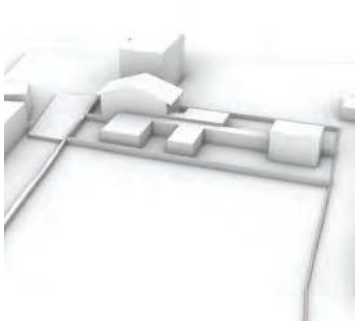
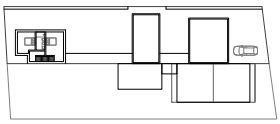
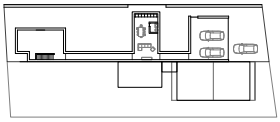
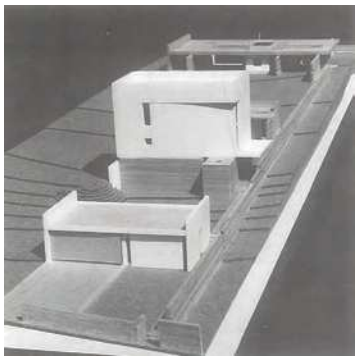
Este foi o primeiro exercício, localizado em Rio tinto, no Porto, num contexto com pouco ou nenhum desenho urbanístico, num terreno muito estreito e comprido, onde projetei com a ideia em mente, da vista para o carro.

O sítio do carro passou da frente de terreno, para uma posição mais central, onde podia ser parte integrante da vista da sala no pátio traseiro. Esta opção levou a que existissem duas formas de entrar, a habitual na zona do carro, e a junto á rua para quem chegasse a pé, que quis que abrissem ambas, para o mesmo espaço, o corredor de distribuição.

O corredor de distribuição dá acesso á sala, á cozinha, instalação sanitária e a um espaço de escritório ou de quarto, e as escadas para a zona privada da casa, que acabam em frente a uma abertura que permite ver a vista para a cidade.

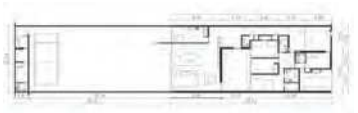
O piso inferior foi pensado para ser todo ele uma caixa de vidro, que refletia e espelhava o movimento do carro, durante o todo o seu percurso de saída e de entrada em casa.











Casa dos volumes na Rua dos Paus 53/103

1993
joao alvaro rocha
casa no lugar varzea

1999
souto de moura
casas patio em
matosinhos

2005
adalberto dias
casa m.monge e
j.coutinho

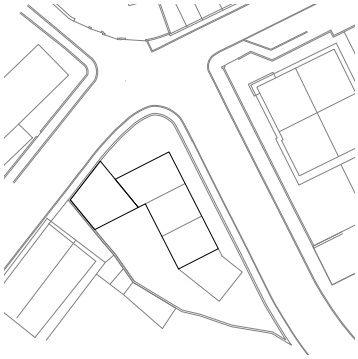
No segundo exercício, ainda no mesmo terreno, projetei uma casa com base em 3 projetos estudados, dois do arquivo e um que não chegou a entrar, porque ficava de fora do limite temporal estabelecido. Ambos lidam com a condicionante de estar num terreno estreito e comprido, sem vista.

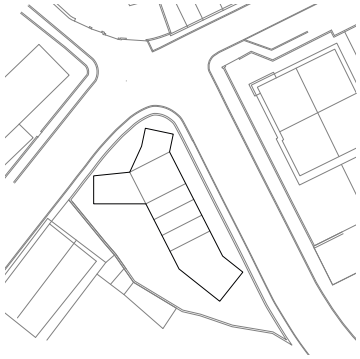
Nestes projetos, a ideia base é uma sucessão de volumes, conectados ou não conectados, que fazem as várias zonas da casa, onde o volume que tem a área social, abre-se completamente para o pátio exterior, e aí constrói-se a sua paisagem.

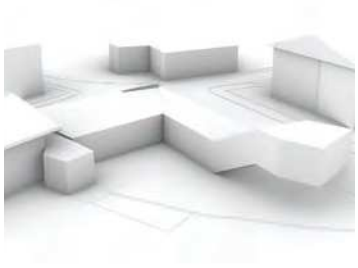
Para este projeto decidi criar 3 volumes, conectados por um corredor junto á casa adjacente, separados por pátios. No primeiro volume, a zona de entrada e o sítio do carro, o segundo com o espaço social, e o terceiro com uma zona de trabalho e o espaço privado. Os volumes olhavam os pátios, e olhavam entre si através de planos de vidro, o que possibilitava que, do espaço social, fosse possível ver o carro no volume da entrada.

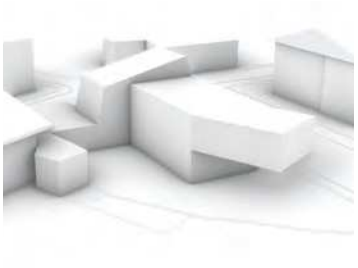




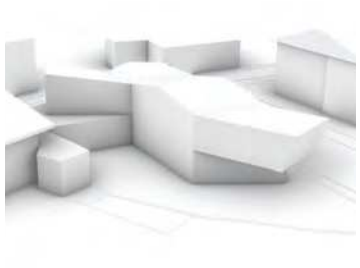


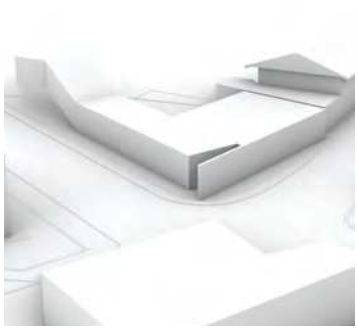


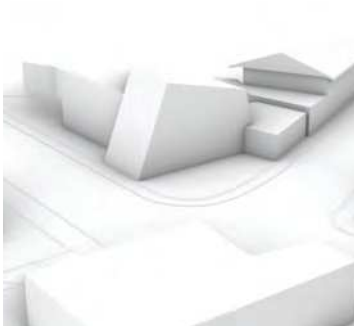


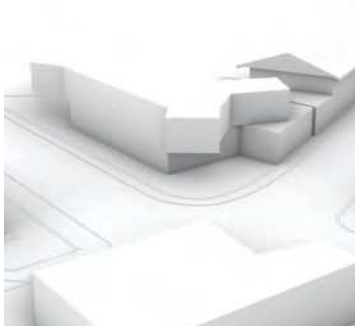


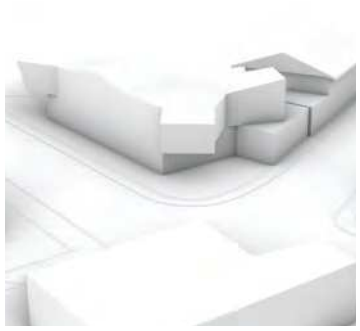


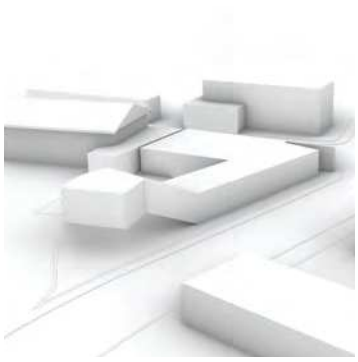


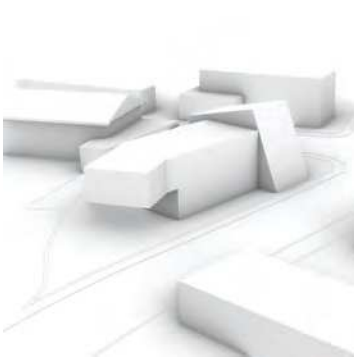
















O terceiro exercício foi feito num outro terreno, localizado em Rio Tinto, no Porto, com uma forma bastante invulgar, e com um contexto muito desafiante para a criação de um projeto.

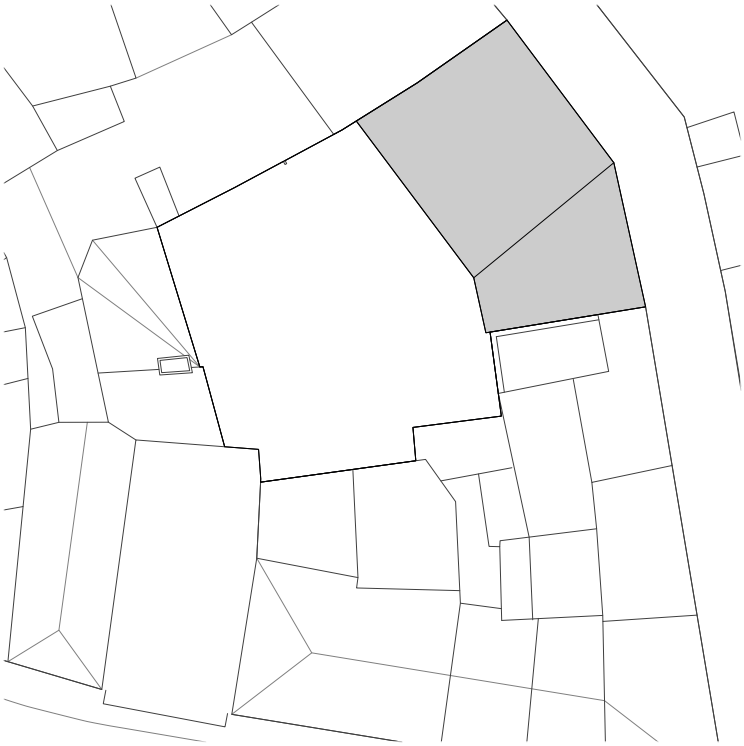
Foram testadas várias experiências de volumetria nos limites do terreno junto a rua, de forma a dar privacidade a um pátio exterior, para o qual a casa se abriria.

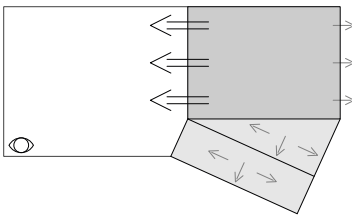
Na zona mais sudoeste, a ideia era que o volume procurasse uma vista superior, para a zona verde e para o movimento da rua, ficando este espaço como uma área social, ou como um espaço de trabalho criativo. Mais tarde esta ideia de ver a rua tomou conta também de outros 2 espaços no piso superior, que espreitavam e vigiavam outras partes da rua.

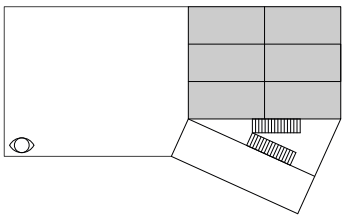


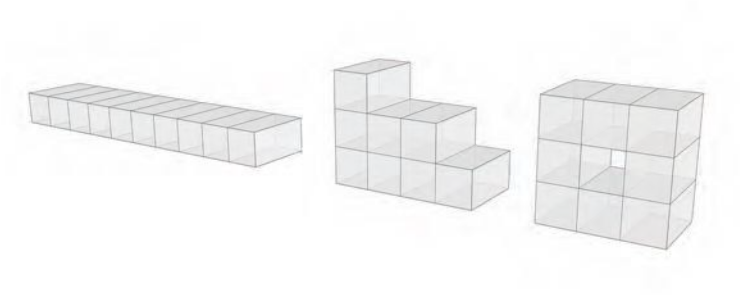
O quarto exercício seria o penúltimo terreno onde iriamos projetar, localizado na Rua Alcássimas, numa rua muito estreita de sentido único, onde praticamente só consegue passar um carro, com edificações muito altas e muito próximas, numa zona antiga do município de Oeiras.

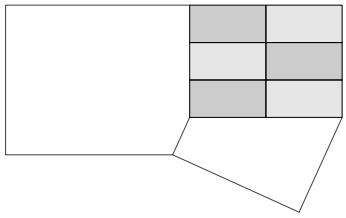
O terreno apresenta-se com uma área de implantação pré-definida pela área da ruína, com um espaço exterior nas traseiras, sem ter propriamente uma paisagem, mas com muito potencial para a criação de uma boa vista, que se possa usufruir no interior da casa.

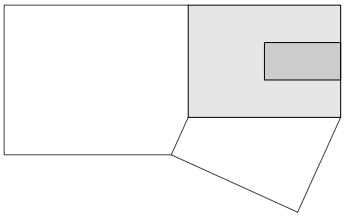


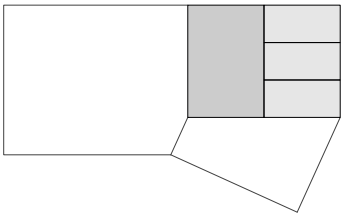


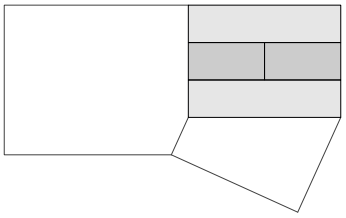


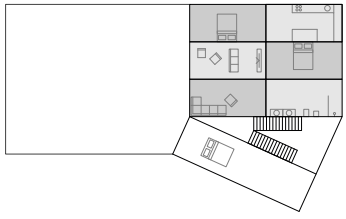


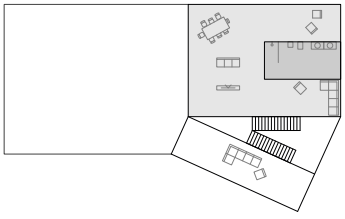


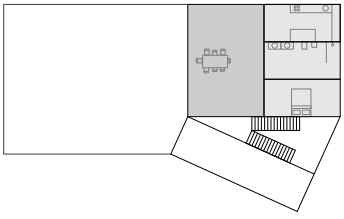


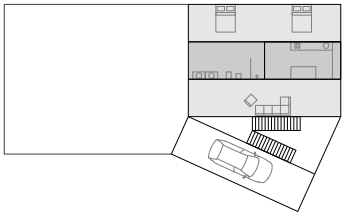










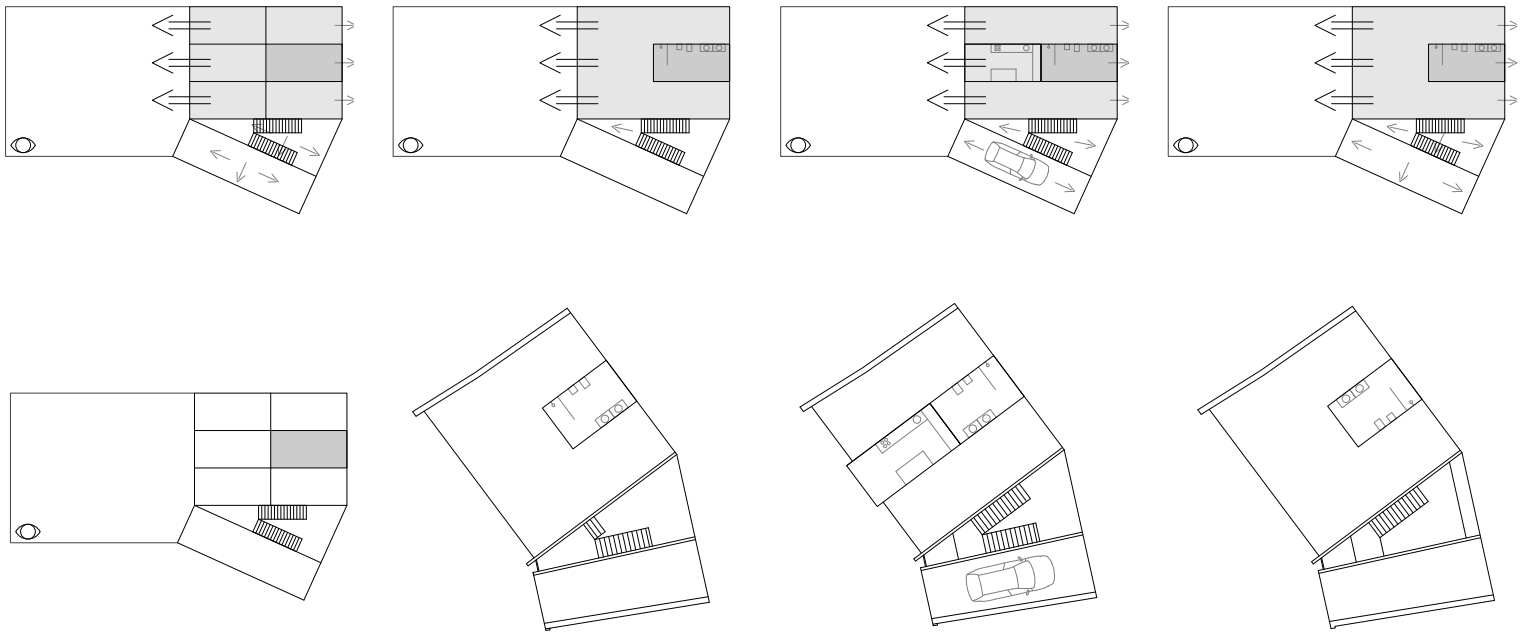


Tendo em conta a área de implantação, a estratégia foi a sua ocupação total, com a criação de 3 volumes que teriam diferentes propósitos.

O volume da casa que seria o maior, estaria interessado em abrir-se totalmente para o pátio e a fechar-se para a rua. O volume de distribuição seria mais contido e interessado num jogo de luz ao longo do dia. O volume de entrada que seria o meio termo entre ambos, permeabilizando as relações entre o pátio e a rua, e a criação de relações com a luz e o céu.

Para a organização do volume da casa, foi pensado um conjunto de peças, que não seriam divisões tradicionais fechadas por paredes, mas sim áreas não pré-determinadas, que dependendo do mobiliário que seria lá usado, eram a área de ver televisão, ou de dormir, de comer, de preparar, de tomar banho, ou de exercitar.

Este jogo poderia ser organizado infinitamente, no topo uns dos outros, ou mesmo com elementos de exceção, levando a criação de um modulo.
Para o volume da casa, foi estudada uma organização num modulo de 6 peças.





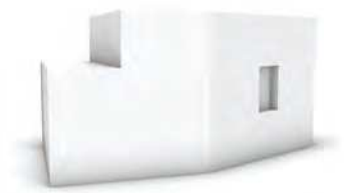
casa com vista para o patio
módulo aplicado

Foi escolhida a opção de manter uma peça como central, fixa e comum a todos os pisos, com as áreas das águas, a instalação sanitária e a cozinha, ficando as restantes 5 peças do modulo, como área que poderia ser ocupada e dividida de diversas maneiras por peças de mobiliário.

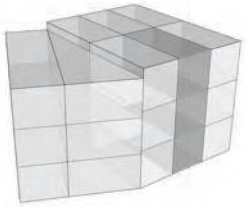
Assim todas as áreas iriam beneficiar da luz de ambos os lados, e do grande plano para o pátio, em vez de comprometer algumas divisões apenas para o lado menos interessante, que seria o lado da rua, e outras para o lado melhor, que seria a vista para o pátio.

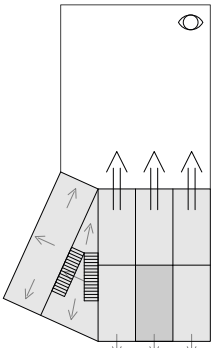
De maneira a quebrar a monotonia do alçado do pátio traseiro, a abertura total é reservada para o volume da casa, o volume de distribuição fica aqui com um rasgo de luz cego, que reflete a sua verticalidade, e o volume de entrada fica como elemento de exceção, com uma abertura em forma de círculo, que foge da forma geométrica ortogonal das restantes aberturas.







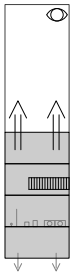








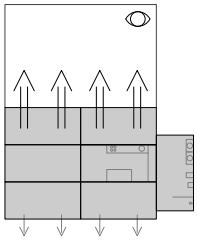












2003
arx
casa em lisboa

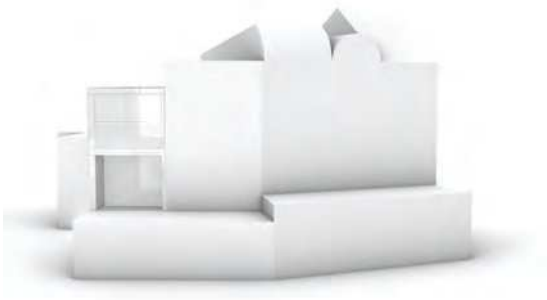
2013
christian kerez
house with a lakeview

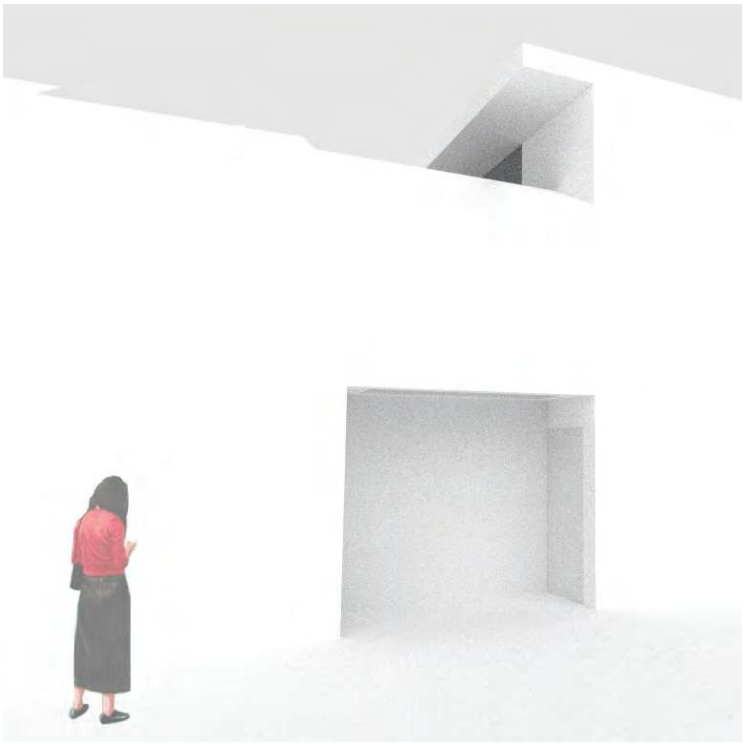
As referências para este projeto, vêm de projetos dos arquitetos arx e de christian kerez, que também usam um modulo para a organização do projeto, e onde o alçado e funcionam com diferentes pesos.

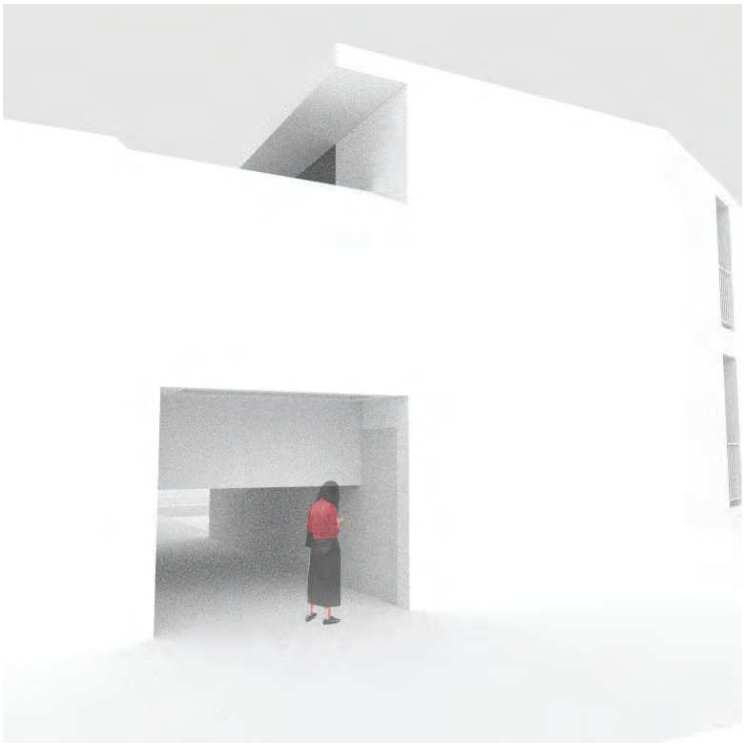
A casa em Lisboa está localizada num contexto semelhante, de um lado, tem a estreita rua com fachadas altas e próximas, onde o alçado se fecha para criar privacidade, e do outro lado, o alçado abre-se para a vista sobre as colinas e sobre o rio de lisboa.

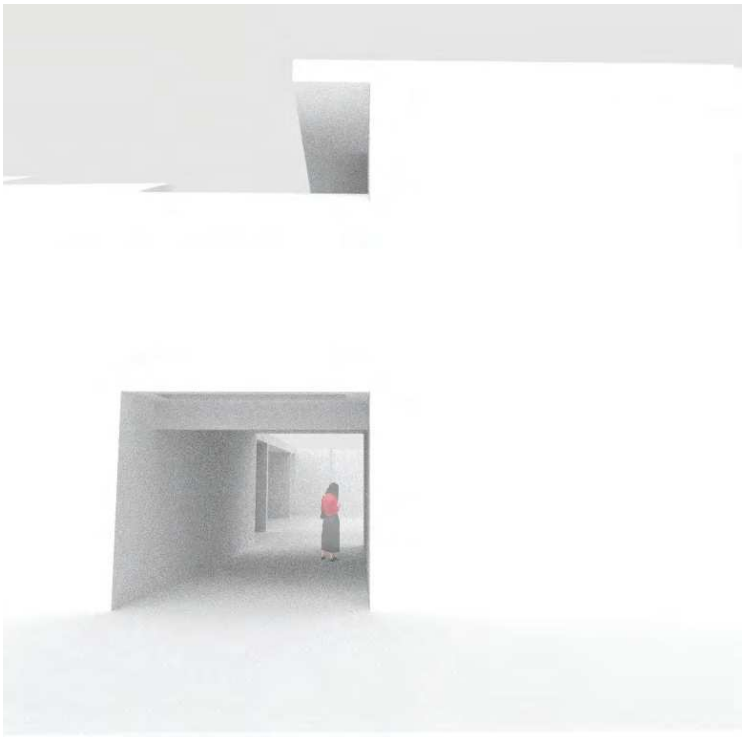
Na house with a lakeview, as fachadas têm o mesmo peso em termos de abertura, mas é a vista para o lago que é vista permanente em todos os patamares das peças do modulo. A vista para a rua é apenas possível no patamar superior do piso, de forma a deixar a luz do dia entrar, e a ganhar privacidade para o seu interior.

Em ambos, temos um volume com módulos, que se abre e mostra totalmente a vista principal de interesse, e que se fecha e esconde o seu interior no outro alçado, onde existe uma peça fixa, que corresponde á instalação sanitária.







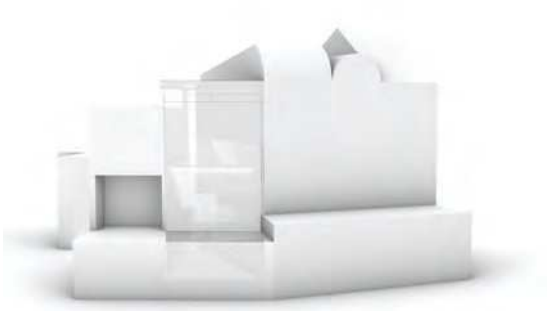


O volume de entrada é escavado, de forma a criar um espaço seguro, que faz a conexão de entrada entre a rua e o hall de entrada, ou diretamente para o pátio.

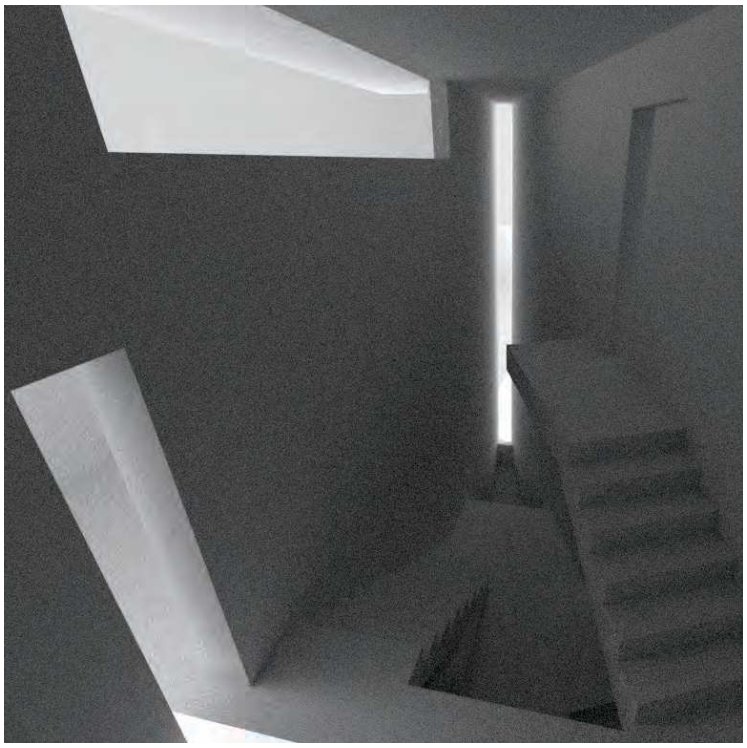
Esta entrada é também para o carro, que encontra no pátio, espaço para poder ser escultura movel na vista.

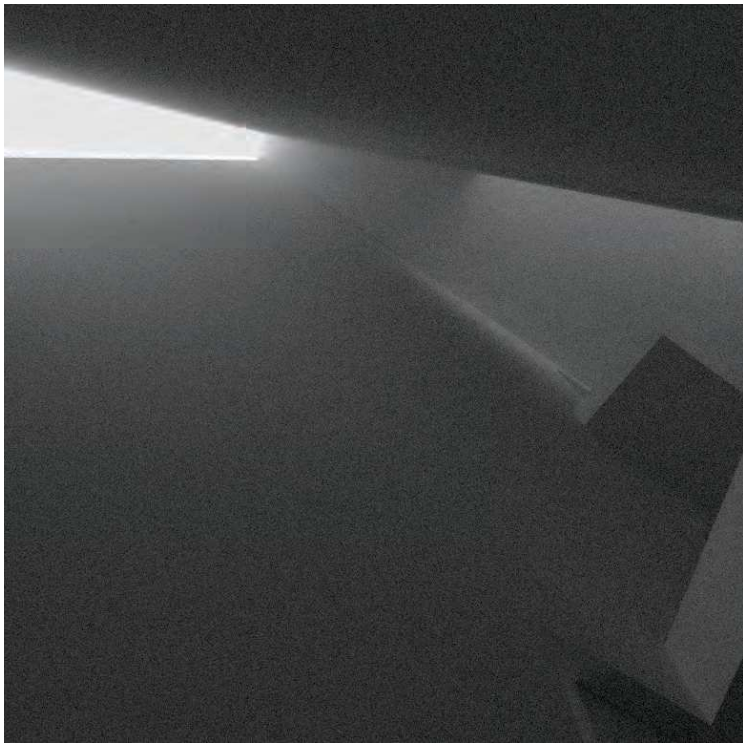
Quer seja feita diretamente pela rua, ou depois de estacionar o carro, a entrada pode ser sempre feita para o mesmo espaço comum que é o hall de entrada, dentro do volume de distribuição.

O espaço no seu piso superior, funciona também como uma área não pré-determinada, como são as áreas no volume da casa.









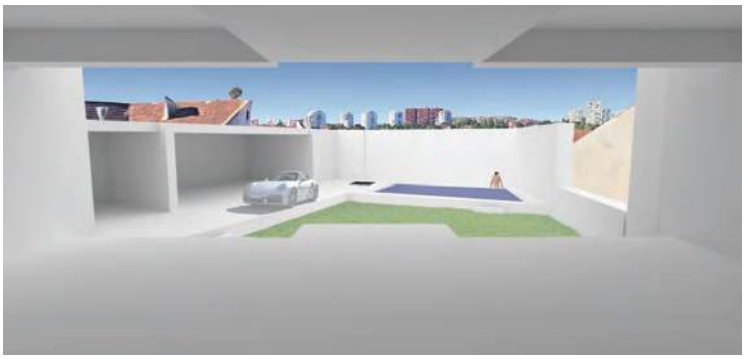
O volume de distribuição é a primeiro espaço interior, quando olhando por um dos percursos de entrada normal esperados.

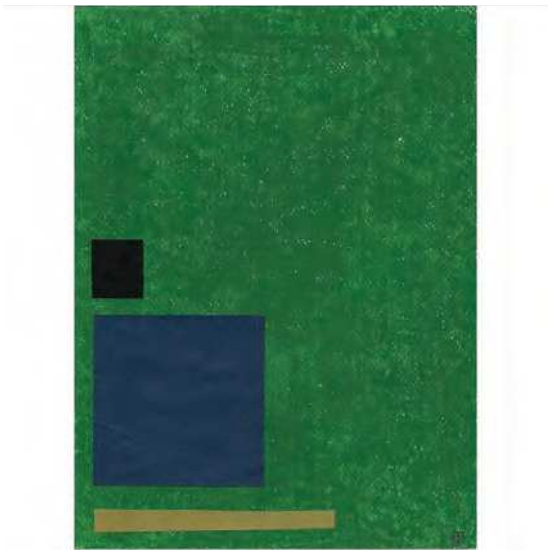
Este volume funcionaria como um filtro, entre a entrada em casa e o momento de maior expoente, que acontece quando o pátio é revelado. De maneira a ter esta função, optei por não mostrar neste espaço o pátio, mas por abrir um vão cego, que procura trazer os jogos de entrada de luz, que alimentam e suscitam a curiosidade pelo que estará do lado de lá da janela, deixando depois esse momento ser revelado no volume da casa.

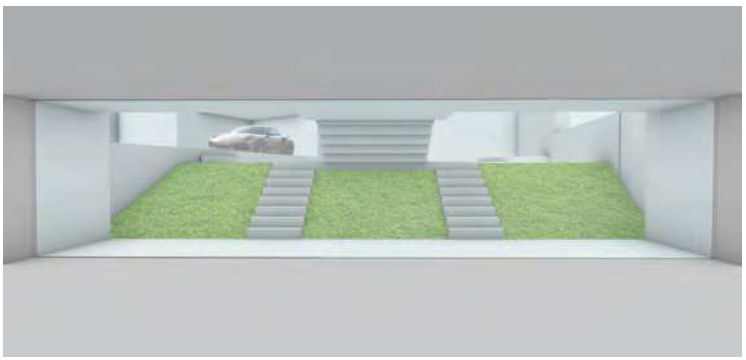
O percurso neste espaço, foi pensado de forma a ser feito num movimento continuo de subida ou descida entre qualquer um dos espaços, e que obriga-se a uma rotação durante esse movimento, na direção da luz da janela vertical.











O volume da casa, como o nome indica, é o volume de vivencia, e é por isso, onde a relação com o pátio teria de ser de maior importância.

A vista para o pátio, foi inspirada num quadro de kuru.a.to, onde queria que este mesmo quadro fosse a base literal para a sua distribuição, e onde também procurei encontrar espaço, para que o carro pudesse existir como o conceito de escultura movel na paisagem.

O piso inferior, teria uma perspetiva de baixo para cima, em relação ao pátio, com o pé direito mais curto do volume.

O piso central seria o piso do espaço social primário, por ter a cozinha, e por isso teria o pé direito mais alto do volume, e uma perspetiva superior mais privilegiada para o pátio.

O piso superior, teria a perspetiva para o pátio, praticamente só junto á varanda, e a sua perspetiva dominante, seria a da vista para a cidade e para o céu.

No final aritmético do semestre, consolidou-se um objecto. Uma “casa”, um “projecto”, uma “ideia”. Em limite, um protótipo de qualquer coisa que podia ser real, ainda que nunca tenha sido esse o objectivo. Os projectos foram apresentados em dois momentos a dois júris, um da academia e outro da prática; cada aluno, que agora era também autor, levou consigo o que bem entendeu.







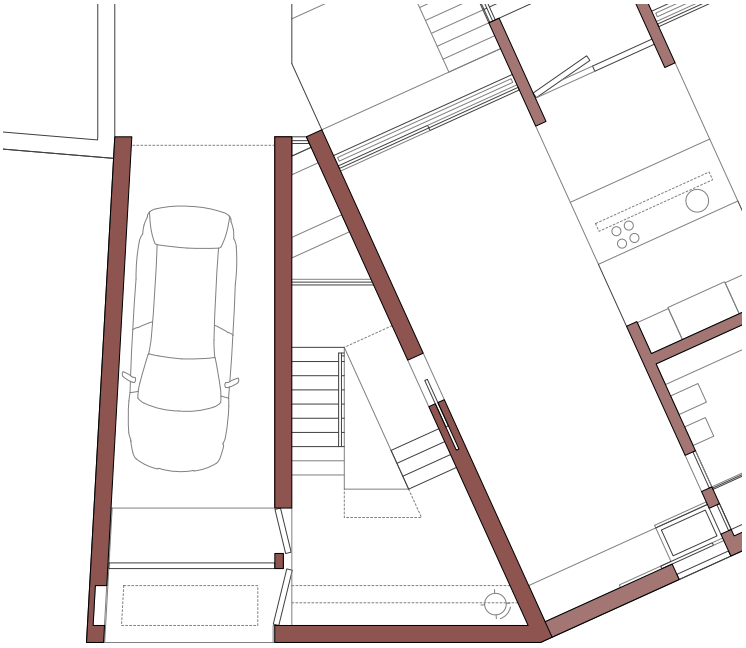


A rua onde se encontra o projeto, é estreita, e praticamente só existe espaço para passar um carro, e o individuo que por aqui passe, sente-se pequeno e desprotegido.

Para colmatar este sentimento durante a entrada em casa, o volume de entrada é escavado, e parte da sua área passa a ser área publica, criando assim um porto seguro na rua, que serve a entrada para casa, que é abrigado da chuva, e que serve de escapatória para quem espera que o carro passe a rua.

Nesta rua, é interessante notar que todas as suas casas, são pintadas de uma cor não neutra, pelo que fazia sentido, que o projeto tivesse também uma cor que não um branco.









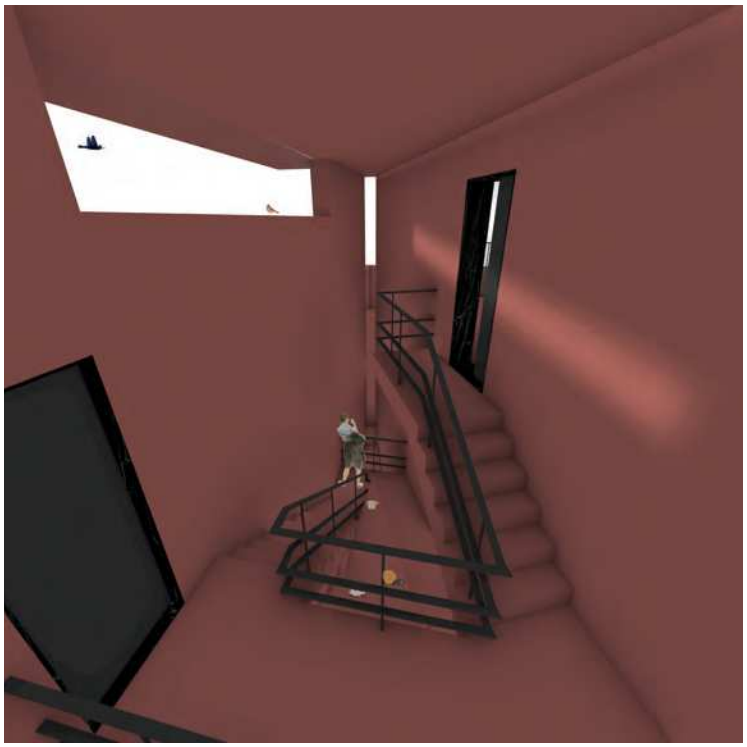
A cor escolhida para o betão, foi a cor do elemento presente em grande número na rua, que o projeto não tem, que é o vermelho cor de telha dos telhados da rua. Este material acaba também por ser usado em grande parte no interior do projeto, pelo que achei interessante, que alguma da materialidade interior, também estivesse presente do lado exterior.

A pedra mármore preta, é usada no volume abstrato da casa, para realçar a faixa vertical das janelas e da coluna de luz, e evidenciar o modulo de 3 peças que faz o projeto em cada piso, e é usada para envolver toda a zona de entrada.

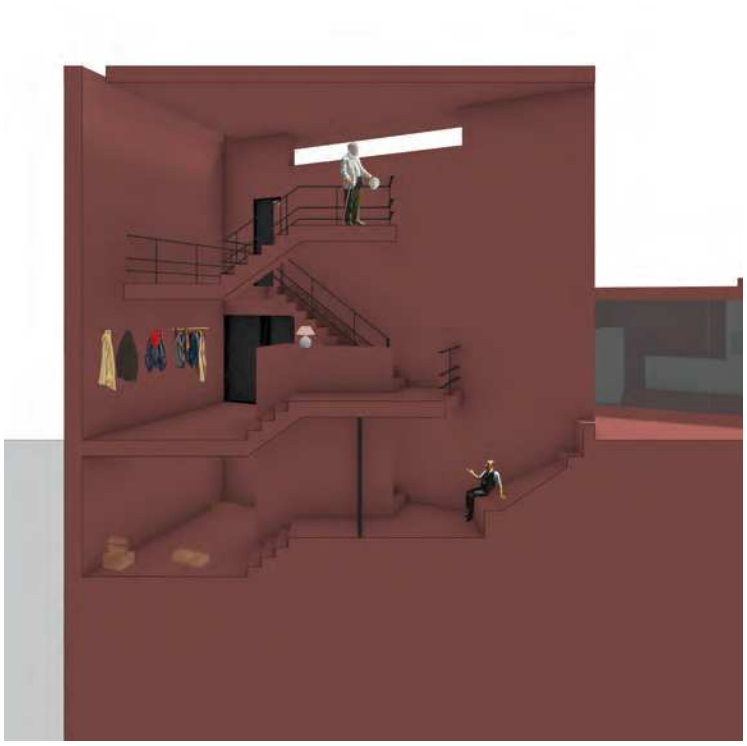
De certa forma, o alçado conta o desenho de projeto a quem passa na rua.

A zona de entrada, é constituída pelo portão de entrada de acesso ao pátio, e pelas portas de entrada, uma do lado rua e outra do lado do pátio, que abrem para o hall de entrada no piso 0, para dentro do volume de distribuição.







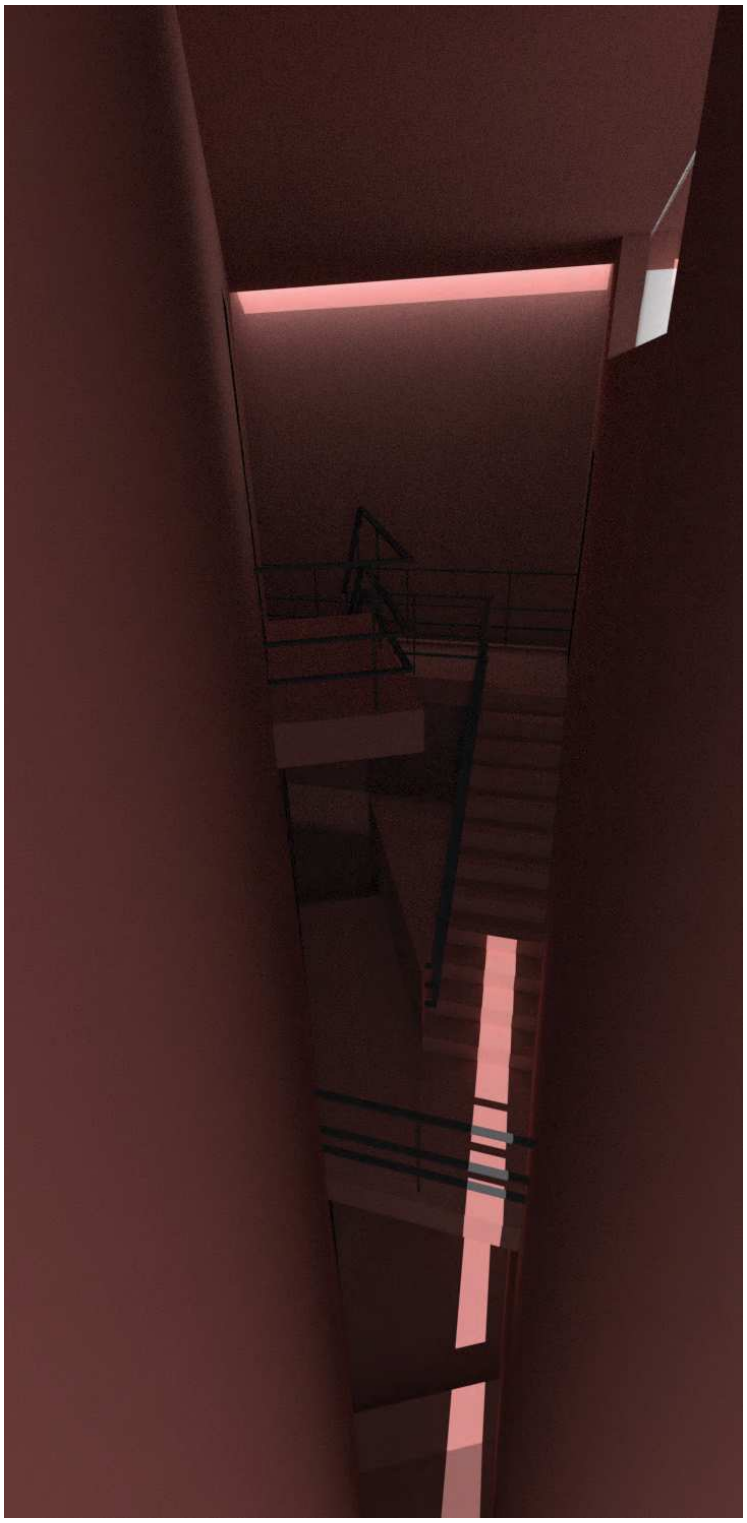


A ideia para este volume, era que funcionasse como um filtro que estimula o interesse pela vista para o pátio, principalmente através do ritual de luz e sombra trazido pelo vão cego vertical, mas que também chega a este espaço, por outras duas entradas de luz.

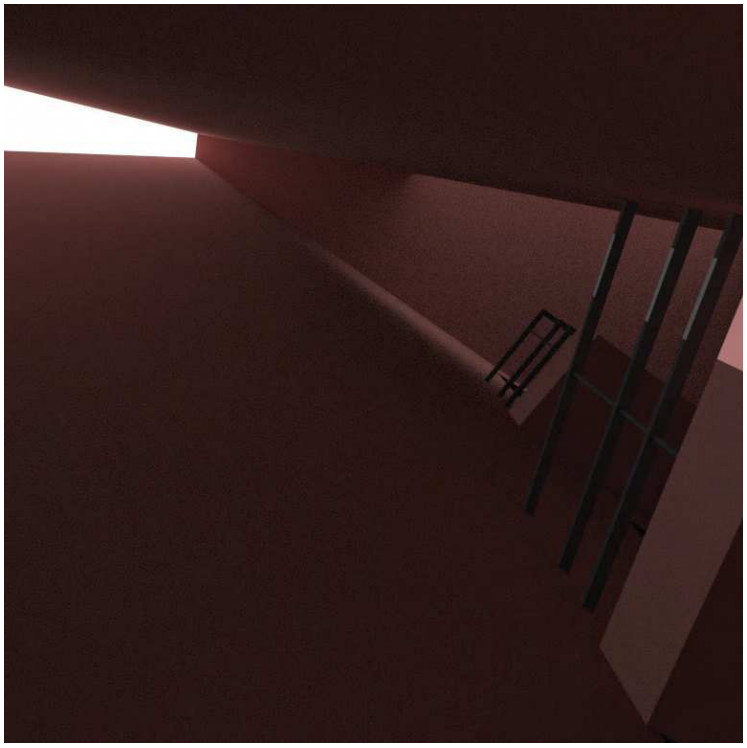
Nos cortes, é possível ter a perceção de como os vários pisos se conectam, num percurso de continuo movimento entre os vários espaços, que procura sempre o vão cego.

No piso 0, estamos na zona de entrada, junto ao hall de entrada, ao descer para o piso -1, somos recebidos num espaço de descanso e reflexão, na forma de um banco de betão, e vemos uma das portas que dá acesso ao espaço de arrumação no piso -2.

No centro do volume existe um solido, que na zona de entrada serve para deixar e guardar objetos referentes á entrada e saída de casa, e que no espaço de arrumação serve como armário.





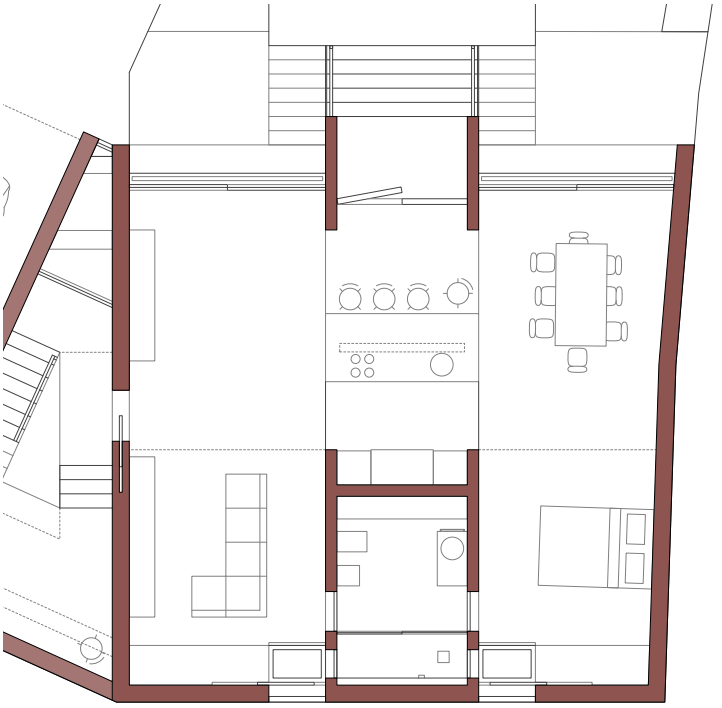


No primeiro enquadramento, é possível ver e imaginar os jogos de luz e sombra que variam ao longo do dia, vindos da estreita janela vertical, da abertura zenital, e da janela virada a sul, que permite também no piso 3, espreitar a cidade e o céu a sul.

No enquadramento visual a partir do banco de baixo, é possível refletir e admirar sobre a verticalidade e a luz do volume.

Na perspetiva no hall de entrada, é possível ver o solido onde se pode deixar as chaves, a carteira, ou outros objetos antes de se entrar em casa. Este movel, á cota da entrada, está ao nível dos ombros, pelo que é possível desde logo suscitar o interesse pela procura do que estará para alem da luz que vem da janela vertical, e que é possível encontrar num dos outros volumes.







casa com vista para o patio

a vista para o patio

A primeira imagem, é a montagem de inspiração da vista para o pátio, como a de quem vive e olha para um quadro de kuru.a.to, e onde a obsessão pelo carro como escultura movel pode existir, e variar na paisagem.

Esta montagem é materializada na perspetiva para o pátio, vista da ilha de preparação, na cozinha, no piso 1 da casa. Também é mostrada a solução de sombreamento da luz direta para todo o volume da casa. São estores laminados exteriores, que permitem dar sombra a todo o espaço interior, sem ter de esconder por completo a vista para o pátio.

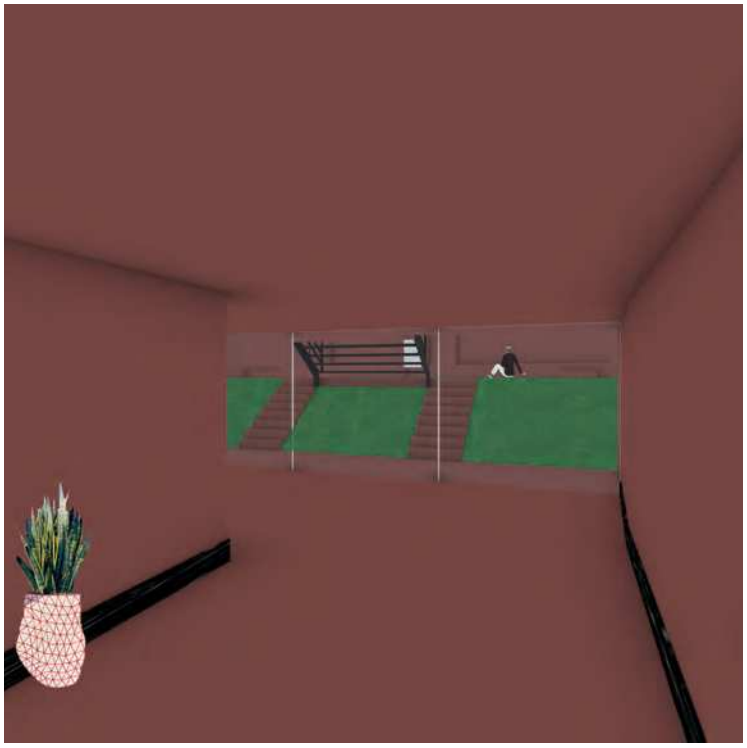
Na planta, é possível ver as áreas que nascem do modulo de 6 peças. A peça da casa de banho, que neste piso também contem a cozinha, é circundada por 5 peças, que funcionam em conjuntos, ou que podem ser separadas por mobiliário.

Na planta, junto a parede da rua, as áreas têm moveis de arrumação encastrados na parede, e o sistema de coluna de luz que funciona entre pisos, no espaço entre as janelas da casa de banho e a janela que dá para o pequeno espaço de varanda.









casa com vista para o patio
piso -1

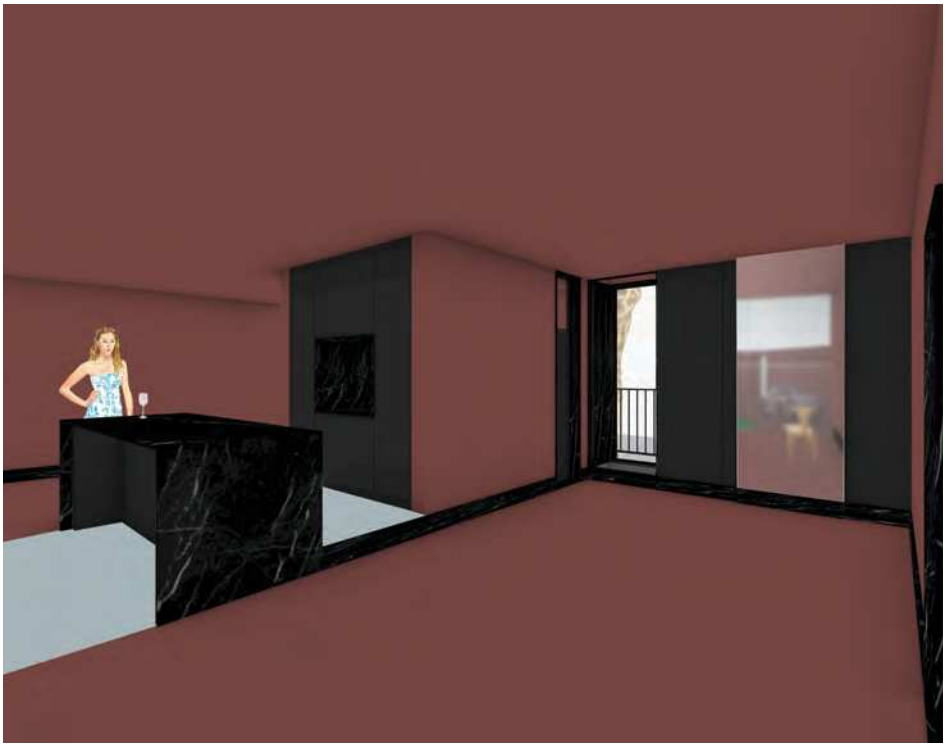
O piso -1, tem o pé direito mais curto do volume, 2.22 m, e uma perspetiva reduzida de baixo para cima para o pátio, que ainda assim permite receber luz direta. É possível usufruir de uma zona exterior, com acesso direto para o pátio.

O elemento mármore preto, é usado como rodapé com 1 degrau de 18cm de altura, que circunda todo o piso, e que é também usado nas ombreiras e soleiras das janelas e das portas como limi-tador do espaço. É também usado nas zonas de banho e de duche da casa de banho.

Na casa de banho, o plano virado para o pátio é um plano de vidro fosco, que é possível ser aberto para o espaço e para a vista para o pátio, ou ficar fechado para ganhar privacidade, e só mostrar luzes e formas difusas.

O elemento coluna que não é coluna, foi um tema muito debatido durante o nosso estudo das 180 casas. Por isso, quis revivê-lo em várias instâncias no projeto. Aqui a coluna não é coluna, é uma fonte de luz, que tem como função, a de criar luz ambiente para o espaço.









O piso 1, acaba por ser o espaço social primário por ter a cozinha, e por isso tem o pé direito mais alto do volume, 2.64 m, e a melhor vista para o pátio.

É possível ver o elemento mármore preto, que é usado da mesma forma, e que também reveste a ilha de preparação das refeições, e que eleva a cozinha para um degrau acima da cota do piso. Esta opção permite cozinhar com uma vista superior para o pátio, e utilizar a ilha para uma refeição rápida em pé, de uma forma mais comoda.

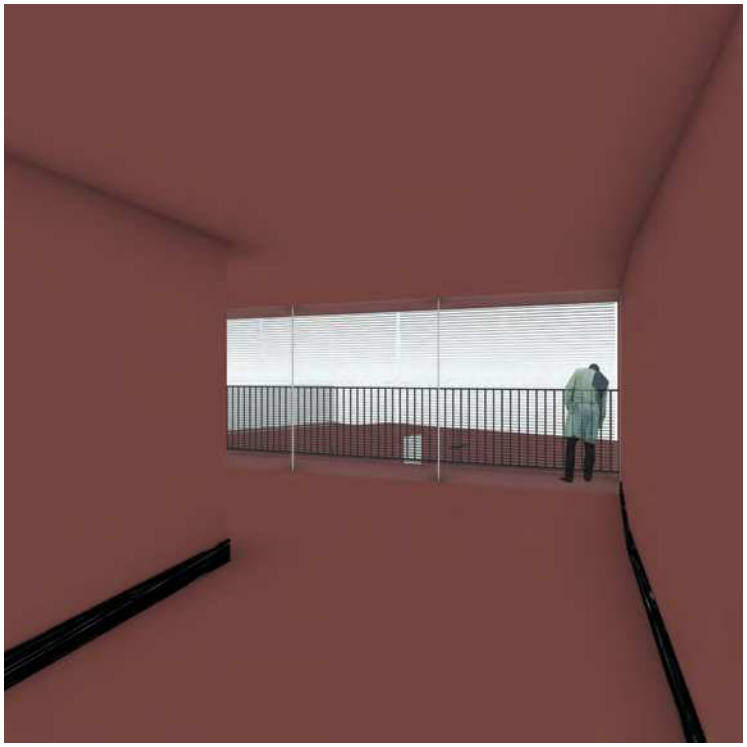
Neste piso, a casa de banho perde o plano de vidro e a banheira, que são trocados por armários para a cozinha e para a casa de banho. A casa de banho usa duas portas, de modo a facilitara entrada por qualquer uma das áreas adjacentes do modulo. As janelas de vidro fosco no seu topo, permite mostrar a sua ocupação.

É possível ver aqui o plano do espelho, deslizante na face do movel e da coluna de luz, e que permite fechar a janela de forma a criar privacidade no interior para com a rua, mantendo a ilusão de uma janela aberta, que reflete a vista para o pátio.









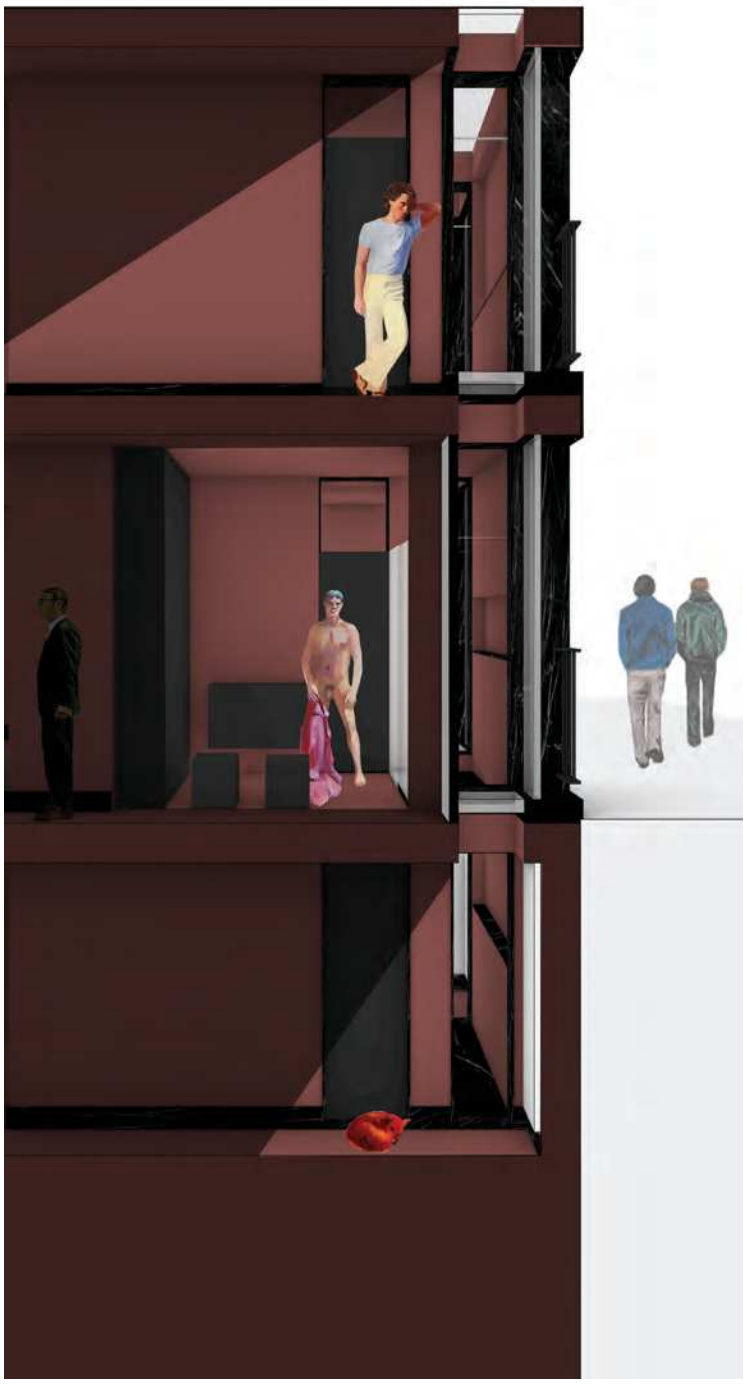
casa com vista para o patio
piso 3

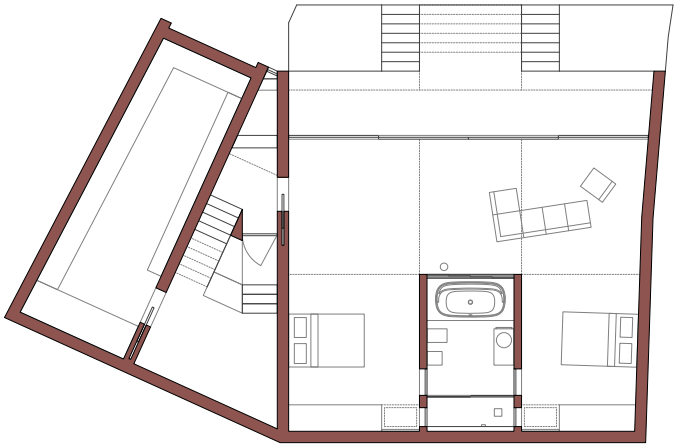
O piso 3, tem um pé direito de 2.94 m, e é o piso onde a vista dominante deixa de ser a vista para o pátio, passando a cidade, a assumir este papel.

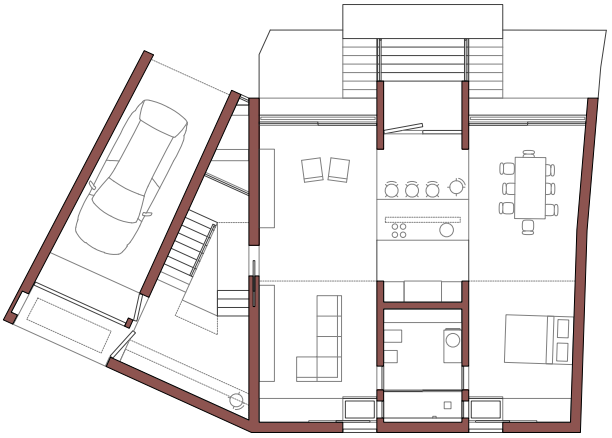
O elemento mármore preto é usado da mesma forma, e o elemento coluna que não é coluna, também é revivido aqui. Esta coluna não é coluna, mas que é chaminé, e vem da casa em Alcanena, de souto de moura, apresentada por mim e presente no nosso arquivo, que tem uma coluna que não é coluna, e que também é chaminé, pintada de um azul que não está presente noutro elemento do projeto, tal como aqui.

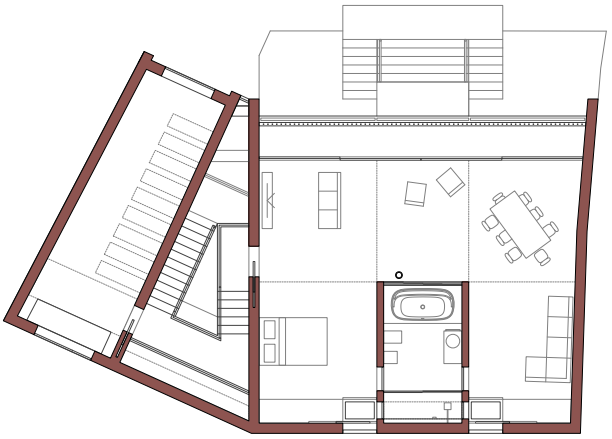
A casa de banho, também no piso superior, tem o plano de vidro fosco, que é possível ser aberto para o espaço e para a vista para a cidade, ou ficar fechado para ganhar privacidade, e só mostrar luzes e formas difusas.

Aqui é possível ver como o plano do espelho, também pode ser usado para criar outras ilusões, como a de a janela para a rua ter o dobro do tamanho, ou como forma de tornar o espaço maior.









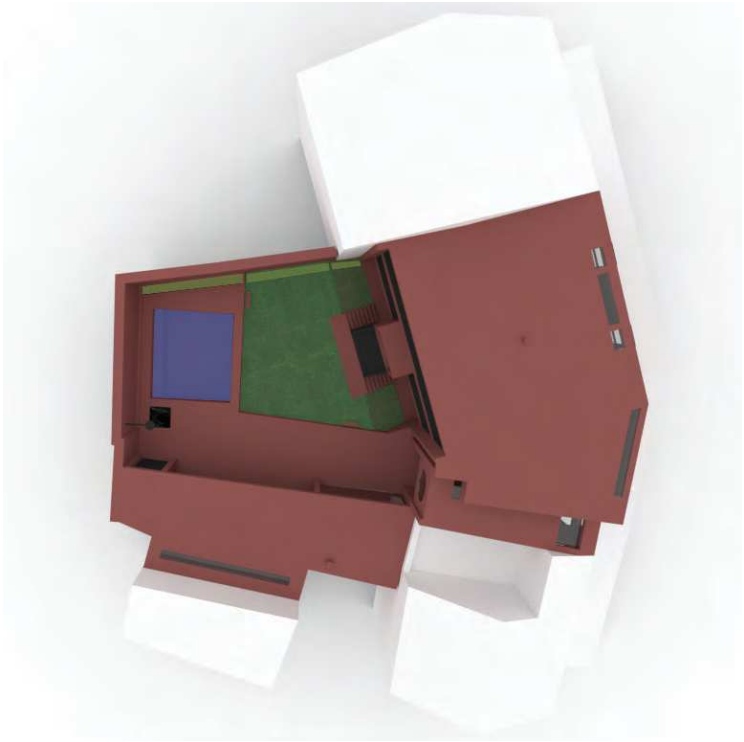
casa com vista para o patio
coluna de luz e plantas 1:200

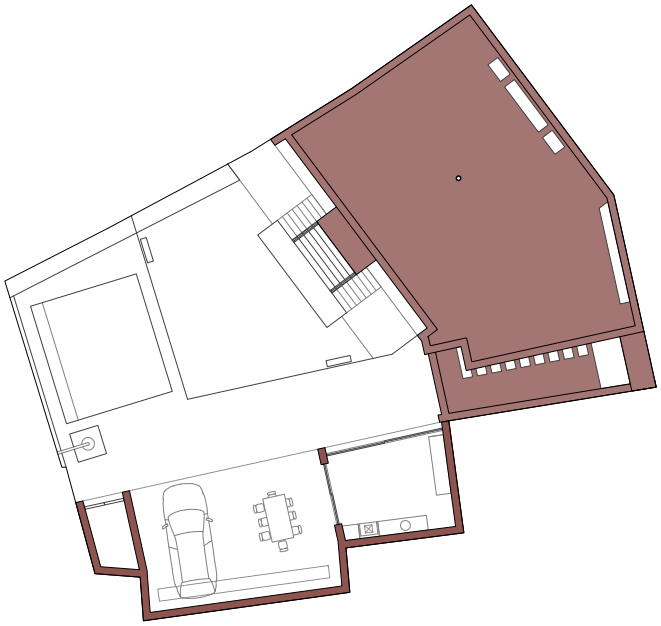
Na primeira planta, podemos ver todo o espaço de arrumação no piso -2, e o piso -1 da casa. Na segunda planta, a zona de entrada, o hall de entrada e o piso 1 da casa. Na terceira planta, a sala do pânico no piso 2 e o piso 3 da casa.

É evidente o uso do mesmo modulo em todos os pisos, das diferentes formas como podem ser ocupados, e da posição dos sistemas de colunas de luz.

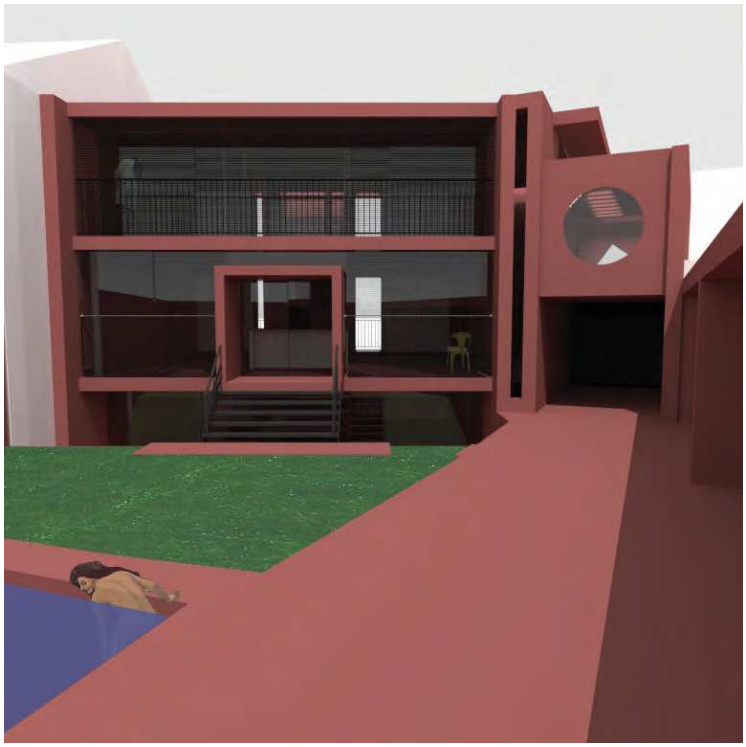
Esta colunas, permite a circulação de ar, de um lado ao outro do edifício, bem como a ventilação natural das casas de banho, diretamente para o lado da rua. Permite também que todas as áreas do volume, mesmo no piso que está abaixo da cota da rua, beneficiem da luz natural que vem de este, ou da que rebate na fachada do edifício do outro lado da rua, de forma independente.

Utilizando o corte como exemplo, é possível com o plano do espelho, quebrar a vista e a luz vinda do exterior para o interior no piso 1 para ganhar privacidade, e conseguir ao mesmo tempo, que a luz natural chegue á casa de banho do mesmo piso, e a todo o espaço do piso inferior.





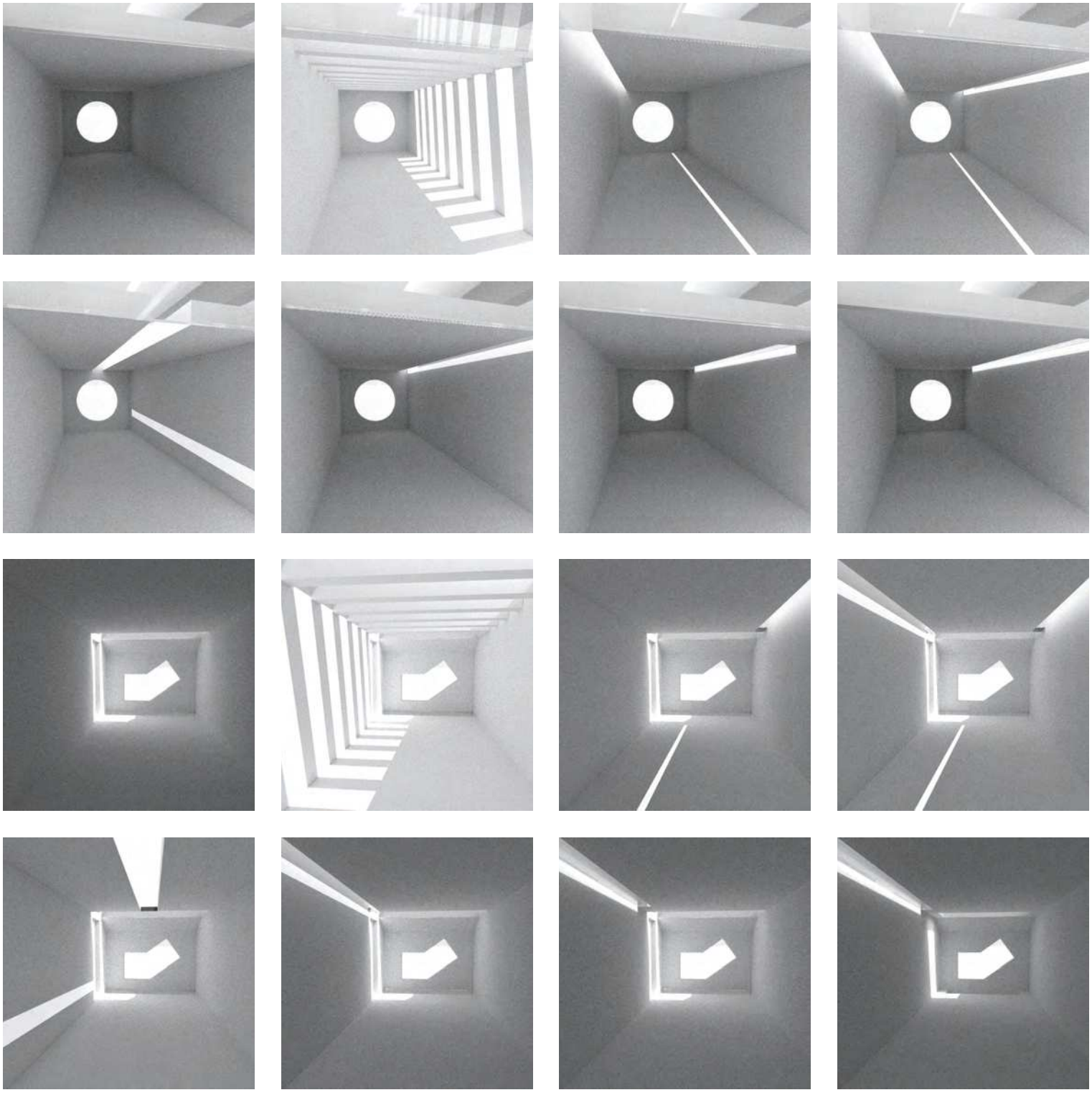




O Pátio é para ser vivido como se fosse o quadro de kuru.a.to - o verde de fundo, corresponde á área do relvado, a risca verde, á zona de vegetação alta, o quadrado azul, á piscina, e o quadrado preto, á base do chuveiro exterior, feita de pedra mármore preta, com o betão cor de telha a ser o material da moldura para o quadro, que seria o espaço onde o carro podia ser a escultura movel, que ao variar na sua posição, iria variar ligeiramente a vista para o pátio.

Foi também projetado um pavilhão de apoio á zona exterior, onde existiam alguns edifícios. Nele foi desenhada uma zona de lavandaria e uma zona de churrasqueira dentro dos planos de vidro, um coberto com uma lamina de entrada de luz, que pode ser usado como abrigo para uma zona de estar, para o carro, ou para secar a roupa num dia de chuva, e uma sala de arrumos ou sala de maquinas.

Deste espaço é possível admirar a geometria no alçado do edifício.

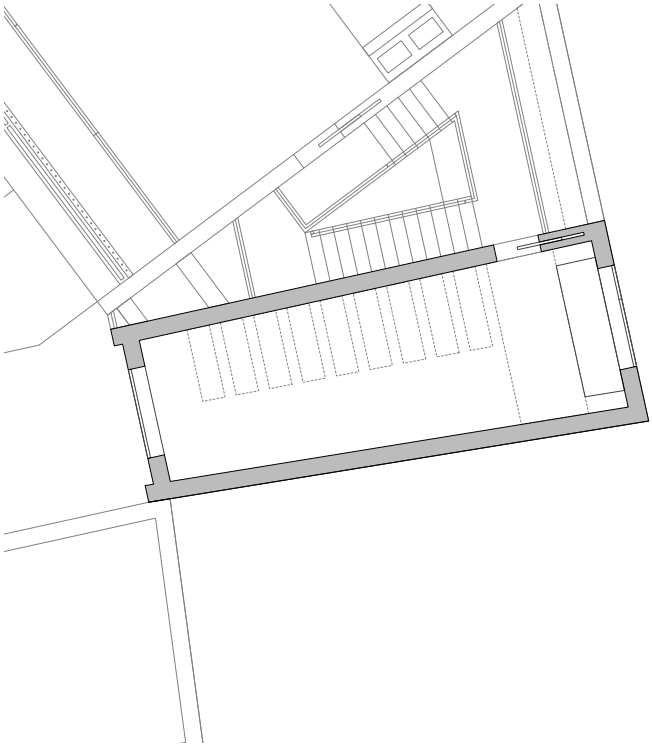


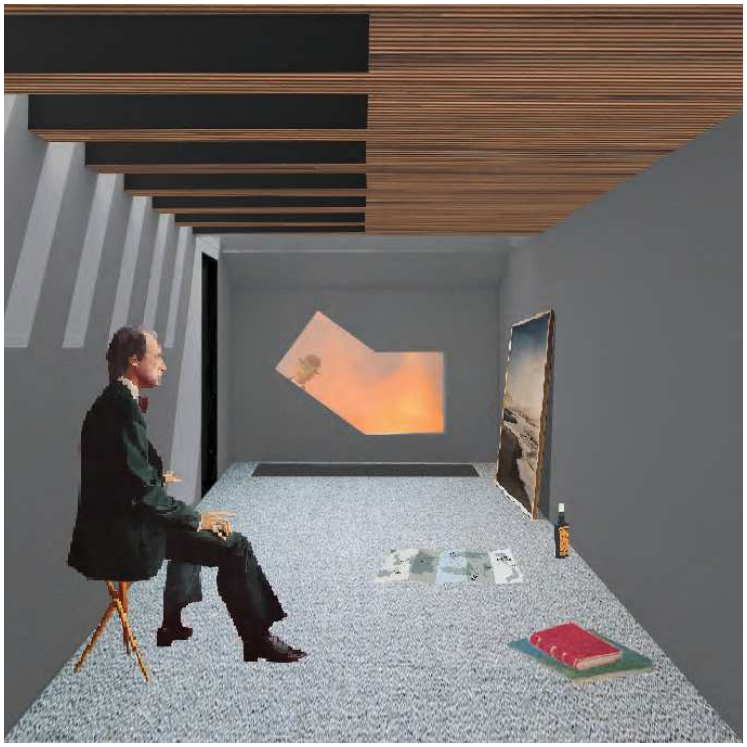
A sala do pânico, está localizada no piso 2, no topo da zona de entrada. É uma sala segura, um espaço de escapatória de toda a ideia do projeto. Uma sala bolha, que na sua essência quer ape-nas brincar com a luz e ver o céu, que não tem como interesse principal ver o pátio, nem em ter a materialidade de projeto na sua constituição.

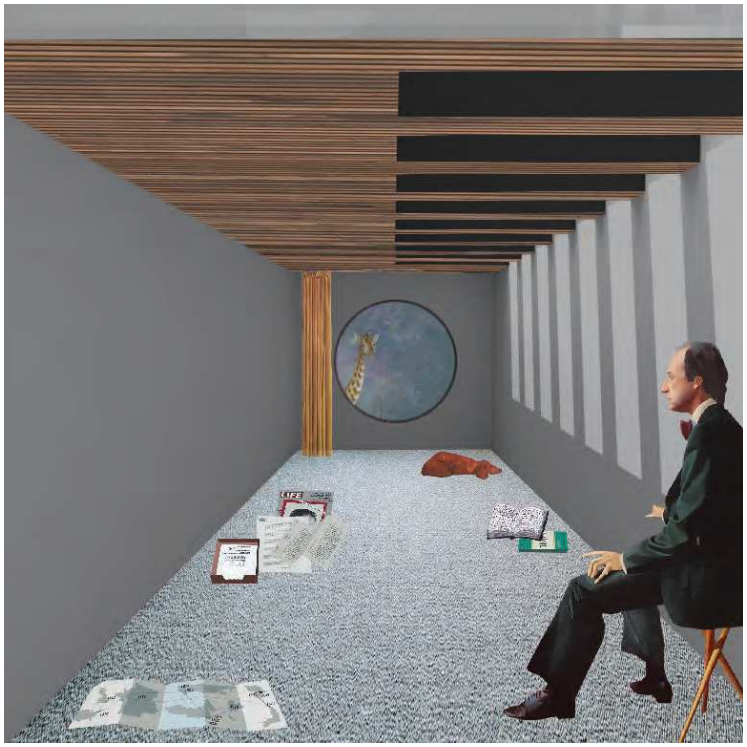
Esta área é também uma divisão não pré-definida, que foi pensada para ser um espaço dedicado ao trabalho ou pensamento criativo.

Aqui estão alguns dos estudos de entradas de luz que foram feitos para esta sala, que procurava as aberturas que permitem um ambiente único interessantes, com luz, e que possibilitasse obser-var o céu.







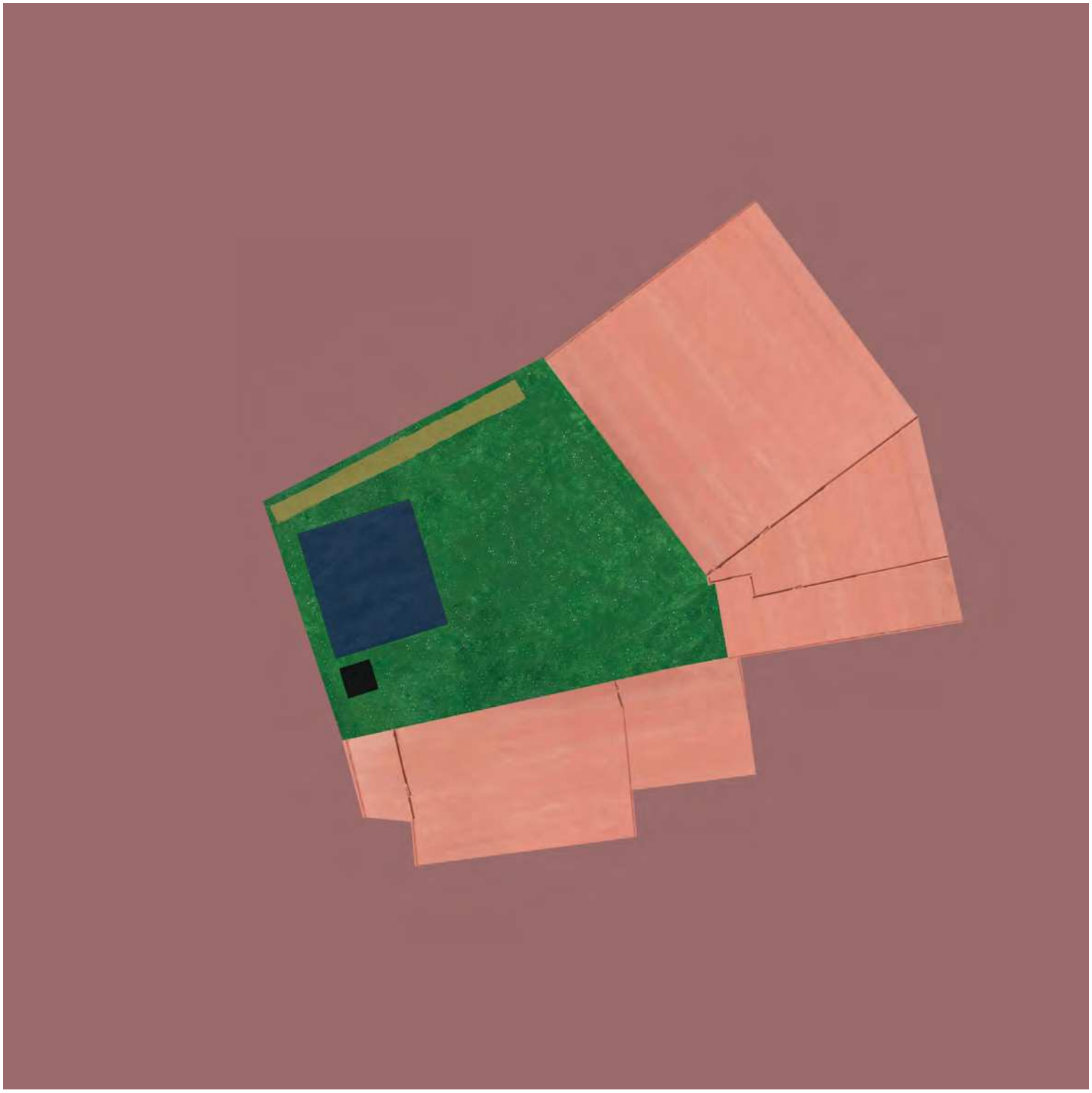


casa com vista para o patio
sala do panico

Deste estudo, nasce um espaço em tons brancos, com uma abertura completa para o céu na zona de entrada da divisão, e com as restantes aberturas a permitirem ao espaço, ter a luz solar escrita durante todo o ano apenas na parede.

De maneira a desintegrar-se ainda mais da ideia de todo o projeto, e de forma a quebrar a monotonia nos alçados, as suas aberturas para o exterior fogem da ortogonalidade das janelas encontrada no projeto. Do lado do pátio, a janela ganha a forma circular, e do lado da rua, de forma a contribuir para a odeia de o alçado mostrar o desenho de projeto a quem passa na rua, ganha a forma abstrata da planta da casa.

Na sala, também existe uma janela no chão, que permite espreitar quem passa na rua, ou quem entra ou quer entrar em casa, sem ter de o fazer pela porta de entrada. Esta janela também permite que, durante a entrada em casa, ou a quem passe na rua junto a esta zona de entrada, tenha uma perspetiva para o céu.



a casa com vista para o patio
imagem joker

Numa estreita rua, desenha-se um projeto num jogo de 3 volumes que se vestem com a cor do material que não usam, e que se abraçam em peças de mármore preto, com vista para um quadro que não é pregado á parede, mas que é materializado no chão de um pátio traseiro que não dava para lado nenhum.

Um volume tem uma entrada para esse quadro, outro volume mostra a luz desse quadro, e outro volume mostra esse quadro.

Neste quadro, pode habitar uma escultura movel, que ao variar a sua posição, altera-o ligeiramente, tornando-o mais interessante. Dentro de um desses volumes, existe um espaço que não quer saber do quadro, que não quer saber da materialidade, nem quer saber onde está. Quer ser luz, céu e distancia.

Como exercício final, foi proposta uma última troca de terreno e dada liberdade total, numa quase ausência de crítica, para que cada um produzisse o seu projecto final. Talvez esse objecto, e este capítulo, seja o único que responde efectivamente ao enunciado do PFA, sendo tudo o resto que o antecedeu apenas processo.

Adolf Loos escreveu, em 1910, que “a casa deve agradar a todos, ao contrário da obra de arte, que não tem que agradar a ninguém sendo a obra de arte um assunto privado para o artista e a casa não.” Aos alunos foi pedido o oposto: que, como autores, desenhassem a sua casa como a sua obra de arte, e que apenas a eles a mesma interessasse. Tudo o resto que daí resultasse seria um produto colateral dessa atitude.



O terreno na Rua de Sevilhães, em Rio Tinto, seria o terreno definitivo, onde iria projetar a casa final.

Localizado numa área maioritariamente habitacional, com grandes áreas agrícolas e alguns armazéns, foi uma zona que ficou estancada no tempo, e que está agora a usufruir de um crescimento no número de construções.

É um terreno de cota constante, que tem a fisionomia de uma mão aberta, onde o polegar está semi afastado, e circunda umas árvores apelativas á vista.









O terreno segue a inclinação da rua num muro de contenção de pedra, e no ponto onde as cotas se encontram, é aí feita a sua entrada.

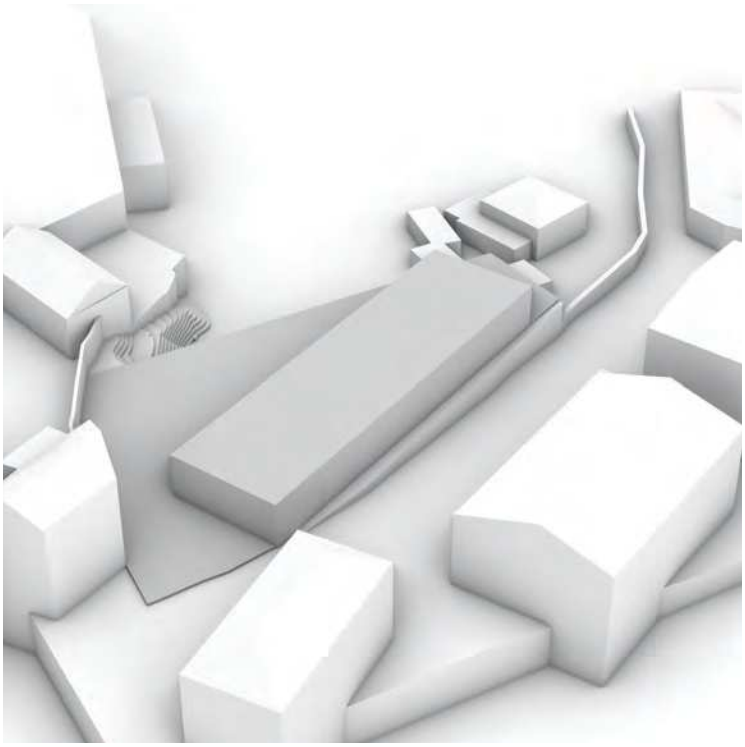
Esta zona de entrada tem muito potencial, é a área mais larga do terreno, e toda a perspetiva que se tem durante o percurso ao longo do muro vizinho, é muito interessante, porque nos vai revelando a grande arvore e a toda a vista do terreno.

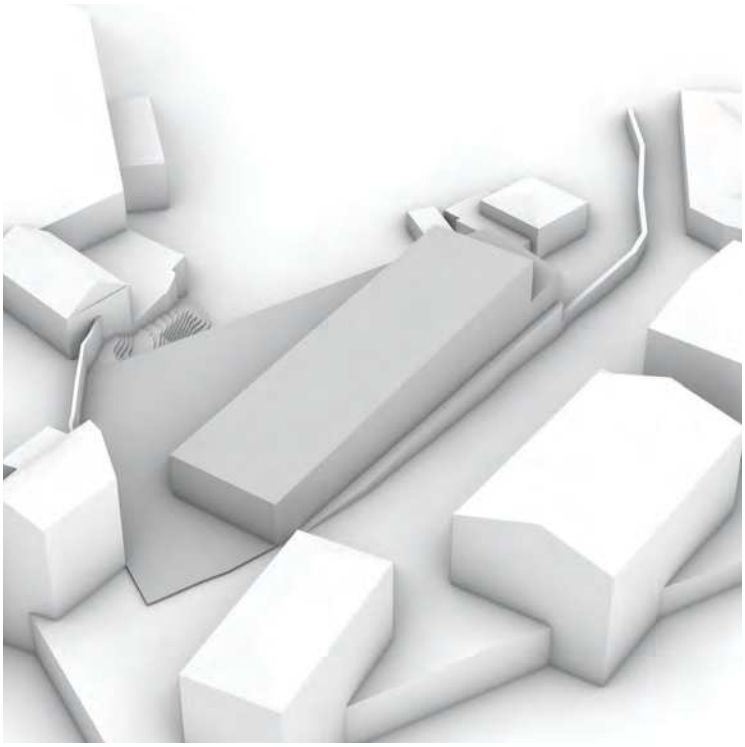




Do lado oposto ao da rua, tem-se vista para um terreno agrícola adjacente, que está a uma cota mais baixa, em relação a este terreno. É uma vista que tem a possibilidade de se ir alterando ao longo das estações do ano, que depende do que seja lá plantado, e de como é feita essa distribuição da plantação. Esta aleatoriedade confere á vista, alguma dinâmica no que respeita á cor e as forma que podem ser vistas ao longo dos tempos.

A norte, é onde está a vista mais fascinante de todo o terreno, que mostra a cidade ao longe, e uma grande zona verde existente, e apenas perde algum do seu brilho, devido á construção vizinha, que também lhe pertence.







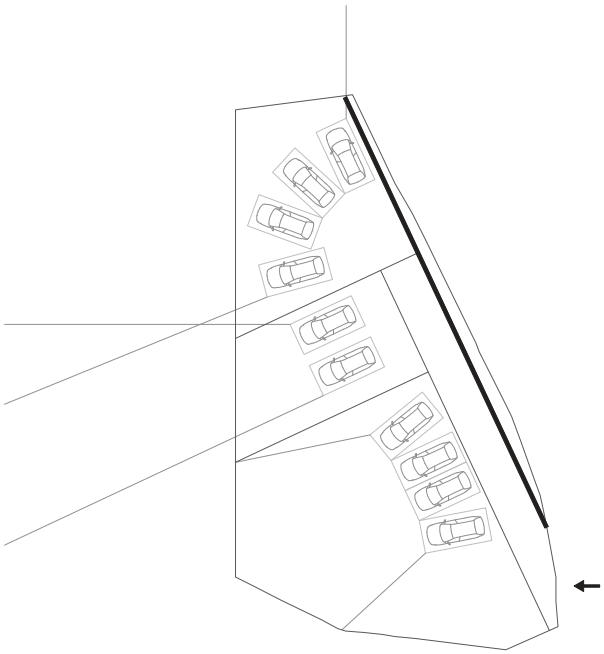


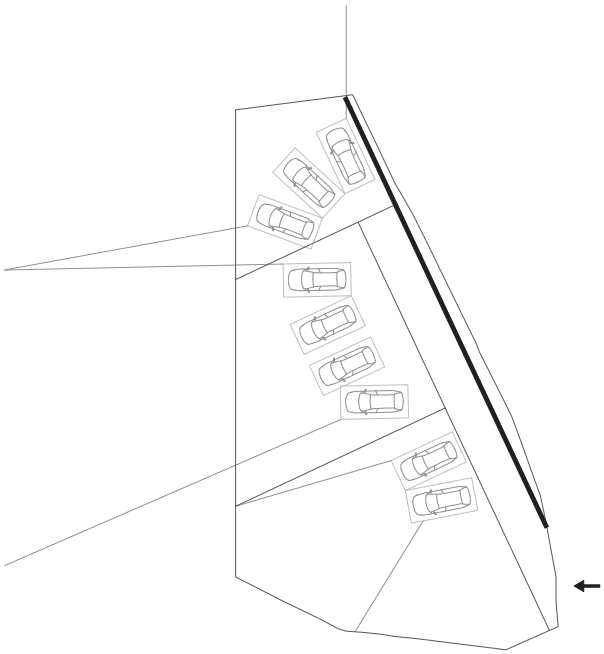
Comecei por pensar num solido que pudesse tirar o melhor partido destas vistas, associando-lhe a ideia de cada uma delas ser uma experiência única, que era mostrada e enquadrada, exclusivamente em determinados espaços no projeto.

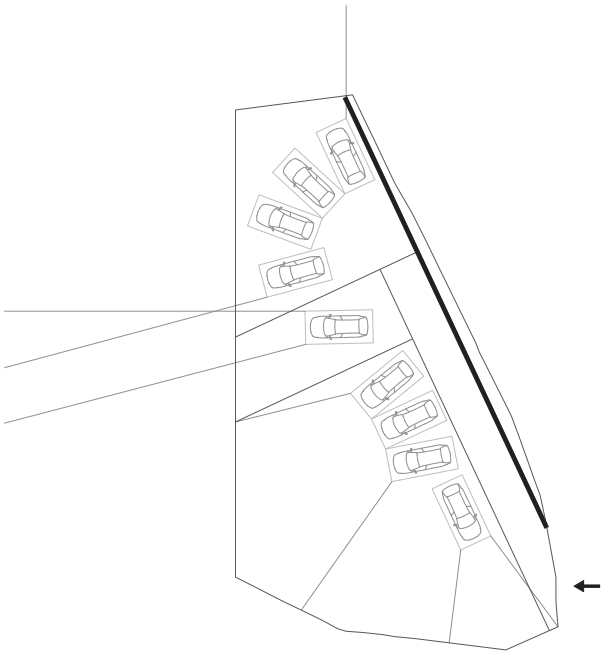
Este solido teria que ser um obstáculo para as vistas, para aqueles que olhassem do lado da rua, para dar privacidade ao projeto e para não revelar nenhuma das vistas, e teria que ser ao mesmo tempo um filtro, que preparava e que ia revelando a seu tempo, cada um desses enquadramentos no seu interior.

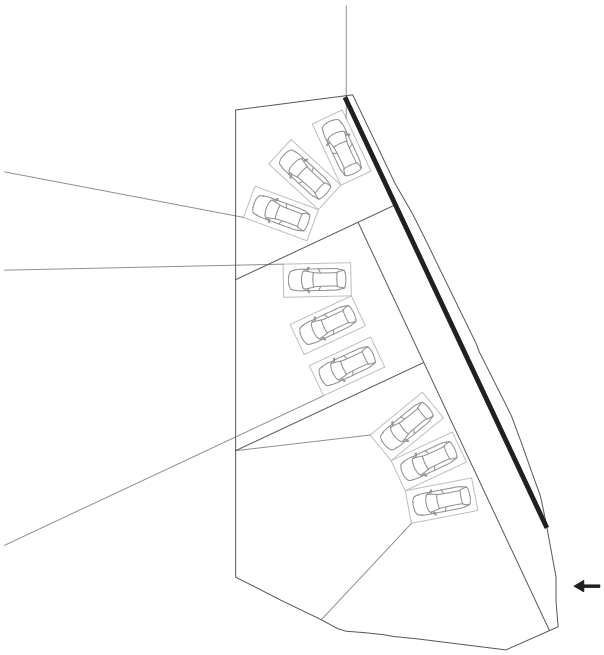
O solido foi depois moldado em forma de rampa espelhada em relação a rua, devido a necessidade de elevar a zona mais a norte para esconder a casa vizinha, e para aproveitando o melhor que essa vista oferece, e ao mesmo tempo, para realçar o contraste entre a linha horizontal do muro de contenção, e a inclinação da rua.

O seu movimento suave em rampa, aliado a obsessão que tenho demonstrado pelo carro, levou a que numa experiência limite, fosse possível ao carro, apreciar e ser apreciado em qualquer paisagem, e no interior de qualquer uma das divisões.









O terreno foi dividido em 3 áreas, e cada uma delas correspondia a uma área dedicada para cada vista. A primeira área, com a vista para o largo no espaço de entrada e para a árvore, a segunda área, com a vista para o terreno agrícola, e a terceira área, com a vista para a norte do terreno.

As vistas para o largo na entrada e para norte, eram as vistas principais do terreno, e eram para onde queria que as divisões de maior interesse e de ocupação mais perlongada, estivessem primeiramente enquadradas.

A vista para terreno agrícola, era parcialmente visível de todas as áreas, mas queria que fosse o único enquadramento dentro das divisões no espaço privado.

Para libertar por completo as áreas interiores para a vista, a zona de circulação é posicionada junto á rua, para onde não me interessava mostrar nada em particular, e teria a largura para circular um carro, que poderia assim ser guiado e estacionado, em qualquer uma das zonas, e ser uma escultura exposta somente para a divisão, ou uma escultura na paisagem, ou um meio para ver cada paisagem.









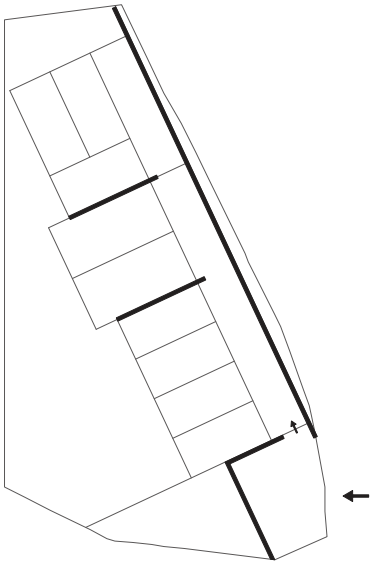
Esta experiência serviu de base como conceito, para fazer a divisão interior do solido. É abandonada a ideia de poder estacionar o carro em cada divisão, e o carro passa a ser o volume da ocupação que queria nos espaços interiores, a sua direção, o enquadramento que queria mostrar em cada um desses espaços, mantendo-se a ideia de uma casa em rampa, com acessibilidade total em todo o projeto.

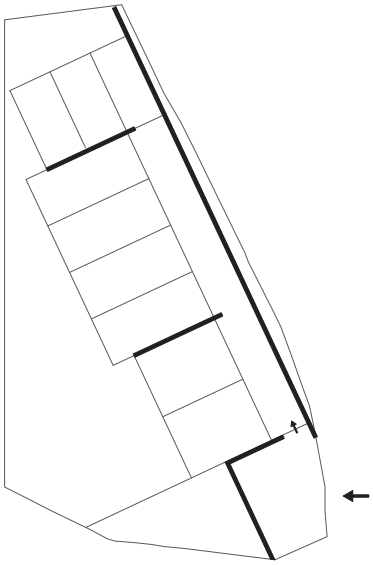
Quase como numa brincadeira com carrinhos de quando era criança, fui estudando várias maneiras de distribuir esses volumes.

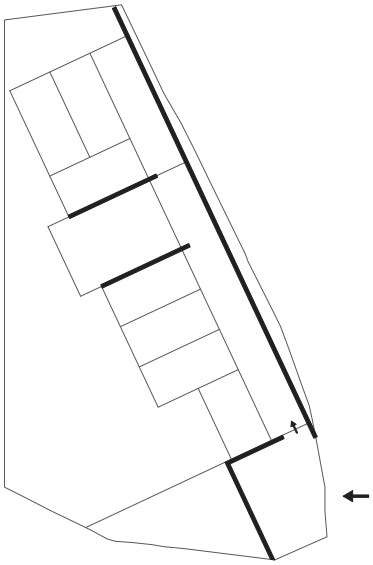
Se deveria dar mais volumes ao espaço comum com vista para o largo na entrada, que era a área onde poderia trabalhar mais o espaço exterior com vista para a arvore, e ter ainda como vista, o carro que tanto me interessava.

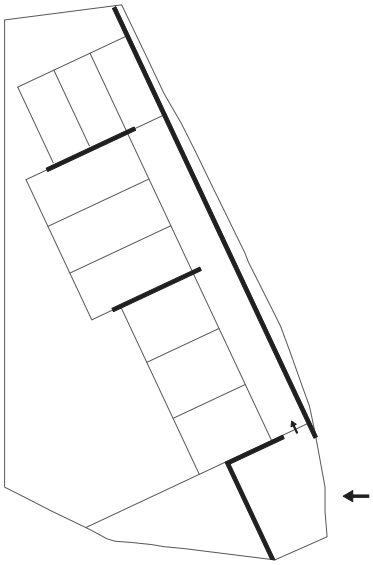
Se deveria dar mais volumes ao espaço comum com vista para norte, que era a vista de excelência do projeto, que mostrava o verde e a cidade ao longe.

Se deveria usar mais desses volumes para aumentar o espaço privado.









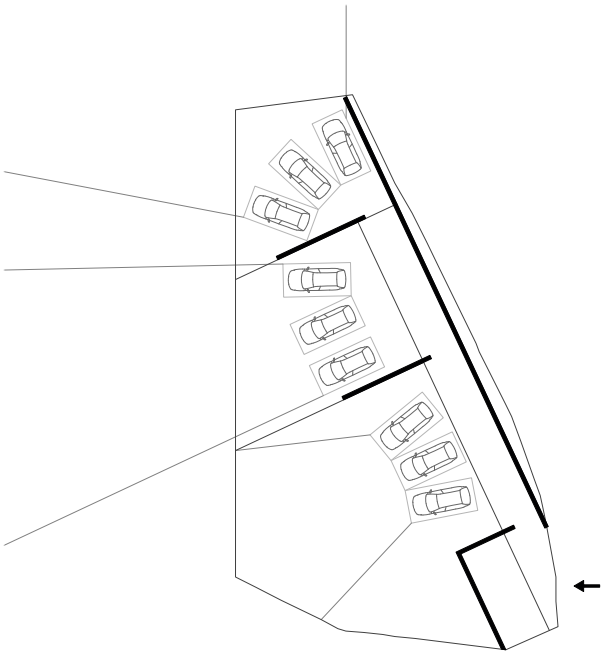
Nesse estudo das distribuições, apercebi-me do modulo base. Um corredor, une duas áreas comuns, separadas pela área privada. De 3 gestos, nascem 3 paredes fortes, que separam, preservam e restringem as 3 diferentes vistas.

Para a área privada, dado a extensão do volume do projeto, ponderei que deveriam de existir um mínimo de dois volumes para o espaço privado dos quartos. Para os espaços comuns, foi um jogo de divisão das suas funções principais, o cozinhar e o estar, e das suas funções não essenciais, pelas duas vistas do projeto.

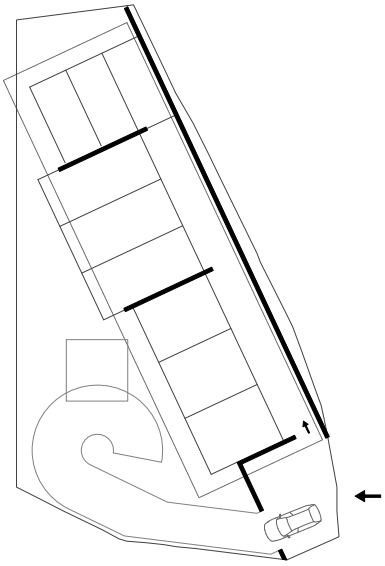
Podiam existir dois espaços comuns principais, onde cada uma das vistas teria uma das funções principais do espaço comum, e as algumas das restantes funções.

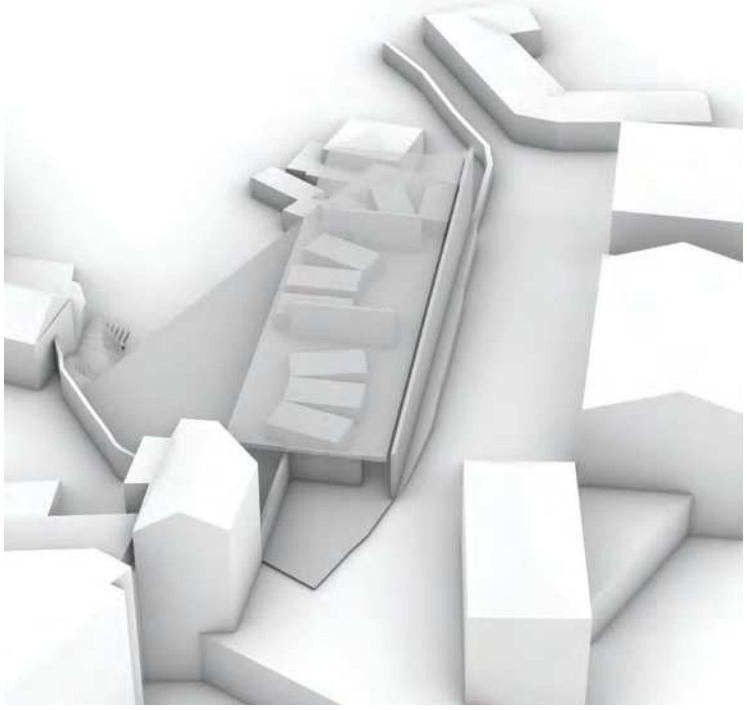
Podia existir um único espaço comum de funções principais numa das vistas, e as restantes funções na outra vista.

Podia existir apenas um espaço comum com todas as funções, que era duplicado, em cada uma das vistas.







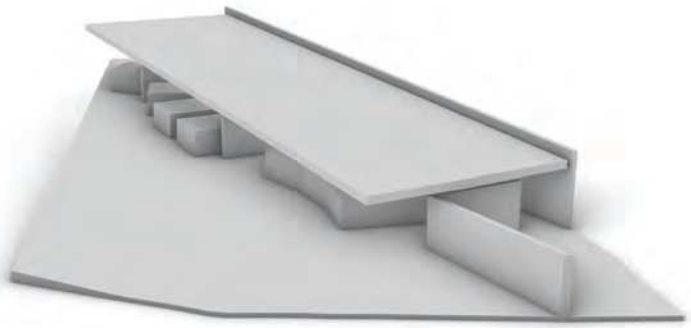


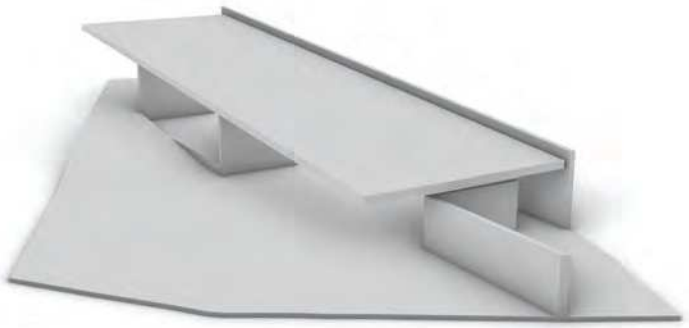
Olhando para o tamanho máximo que o projeto poderia ter, com a área e com a elevação que achava necessárias para a zona norte, e mantendo a conexão em rampa acessível, optei por usar três volumes para formar o espaço privado.

Para os espaços comuns, a ideia de ter este espaço em duplicado, foi abandonada, por ser exagerada, tendo em conta também o tamanho do projeto, e optei por pensar quais as relações que queria em cada espaço para com a vista respetiva.

A norte, por ser a vista de excelência, queria o espaço de vivencia, de acolhimento, e de reunião, que pudesse estar em completo diálogo com a vista para paisagem, trazendo o exterior para o interior e vice-versa.

No espaço com vista para o largo na entrada, queria um espaço multifuncional e de entretenimento, onde a vista não necessitasse de ser tão relevante para esse interior. Esta vista, seria um exterior desenhado, com vista para a arvore, e o sítio onde o carro poderia ser escultura móvel na paisagem.









Deixando de ser do carro e passando a ser das pessoas, a casa deixa agora de ser totalmente em rampa, para passar a ser níveis em cada um dos espaços interiores, mantendo-se o gesto da rampa na sua cobertura, e na parede exterior, que espelha a inclinação da rua.

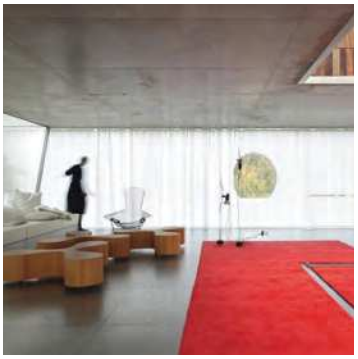
A cobertura, o muro na zona de entrada e a parede do lado da rua, são o obstáculo que dão privacidade e que não permitem ver da rua, as vistas do projeto, para que seja depois o interior do projeto a revelar cada uma dessas paisagens.

Numa fase seguinte, a cobertura é também moldada em 3 gestos, que refletem as três distintas zonas do projeto.

O seu tamanho, a parede praticamente cega e a sua forma em rampa, fazem com que o projeto seja uma estrutura mistério, que em nada se parece com uma casa. Ao se chegarem à frente do muro na entrada, a cobertura e a parede do lado da rua, contribuem para aumentar esta ilusão, e convidam á curiosidade de subir ao topo da rampa, para espreitar a vista que poderá mostrar o topo desta colina.















1998
rem koolhaas
house bordeaux

2019
Fujiwaramuro Architects
House in Takamatsu

Como referências, trago alguns projetos que foram inspirações ou que serviram de exemplo, por terem algumas características ou aspetos que também queria neste projeto.

A House bordeaux, de Rem Koolhaas foi um projeto ao qual recorria constantemente como inspiração. A liberdade espacial existente, como que no interior de um espaço expositivo, ou no como é desenhado o caminho até à entrada em casa, onde até á sua chegada, o muro exterior blinda ao olhar, o edifício e o pátio central interior, que depois acaba por ser o lugar onde o carro funciona plenamente dentro deste aspeto, de ser uma escultura movel, que ao variar a sua posição, altera ligeiramente a vista para este pátio interior.

A House in Takamatsu, dos Fujiwaramuro Architects, acaba por ter também este caracter de casa como espaço expositivo, e por ser um exemplo onde é levado ao extremo, este conceito de ver o carro como escultura na paisagem, onde o carro é elemento unico e altamente marcante nesta paisagem vista do interior.















A fany house, dos 2001, foi o projeto que serviu de base para o conceito desta casa. Um bloco de betão, onde cada piso tem vista numa direção diferente. Este bloco é aplicado no projeto, mas longitudinalmente, ao longo de cada um dos níveis junto a rampa, e cada um deles, tem também vista para paisagens diferentes.

A Residencia av, de cristián romero, é um projeto semelhante. É também do lado da rua um grande volume, cego, relativamente anonimo, e que não revela a vista a quem o vê da rua, ou a quem está a entrar em casa. Pintar o betão de branco do lado da rua, como acontece neste projeto, poderia ser a opção que procurava, para enfatizar esta dualidade entre o que é privado e o que é publico.

Por fim, alguns projetos que foram modelos, por terem características que queria no projeto. A Casa em Moledo, por ter esta cobertura numa laje perfeita, onde são pousadas peças quase escultóricas de estruturas necessárias, a Casa em Palmares e a Casa RB, por serem o exemplo de como queria a materialidade da casa, e a possível ocupação para o interior, e o Cube Art Museum, cuja zona de entrada murada, foi uma clara inspiração para a entrada em casa deste projeto.

2018
2001
fany house

2016
cristián romero
residência av

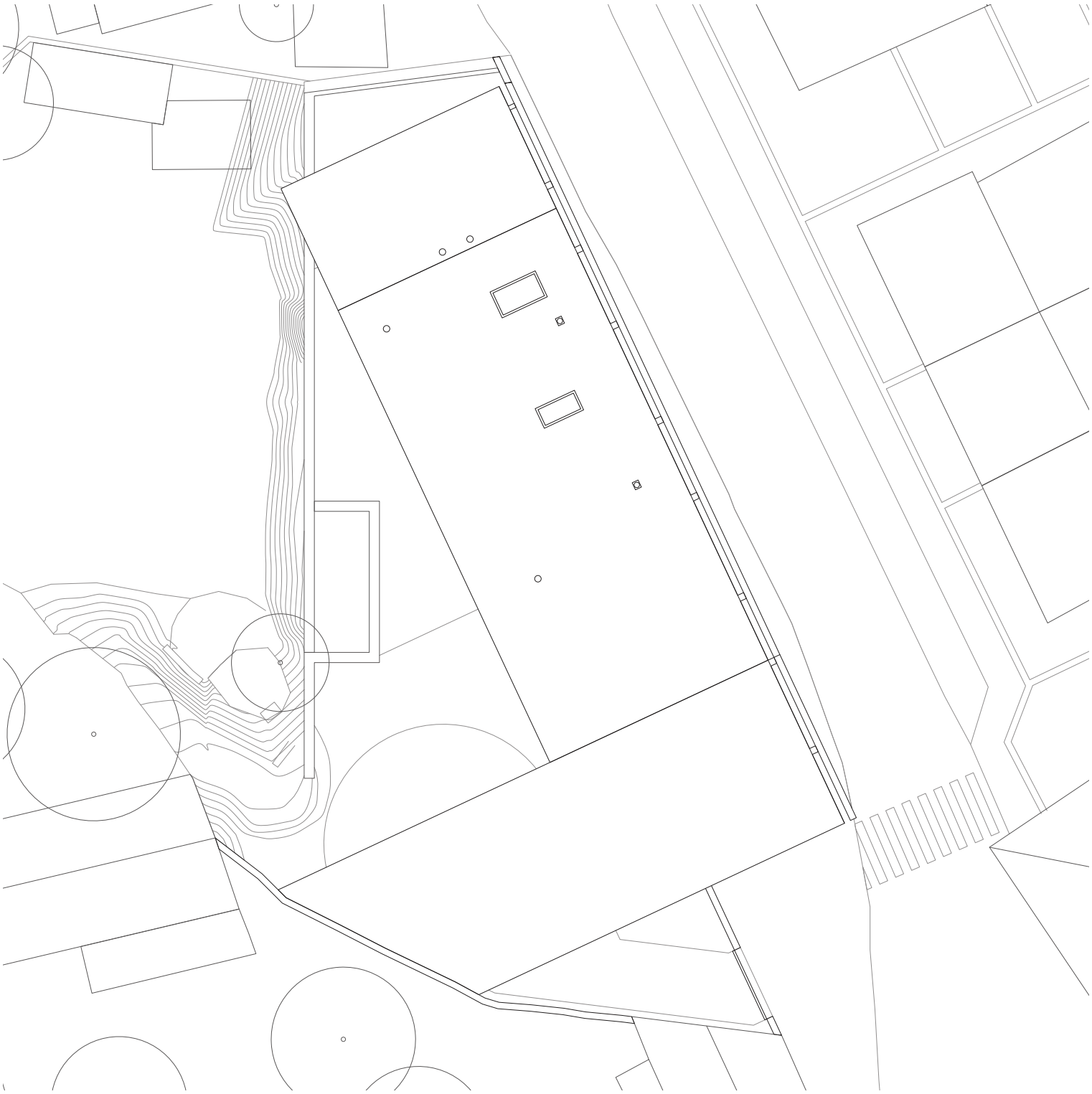
2016
cristián romero
residência av

1998
souto de moura
casa em moledo

2017
frederico valsassina
casa em palmares

2012
marcos bertoldi
arquitetos
casa rb

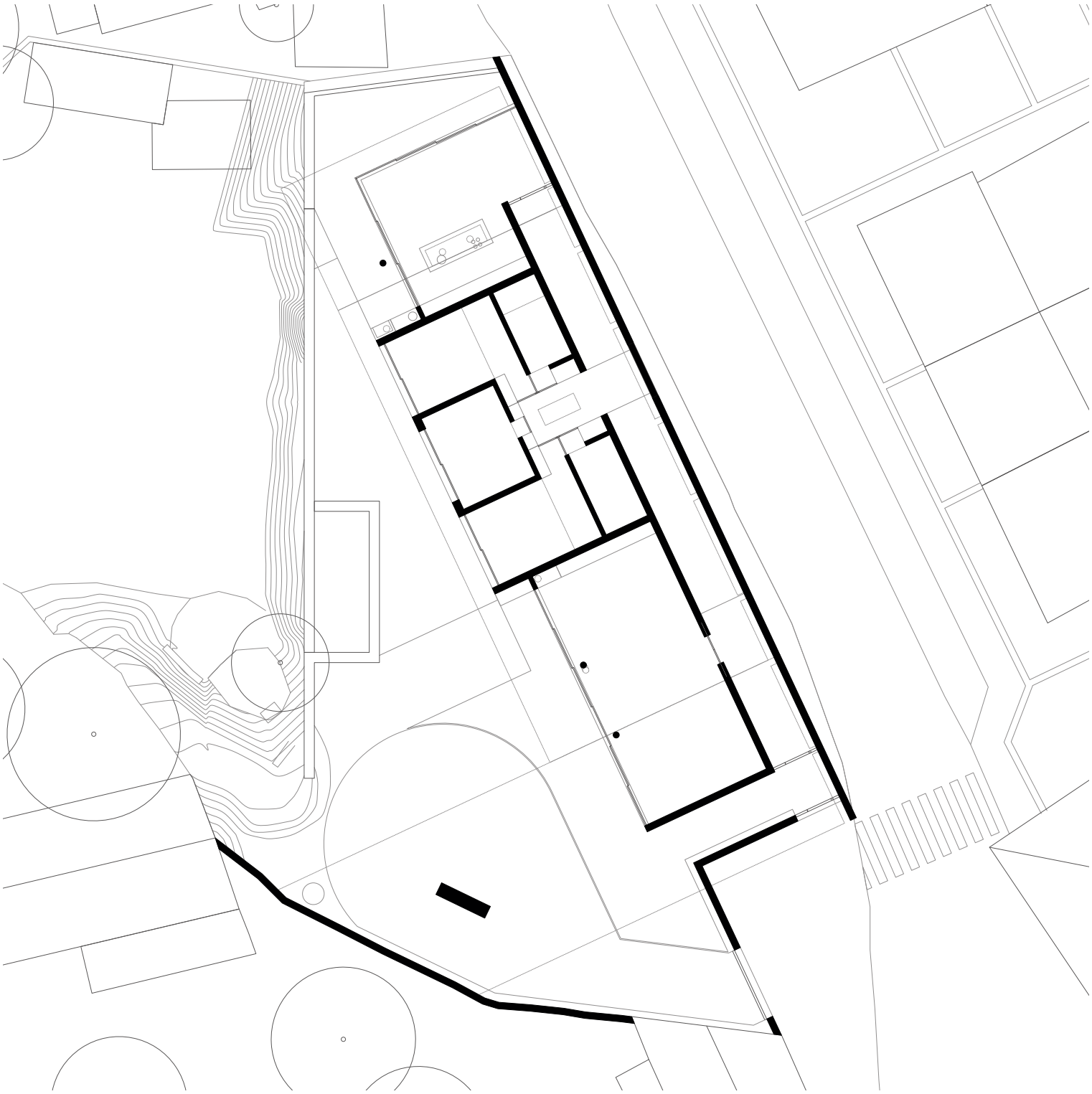
2020
studio zhu-pei
cube art museum
at 798



Aqui é possível, ver a cobertura, que agora passava a ser em 3 gestos que refletem as 3 distintas zonas da casa.

O primeiro gesto corresponde à primeira área comum, e a todo o espaço de entrada, e por isso é estendido também para a zona do carro, que fica coberta por este gesto, o segundo gesto corresponde à área privada da casa, e o terceiro gesto á segunda área comum.

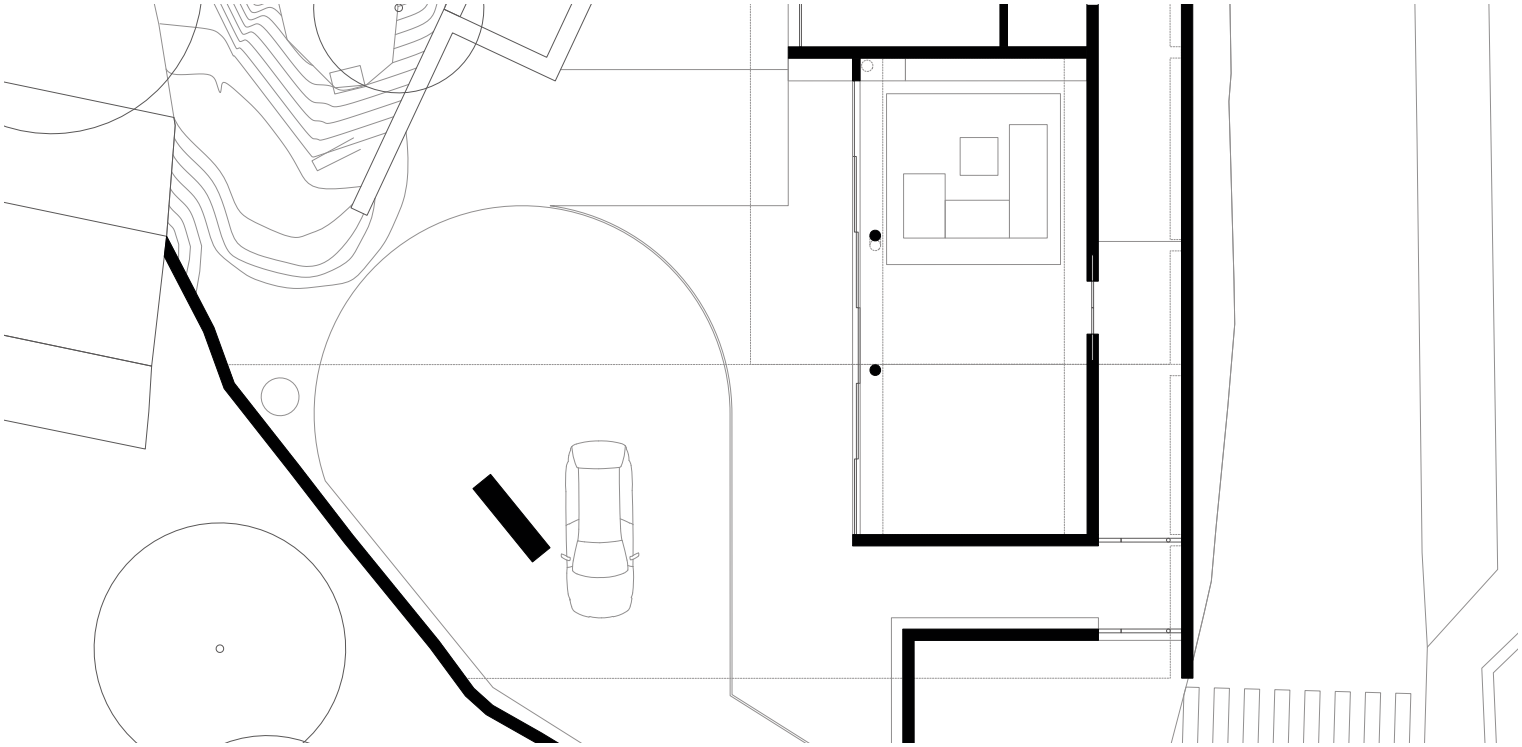
Nestes gestos são pousadas estruturas, e aberturas que trazem para o interior luz e a vista para o céu.

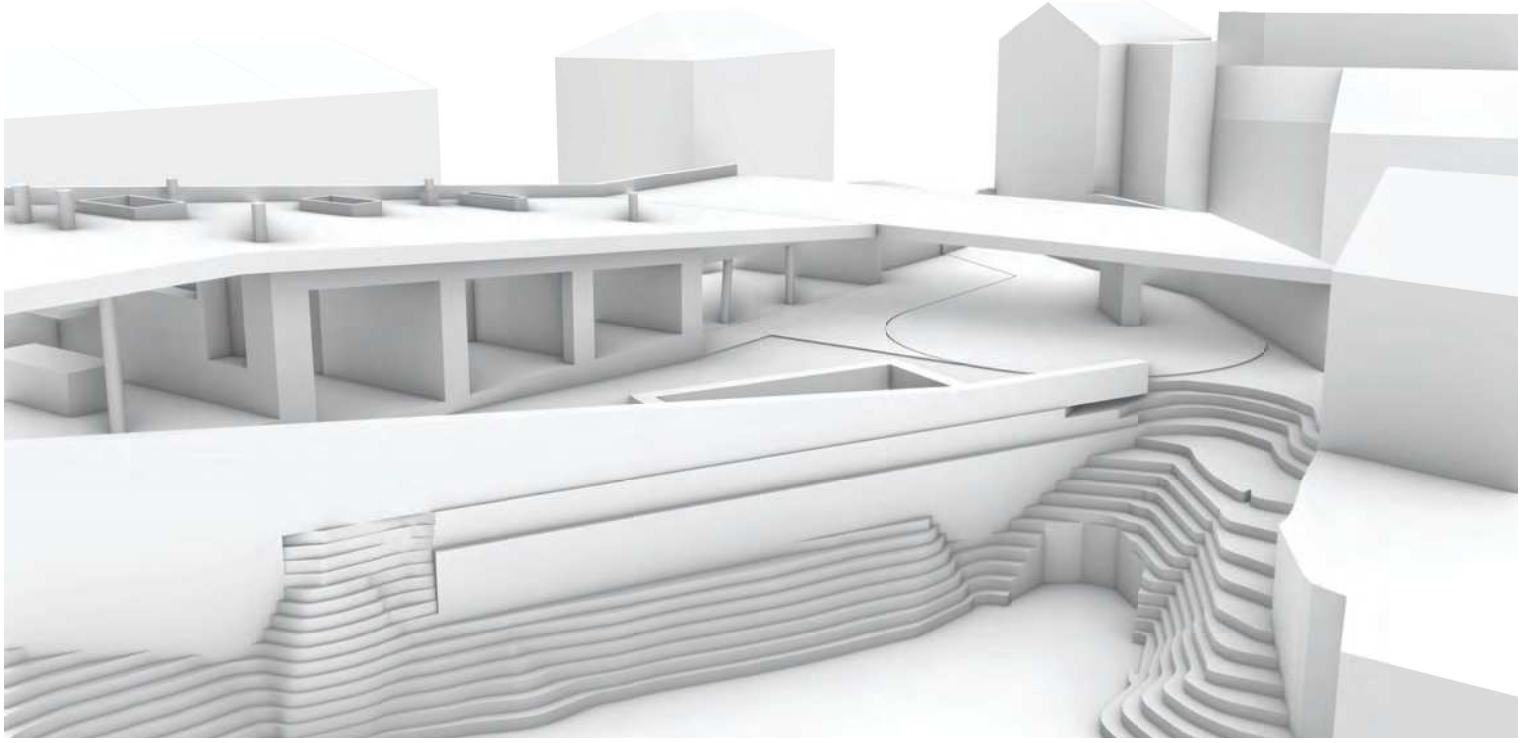


Na planta, é possível ver que se mantém fiel ao modulo base do conceito, onde as 3 paredes fortes se mantêm, separando as 3 áreas e restringindo as suas vistas em cada uma.

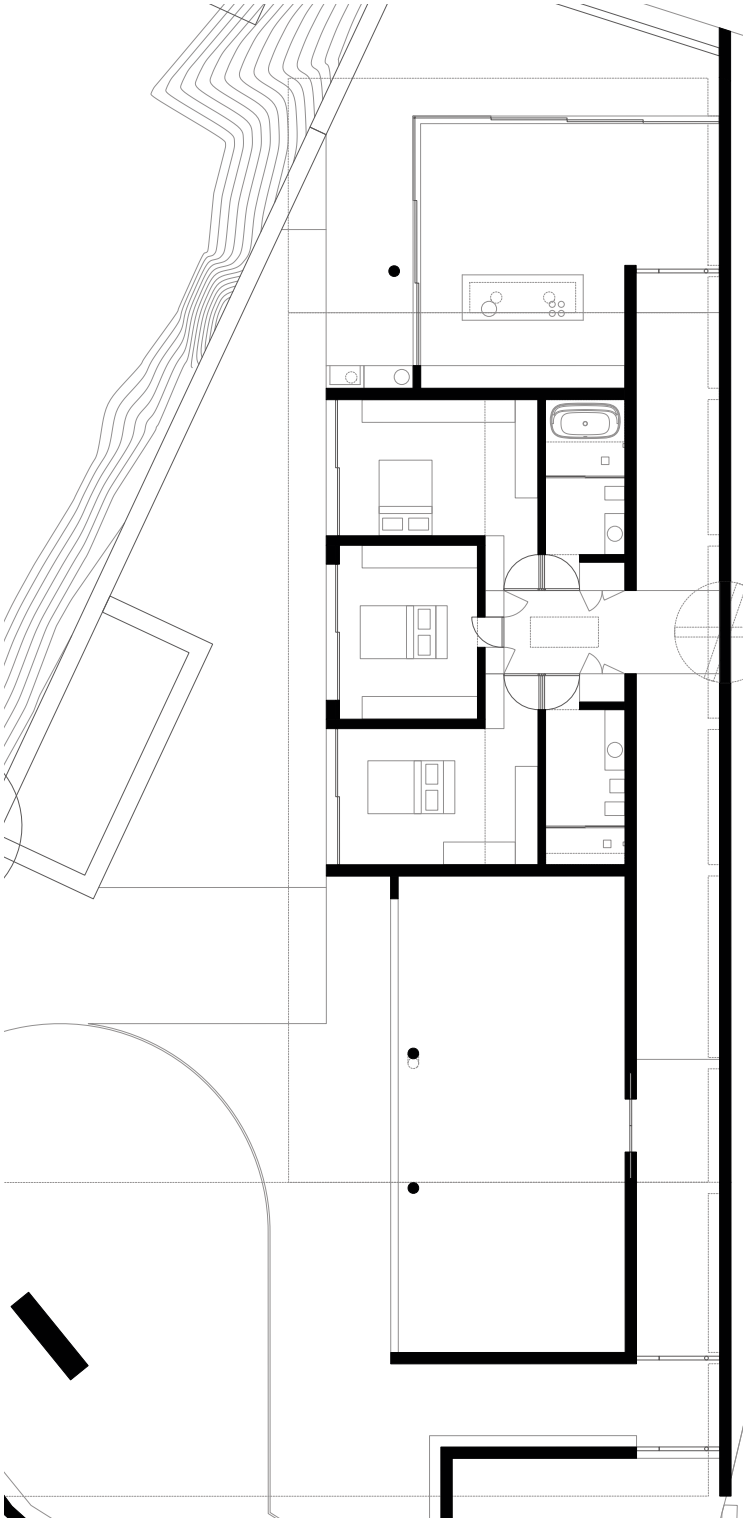
Este projeto foi pensado para ser todo ele, tal como foi mostrado em algumas das referências, um grande espaço vazio de vivencia e de exposição, não só ao longo do corredor, mas em todos os espaços interiores.

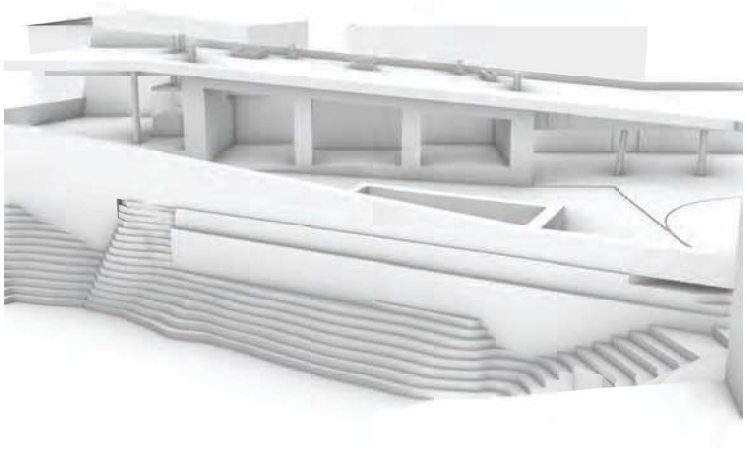
Os muros exteriores bloqueiam a vista para o interior e para as paisagens aos olhares vindos da rua. A entrada do lado da rua bloqueia a vista para a paisagem, de forma a que funcione como o filtro que foi esperado.

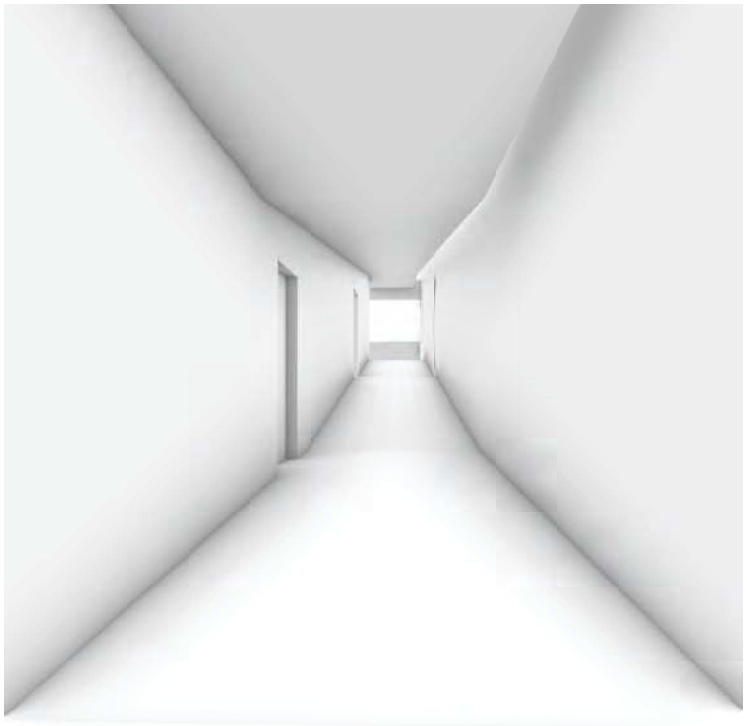




O primeiro espaço de acesso após a entrada é uma sala dividida em dois espaços, com vista para o espaço exterior, onde está a árvore e onde está presente também o carro, e tem esta dupla função de espaço multifuncional.



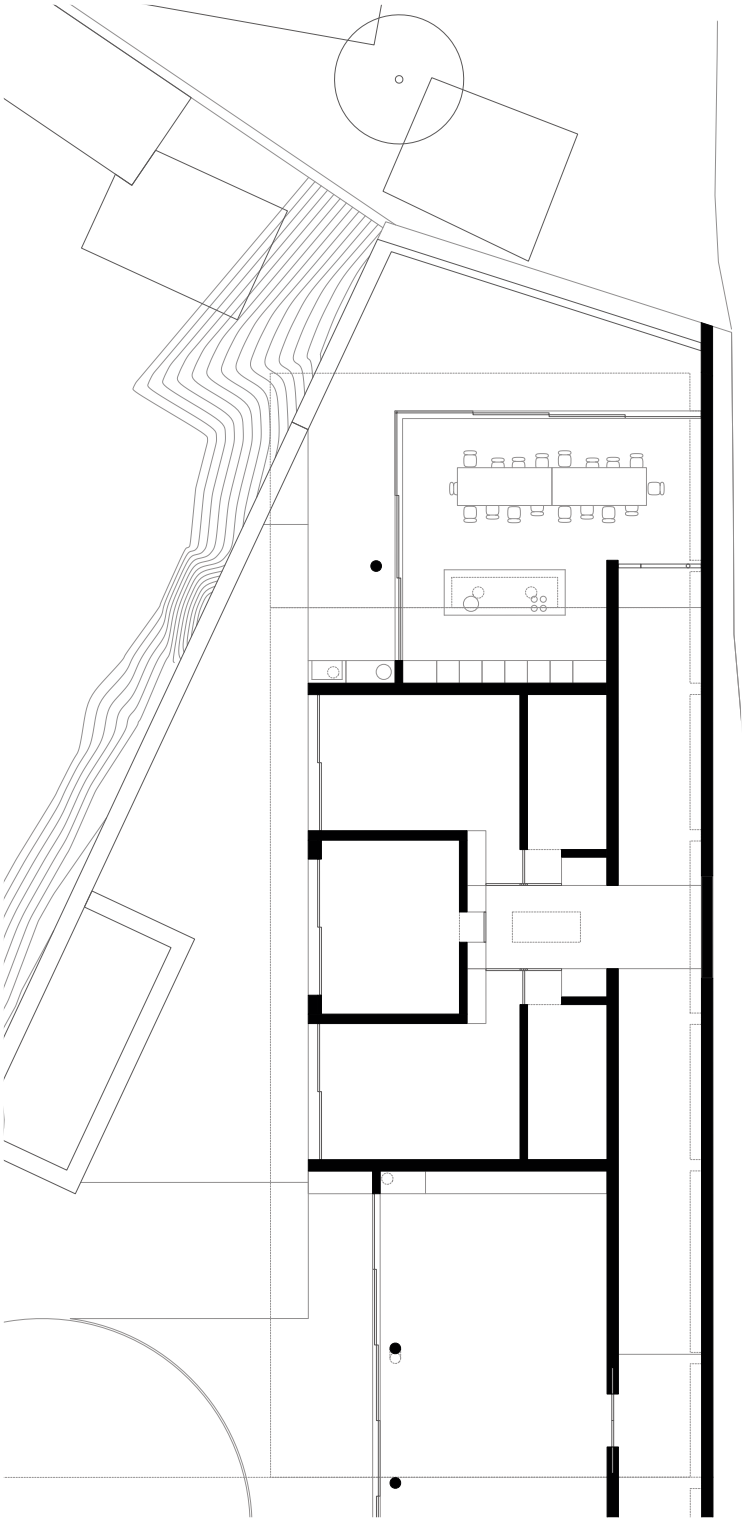


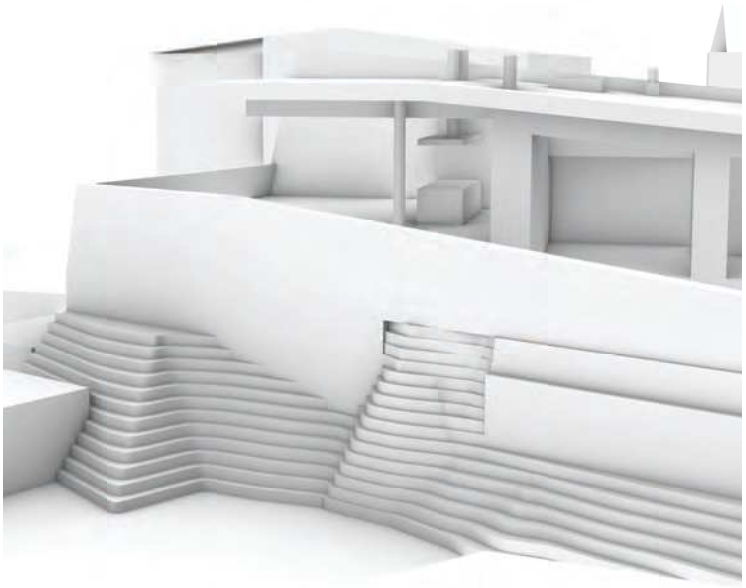


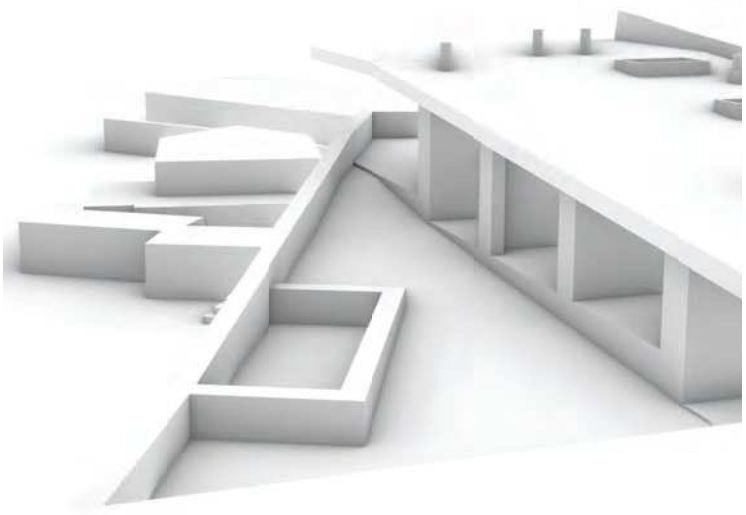
A chegada ao espaço privado, é feita no hall dos quartos. É um espaço de homogéneo, onde não é suposto haver uma clara diferenciação entre portas dos armários e as portas de passagem, como se fosse um espaço que não ia dar a lado nenhum, e que era apenas um espaço de paragem e de descanso na rampa, onde é possível olhar o céu pela claraboia, ou atrever-se a dialogar com a rua, abrindo a janela redonda feita de parede.

Dentro do espaço privado, é interessante notar, que apesar das instalações sanitárias e dos quartos serem aparentarem semelhantes entre si na planta, cada um proporcionam uma experiência tridimensional diferente, sendo os espaços a sul de pé direito mais curto e decrescente, e os a norte de pé direito mais alto e crescente, existindo apenas uma pequena passagem de pé direito igual para todos, depois de se passar a porta, e antes de efetuar a entrar por completo para o espaço.

Os quartos têm vista para o terreno agrícola, e acesso direto ao espaço exterior junto a piscina.



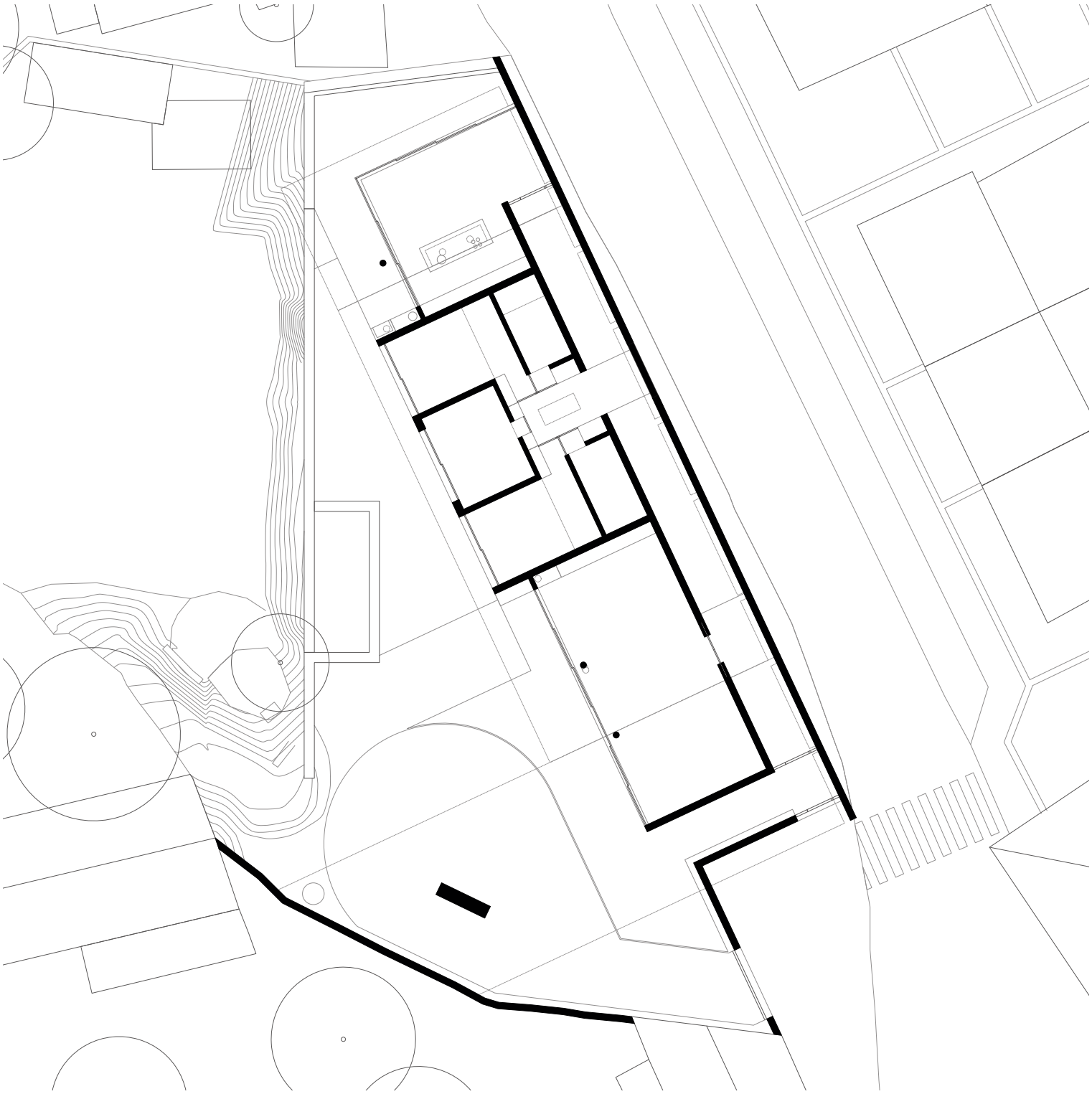




Na chegada á cozinha, somos logo deslumbrados pela vista a norte, onde vemos o espaço verde e a cidade ao longe, e onde o volume vizinho já não pertence.

A ideia era que neste espaço existisse um completo diálogo entre o exterior e o interior, que se pudesse abrir completamente para a varanda e para a paisagem, e que funcionasse como o espaço de vivencia e de acolhimento da família.

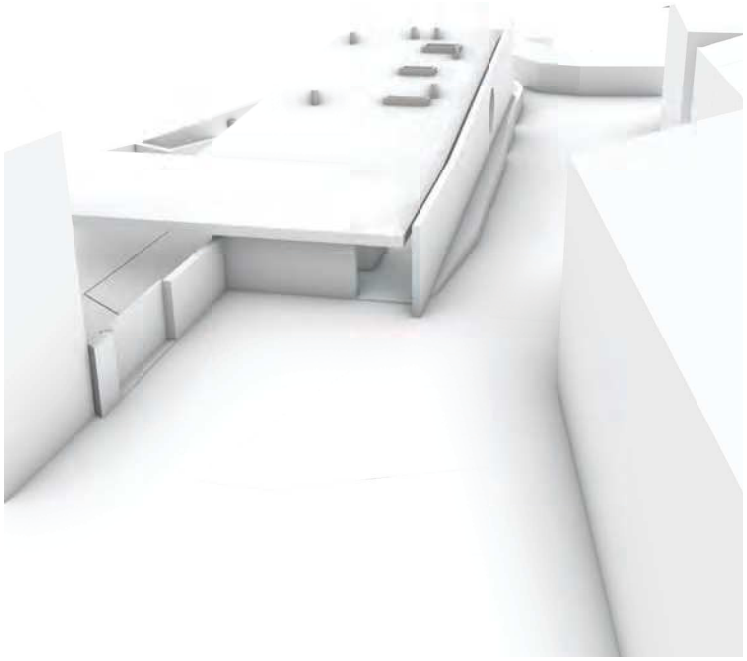
queria que estivesse a cozinhar, tivesse vista para esta paisagem e ao mesmo tempo para a mesa de refeições neste espaço.

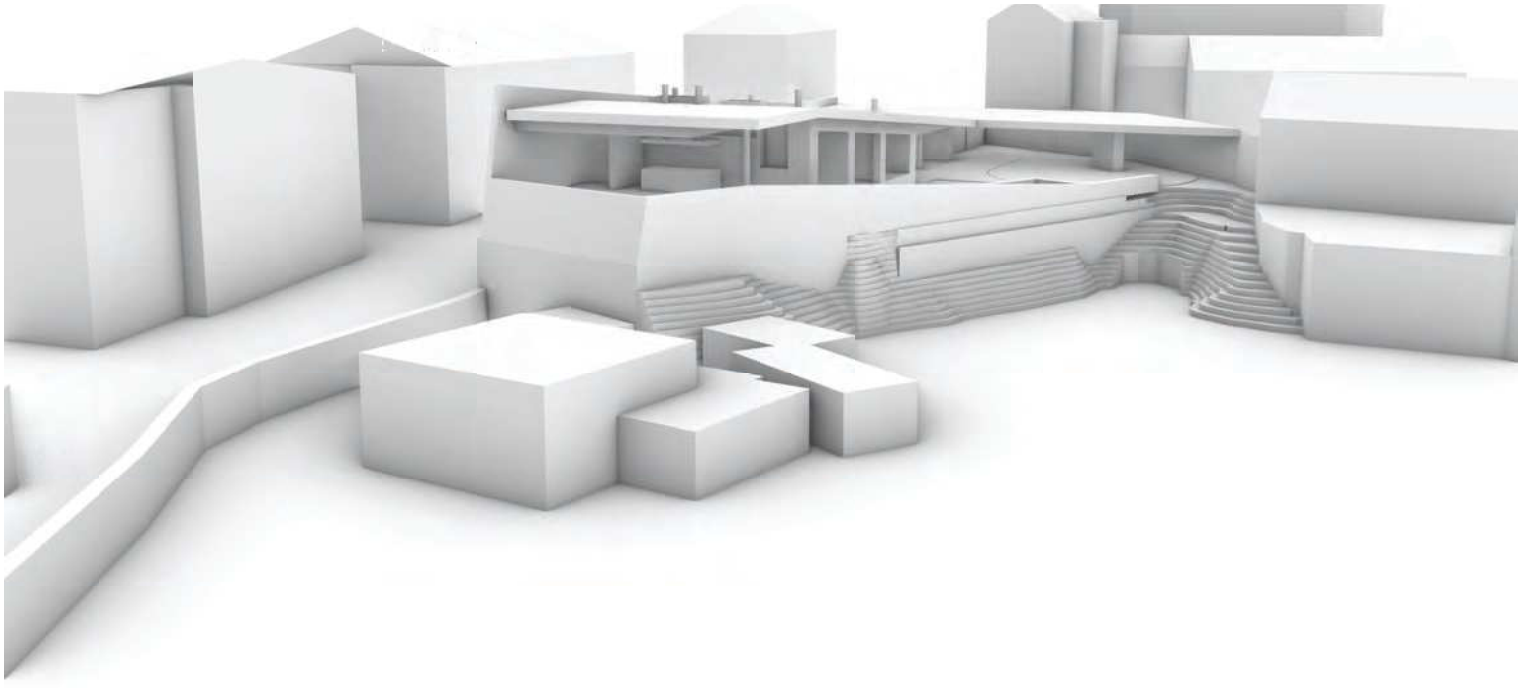


O restantes espaço exterior, é uma zona verde com piscina, e o espaço coberto do carro.

A piscina surge aqui como uma mera formalidade. Realisticamente, acho que um cliente quereria sempre uma piscina neste projeto, e o seu lugar ideal neste terreno, apenas poderia ser ali, junto aos quartos e como vista para a sala. Sendo assim gostaria não de a ver como uma piscina, mas como um antigo tanque junto ao muro, que no passado terá sido usado para regar o terreno agrícola que dá vista à casa, e que agora era reaproveitado de outra forma.







Este exercício, acabou por ser realmente o desafio que desejava que fosse proposto como tema, para uma das turmas deste 5 ano, um exercício em parte de busca individual, englobado dentro deste desafio aparentemente simples, do desenhar de uma casa.
Após estes 5 anos do curso de arquitetura, parece que é no fim que voltamos a ter espaço para reagrupar. Um voltar á origem, sem ser um retrocesso ou um voltar atrás, depois de andar à deriva e sem grandes expectativas, a projetar manchas e monstros prescindíveis à cidade.
Foi também este ano, que finalmente nos foi mostrado, dado e aplicado pela primeira vez, um verdadeiro método de trabalho rigoroso, regrado e com ferramentas base, uma autêntica linha de montagem robusta, que penso e espero que seja a norma no mercado de trabalho.

O exercício começou por ser uma proposta de investigação, que começava na criação de um arquivo de casa portuguesas, feitas em Portugal por arquitetos portugueses, que passava por nomes tão conhecidos, como são os suspeitos do costume, e por arquitetos tão desconhecidos, que encontrar informação alguma relativa ao mesmo, era como encontrar uma gota de água no deserto.
Estas casas, tiveram de ser dissecadas da internet, de vários livros e revistas presentes nas múltiplas bibliotecas e arquivos online, em alguns dos casos, em contactos diretos com os ateliers e com os próprios arquitetos, sob o em risco de já não existirem, ou de serem contactos não correspondidos, e em casos extremos de escassez de conteúdo, indo diretamente ao arquivo das camaras municipais consultar o dossier do projeto, ou indo diretamente ao encontro da própria casa, pedindo permissão e conversando com os próprios proprietários.
Um autêntico trabalho de campo, que culminou num estudo intelectual que ficou gravado num arquivo de mais de 180 casas, onde foram reunidas fotografias, localização, documentos e desenhos do projeto, redesenhados numa mesma linguagem gráfica unificada, que seriam a base sólida para o desenvolvimento e para a criação de um tema de curadoria individual, que foi lentamente descoberto e aprofundado durante as apresentações semanais de cada uma destas casas.

Para o tema da curadoria, originalmente pensei num tema que me inquieta muito, e que está relacionado com a obsessão que tenho com o carro. Apesar de haver alguns exemplos dentro do nosso arquivo onde é possível estudar o movimento relacionado com o caminho do carro e onde a sua posição em relação à casa é minimamente interessante, estes não são suficientemente relevantes, quer na sua qualidade, quer na sua quantidade, para poder levantar um tema, nem nunca é mencionada qualquer relação pelo próprio arquiteto, nem pelo aluno que apresentou a casa.

Infelizmente, a arquitetura e os arquitetos, e o mundo neste momento, não gostam muito de carros, ou não gostam de mostrar que gostam de carros. É um tema tabu para a arquitetura ainda hoje, são raros os casos em que o carro é peça central, ou é um tema altamente importante, ou sequer é mencionado, na criação do projeto.

“I don’t think anyone would be surprised if I were to say that architecture has so far made very little effort to coexist with the automobile”

Rafael Moneo, in “CARCHITECTURE”

O livro CARCHITECTURE, mostrou-me que existem exemplos de projetos onde o carro é uma peça central, e que existem arquitetos que o consideram na conceção do projeto, e foi por isso um porto seguro, um pilar que me deu segurança e confiança para continuar a perseguir este tema, não dentro da curadoria, mas já dentro da conceção do projeto da casa.

O meu tema de curadoria passou a ser outro, continuando a ser um estudo sobre os percursos e as suas relações com a casa, mas que trocava o carro pela pessoa.

Este tema talvez tenha sido o escolhido, por ser um tema mais direto e bastante pertinente para o exercício adiante, mas que também poderá ter vindo da minha admiração e curiosidade pelos percursos no mundo dos jogos.

Tal como na vida real, nos jogos os percursos servem apenas para navegar da A para B, mas eles próprios podem também ser trabalhados para criar uma narrativa de significados e sentimentos, para marcarem o seu utilizador à sua passagem. Estes momentos podem ser criados de várias formas, através da inflexão no seu movimento para mostrar ou esconder algo da paisagem, ou através de um estreitamento desconfortável, que no fim abre para uma paisagem infinita, ou com múltiplas possibilidades de fazer o mesmo caminho quebrando a monotonia no percurso, gestos que servem para plantar espanto, encanto e curiosidade à sua passagem.

Dentro deste tema, foquei-me nas Formas de entrar em casa, no percurso relacionado com a entrada em casa, que compreende a distância entre a rua ou o portão de entrada, e a porta de entrada para o hall ou para o corredor de entrada, porque estudar todos os tipos de percursos, iria dar origem a um trabalho demasiado extenso, e porque à medida que fui aprofundando este tema, fui encontrando variados exemplos com diferentes características, que me iam interessando cada vez mais.

O meu interessante foi em mostrar que existiam outros tipos entradas, para alem da típica entrada tradicional, mostrando as suas características especificas e as suas variações, passando por algumas ações referentes ao próprio acto de entrar, e culminando nesta ideia de que algumas entradas servem como preparação para a nova atmosfera da casa. Através desta análise das Formas de Entrar em Casa, conclui que o acto de entrar em casa, é um acto rico por natureza e muito diverso, e que quanto mais rico em detalhes e em estranheza for este acto, maior será a nossa curiosidade em conhecer o que estará por de trás da porta de entrada.

O exercício seguinte, teve por base o texto do arquiteto Kazuo Shinohara, "A house is a work of art", que serviu de ponto de partida para a criação da nossa própria obra de arte, o desenho de uma casa.

Este processo começou num primeiro terreno atribuído para o desenho de uma casa, que foi trocado regularmente e de forma aleatória para todos os alunos, para que rapidamente reagíssemos a novas condições e a novos problemas, e que se descobrissem nessas novas circunstâncias.

Nestes exercícios, procurei sempre, de uma maneira mais concreta ou mais subtil, encaixar este tema do carro como escultura movel na paisagem, que pode variar na posição, e desta forma alterar a vista, bem como o uso de referências que fui encontrando e que me foram mostradas.

Percebi que é muito difícil para mim, desprender-me por completo do contexto dos projetos, o que não me permitiu adaptar-me tão facilmente a este desafio de troca de terrenos constante.

Por fim numa abordagem final, é pedida a criação da casa no terreno final, a Casa em Rampa.

Neste projeto procurei encaixei o tema do carro, e o tema da entrada como preparação para a atmosfera da casa da minha curadoria, mas é essencialmente uma casa que é altamente influenciada pelo seu contexto, que lhe dá a sua inspiração, as suas intenções e a forma ao seu volume.

Começando como um sólido que procura olhar as 3 vistas, e bloqueá-las aos olhares vindos do exterior, é moldado em forma de rampa, pela necessidade de ser elevado na zona norte de forma a esconder a construção vizinha na vista, e para contrastar diretamente com a inclinação da rua e com o muro de pedra. A sua forma em rampa suave, aliada à obsessão que demonstrei ter com o tema do carro, faz com que numa experiência limite o carro possa ser guiado por todo o seu interior, e posicionado como escultura na vista para ser parte integrante da paisagem, ou no seu interior como peça de arte. Esta experiência serviu de base como conceito, para a divisão interior do solido, onde o carro passa a ser o volume de ocupação, e a sua direção o que enquadramento que queria mostrar em cada área.

Um corredor, une duas áreas comuns, separadas pela área privada. De 3 gestos, nascem 3 paredes fortes, que separam, preservam e restringem as 3 diferentes vistas para cada uma das 3 áreas, gestos que também são refletidos nas 3 inclinações da cobertura.

A primeira área comum, é um espaço de entretenimento e espaço multifuncional com vista para o largo na área de entrada, com vista para a árvore e para o espaço do carro, onde o carro pode ser escultura movel na paisagem, a área privada ao centro, contém o espaço das casas de banho e dos quartos com vista para o terreno agrícola, e por fim a segunda área comum, a mais elevada, é o espaço de vivencia e da cozinha, que está em completo diálogo com a vista de excelência para a zona verde e para a cidade.

O corredor em rampa conecta estes espaços, e é todo ele um longo espaço vazio com jogos de luz vindos do teto, que foi pensado para poder ser preenchido como espaço expositivo, e que contêm um elemento de exceção na zona de paragem ao centro, um portal de betão maciço feito de parede exterior, que quando aberto, permite entrar em diálogo com o espaço da rua. É também no início deste corredor que está localizada a zona de entrada em casa, que é a mesma quer seja a entrada efetuada depois de estacionado o carro ou diretamente pela rua, que funciona como um filtro que separa o contexto exterior e que esconde as vistas, para que depois esta experiência de ver cada uma delas seja catalisada em cada espaço.

Do lado da rua fica esta estrutura mistério que em nada se parece com uma casa, com uma parede praticamente cega, e com a sua forma em rampa e de laje perfeita, que convida á curiosidade em descobrir a vista que existirá para lá desta estrutura ou no topo desta rampa, que contrasta diretamente com a abertura existente dentro de cada um dos espaços interiores para cada uma das vistas. É seguramente uma casa que pertence, que se agarra e que se adapta às condições deste lugar.

Acabo este ano letivo, ciente que estes foram apenas os primeiros passos neste longo percurso da criação do verdadeiro arquiteto, preparado e muito ansioso para começar a aprender a construir verdadeiramente neste futuro que me espera.

"os suspeitos do costume", arquivo colectivo
página 14 a 25

"os suspeitos do costume", arquivo colectivo
página 28 a 39

"os suspeitos do costume", arquivo colectivo
página 42 a 53

fotos do autor
página 56

carchitecture, houses with horsepower
página 56

3322 studio, suspended patio house
página 56

fujiwaramuro architects, house in takamatsu
página 56

valerio olgiati, office of valerio olgiati
página 56

fillie verhoeven architects, villa sg21
página 56

vitor vilhena arquitetos, house in alcalar
página 56

bernardi peschard, blancasmoran, house aa315
página 56

"os suspeitos do costume", arquivo colectivo
página 56

frederik de smet, house in kempische vaart
página 56

fala, casa garagem
página 56

"os suspeitos do costume", arquivo colectivo
página 57 e 58

adalberto dias, casa m.monge e j.coutinho
página 59

"os suspeitos do costume", arquivo colectivo
página 59

"os suspeitos do costume", arquivo colectivo
página 60 a 63

arx, casa em lisboa
página 63

christian kerez, house with a lakeview
página 63

"os suspeitos do costume", arquivo colectivo
página 68

"os suspeitos do costume", arquivo colectivo
página 78 a 80

rem koolhaas, house bordeaux
página 87

Fujiwaramuro Architects, House in Takamatsu
página 87

2001, fany house
página 88

cristián romeroresidência av
página 88

souto de moura, casa em moledo
página 88

frederico valsassina, casa em palmares
página 88

marcos bertoldi arquitetos, casa rb
página 88

studio zhu-pei, cube art museum
página 88